

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

IPATINGA (1950 -1957): Uma idéia sobre a história do município sem a  
presença da Usiminas.

GERALDO VINICIUS RIBEIRO FREITAS

IPATINGA (1950 -1957): Uma idéia sobre a história do município sem a presença da Usiminas.

**Trabalho de monografia requisito  
para obtenção do título de  
Licenciatura e Bacharelado em  
História pela Universidade Federal de  
Uberlândia, orientado pelo Profº Dr.  
Paulo Roberto de Almeida.**

Uberlândia

2009

## ***SUMÁRIO***

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	07	
 <b>CAPÍTULO I</b>		
<b>O CONHECIDO: selecionado e omitido</b> .....	11	
 <b>CAPÍTULO II</b>		
<b>AS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS POSSÍVEIS:</b>		
<b>Lembranças particulares e significados conjuntos.</b> .....	35	
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....		74
<b>RELAÇÃO DE FONTES</b> .....	80	
Publicações diversas de instituições .....	80	
Memórias .....	80	
Revistas .....	80	
Entrevistas .....	81	
Referências Bibliográficas.....	81	
 <b>ANEXOS</b> .....		83
Anexo 1.....	83	
Anexo 2.....	83	



*A Anatólio Oliveira Barbosa e Maria Weber de Oliveira  
(in memorian)*

## AGRADECIMENTOS

A Javé, senhor dos exércitos. A minha mãe, não tenho como medir, nem falar. Você é o imponderável em minha vida. A minha família. Tias Nazinha, Estela, Tana, Sosó, Maria, Terezinha obrigado. Agradeço a minha avó Francisca Dias Ribeiro (in memorian) por ter me criado até aos dez anos de idade de maneira exemplar e transmitido sua força.

Agradeço toda família Oliveira Barbosa: Anatólio Oliveira Barbosa (in memorian), Dona Bizuca (mentora intelectual de minha educação), Alano, Lucia, Tayla, Taynã, Kivia, José Heleno, Kirla, Iagor, Geisa, Jarbas, Raoni, Dayan, Tia Zulmira (pivô central desse trabalho), Tina, Arom, Leila, Damon, Kiona, Ronan, Helen, Suzel e Paulo pela recepção, amizade, natal e apoio durante tantos anos. Deus continue abençoando a todos.

A toda comunidade de Cristo Rei e Cristo Libertador. Dona Bernardina e José Calixto (in memorian). Anélie e família. Dona Elvira e Daíce. Maria das Graças Messias e Maria da Conceição Araújo. Aos confrades e consocias da conferência de Cristo Rei por aceitarem um presidente tão jovem quanto eu na época. Esse trabalho foi encarado com a mesma responsabilidade: entender o lado mais fraco. Ao meu padrinho Nivaldo, tia Rutila e tio Chico (in memorian), quando passava as férias no arraial São Pedro sempre me imaginava na velha Ipatinga. Ao senhor Firmo Lott e senhora Maria Aparecida Lott por me receber na sua casa com tempo e disposição, por aceitarem o registro de suas memórias e contribuírem para novas questões nesse trabalho, muito obrigado.

Aos amigos dessa não curta caminhada em Uberlândia. Davi, Gisele, Vinicius, senhor Rogério e Magda. Obrigado por receberem um recém chegado migrante.

A família Bessa de São Gotardo: Leandro, Alexandre, Poliana, Dona Diva e Vicente que, sem as vossas participações, os meus dias nessa terra seriam bem mais difíceis. Javé conceda sua luz sempre, obrigado.

Aos companheiros que após uma década ficarão sempre na memória: Agradeço Maltos Henrique Cardoso e família como irmão. Tadeu, Leon, Gabriel Thiago (Joel), Leandro Thiago, Tarcisio (boi), Cezar (Bizinoto), Gabriel (bixo), Marco Túlio, Paulo Renato, Gabriel, Carlinha de Belo Oriente, Andressa, Landa, Fauster, Vitor Junior,

Vitor Thiago. Boa jornada a todos. A Ronaldo, Reinaldo e seu Dercino. Não me esqueci de vocês. Tem volta. A Jaqueline Peixoto que aceitava conversar comigo quando o meu assunto era somente essa monografia.

Agradeço a João Batista toda paciência nas dificuldades burocráticas. Daqui pra frente acho que terá menos problemas com prazos de dilação.

A todos os professores do departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia em especial os que acompanharam o desenvolvimento nesses dez anos. Agradeço a professora Rosangela Patriota por ser boa conselheira em momentos incompreensíveis. Acho que consegui o que me aconselhou. A professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso, por me fazer acreditar ser possível escrever algo que se pareça comigo, obrigado. A professora Dilma de Andrade e Paula obrigado pela compreensão. A todos integrantes do Nupehkit em especial a Maria Helena e ao professor Sergio Paulo. A Renata Carolina Rezende pela amizade em todos esses anos e por aceitar o convite de participar dessa banca. Agradeço a Paulo Roberto de Souza por aceitar viajar a Uberlândia pelo motivo dessa monografia. Contribuindo assim para um melhor entendimento e reflexão sobre a história de Ipatinga. Ao professor Paulo Roberto de Almeida muito obrigado por depositar confiança nessa pesquisa e possibilitar uma orientação que serve para vida, enfim, por dividir sua experiência. Também por ter me defendido sem que soubéssemos o acusador e por fazer acreditar que uma carreira era possível. Obrigado por ser franco. Minha amizade sempre.

Sempre corremos o risco de esquecer quem é importante. Por isso quero agradecer a uma pessoa duas vezes. Quero agradecer a amizade do senhor Anatólio Oliveira Barbosa mais uma vez. Ele foi a primeira pessoa (e durante muito tempo a única) a dizer que iria fazer faculdade. Apresentou-me a parte mais antiga da cidade pela primeira vez: a geografia e a história do Barra Alegre. Foi um grande amigo. Quando partiu para casa do pai foi doloroso, sem sentido. No que eu poderia retribuir pelo que fez por mim e minha mãe é difícil analisar. Sempre estarei em dívida. Por que devemos satisfação a quem gostamos muito. Ele foi embora, mas a amizade de sua família permanece como a maior relíquia que irei guardar de minha infância. Mais uma vez obrigado.

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é fruto de um processo de orientação iniciado há dois anos. No decorrer desse tempo várias questões amadureceram e diversos caminhos foram tentados. O que podemos constatar foi que a quantidade de fontes trazidas ao debate dimensiona um volume de questões que não se esvazia facilmente. Contudo não trago possíveis avanços a esse trabalho. Quero me concentrar nas dificuldades. Essas serão mais bem observadas nos dois capítulos.

Tinha dificuldade em delimitar o recorte que me deixaria em posição mais confortável dentro do universo de questões referentes à história de Ipatinga na década de 50 e 60. Primeiro queria uma abordagem que acrescentasse alguma coisa ao debate, mesmo que seja um detalhe que escapou as perguntas ou as análises anteriores. Isso era uma ambição a meu ver nobre. Entendia através do diálogo inicial com as fontes que muita coisa vem sendo esquecida ou menosprezada. A este fito tive como critério nortear esse trabalho procurando escrever uma narrativa sobre a história de Ipatinga destacando o Barra Alegre como uma referência importante que se apagou durante os anos. O texto que segue procura demonstrar alguns problemas em se escrever a história do município de Ipatinga na década de 50. Um dos problemas que nos preocupa é o fato da região mais antiga da cidade ter sua história narrada com menos importância. Existem motivos lógicos. Mas é uma lógica que não satisfaz uma concepção de múltiplos agentes construindo uma história que em sua primazia é contraditória. Temos clareza que parte da dinâmica do município anterior à construção da Usina Intendente Câmara se perdeu dos relatos. O que presenciamos são relatos mínimos. O que prevalece, deixa margem a entender que essa parte da história de Ipatinga é uma parte de pouca importância.

Ocorreu que buscando as questões encontrei parte de minha trajetória, meu lugar social. Isso pode acarretar um discurso que foge ao tratamento que a historiografia exige. Essa foi a segunda dificuldade do texto, pois era exigência do problema. Quando preocupado em qual seria o recorte me confessei interessado em escrever sobre os moradores de Ipatinga que vieram antes da Usiminas. O professor Paulo Roberto de Almeida me motivou nessa direção. Por achar inconcebível tal texto ser produzido a esta distancia que mantenho de minha cidade natal procurei antes o distanciamento de tudo que remetia a Usiminas. Esta foi uma das



impossibilidades teóricas do início da escrita, verificou-se até o presente momento, expomos para buscar novos caminhos no futuro. Na verdade ocorreu uma dificuldade de composição de fontes. Conhecemos uma parte considerável de moradores de Ipatinga que chegaram à região anterior à construção da siderúrgica. Mas até esta data não conseguimos um montante de material específico desta proposta. Ficamos então limitados as mesmas fontes que se posicionam em relação a Usiminas. O que exigiu trabalhar muita coisa que aparentemente foge do texto. Em sua maioria tendem a relatar o centro como região de carvoeiros. Em poucos relatos fala-se do Barra Alegre. Uma alternativa foi o registro da memória de Zulmira Barbosa. Esta senhora é filha do primeiro vereador de Ipatinga, o senhor Jose Anatólio Barbosa, fazendeiro residente no Barra Alegre anterior à década de 30. Para entrarmos nesse debate precisaríamos apresentar a localidade, suas características, o que é singular de Ipatinga. Isso é feito nos dois capítulos, mas de diferentes maneiras.

No primeiro capítulo me propus em relatar parte das versões sobre a história de Ipatinga. Tinha como caminho o seguinte trajeto: criar um panorama dos relatos sobre o início do município demonstrando que algum detalhe se perdeu nas versões. Mesmo algumas coisas se cristalizam sobre a aparência de discurso hegemônico. Tentava com isso mostrar alguns pontos que merecem ser revistados. Mas pode parecer esforço inútil se não esclarecer que no capítulo um apresentei o que me foi oferecido como história de Ipatinga e que a meu ver pode ser interpelado por outras questões. A Ipatinga anterior a 1955, do vilarejo de “Água Limpa” no Barra Alegre e da vila perto do trajeto da EFVM.<sup>1</sup> é a parte que nós esforçamos em entender. Existe uma diferença de posições entre esse trabalho e o caminho escolhido por outros autores. Essa é a impressão que guardo relendo-o recentemente. Penso poder explicar melhor expondo os caminhos que Paulo Roberto de Souza<sup>2</sup> utilizou na sua dissertação de mestrado. Paulo Roberto constrói a problemática sobre Ipatinga nos anos 50/60 através de três direcionamentos: o capítulo um intitulado *Em busca do Eldorado*, demonstra as diversas formas de recrutamento para se construir a Usiminas assim como a evidência de caminhos diferentes, de gente que se aventurava somente pela notícia de sua instalação, ou seja, sem ter certeza de conseguir emprego imediatamente. No segundo capítulo discute as formas e o processo de construção de uma cidade feito às pressas e com demanda atrasada sempre. No terceiro capítulo, ele direciona a narrativa de forma a demonstrar o campo minado de forças se rivalizando no início da construção da Usiminas e urbanização da cidade. De maneira

---

<sup>1</sup> Estrada de Ferro de Vitória a Minas.

<sup>2</sup> Souza, Paulo Roberto de, 1954 - Cultura, Trabalho e Conflitos em Ipatinga nos anos 60 /Paulo Roberto de Souza. – Uberlândia, 2007.

mínima esse é o caminho proposto por Paulo Roberto de Souza em seu trabalho. O que nos possibilitou outros caminhos. Queríamos falar de fatos que a primeira vista são tidos como menos importante no que era preciso contar da história de Ipatinga, sua região mais antiga, o Barra Alegre. Paulo Roberto queria chegar o mais próximo do ambiente do massacre. O caminho difere na divisão mesmo dos capítulos por esse fato. Ele tem caminhos que se assemelham, pois para falar de Ipatinga é necessário entender e apresentar uma imagem que choca qualquer um: a construção da Usiminas. Esse é o fato mais importante da história do município. Mas essa construção não diz nada sobre o que era Ipatinga antes de 1955. O que diz é feito de maneira residual. No primeiro capítulo dessa monografia a discussão é essa.

Para iniciarmos qualquer discussão sobre Ipatinga dos anos 50 e 60 é necessário entender o que era a vila antes disso. O que é narrado nas memórias produzidas anteriormente não nos satisfaz como possibilidade de análise. Não avançamos em direção a surpresas teóricas. Mas podemos sistematizar as fontes de modo a pedir outras questões. Queríamos construir um debate que falasse pelo menos isso: o Barra Alegre também é importante nesse contexto. Dentre os acontecimentos mais importantes de uma história de Ipatinga sem a presença da Usiminas vemos o assassinato de João Valentim Pascoal. Esse foi um caso isolado. Mas por ser trágico é narrado de uma forma peculiar. Podemos ver uma imagem mais dinâmica do município no início da década de 50. Pelo menos uma narrativa com início, meio e fim. O que na história deste município é referenciada sobre a forma de cronologias dos marcos de construção. Procurávamos uma dinâmica social que não estivesse vinculada a Usiminas.

No capítulo dois defendemos o distanciamento desses vínculos através da geografia do município e a reflexão sobre certas forças políticas anteriores e posteriores a construção da Usina Intendente Câmara. Trouxemos uma reflexão mais direcionada para a publicação Homens em Série. Essa publicação da prefeitura de Ipatinga lançada em outubro de 1991 é uma das referências básicas produzidas sobre a memória do município. Tentamos minimamente esclarecer que, as memórias, muitas vezes têm mais a nos dizer sobre os sentidos e as formas de nos posicionarmos no mundo do que narrativas factuais diretas e precisas. Não foi talvez o melhor caminho, mas, lidava com um material que carecia de esboço bem detalhado do tempo em que foi produzido. Pois eram anos de grandes questões políticas para cidade. A publicação Homens em Série apesar de optar por uma parca neutralidade oferece um repertório rico e demonstra as vozes dissonantes na sociedade de Ipatinga ao longo de vários anos.

Não tivemos o êxito pretendido: à possibilidade de se construir uma história de Ipatinga sem a Usiminas. Mas, em algumas páginas o seu nome é esquecido e podemos demonstrar que existe ainda alguma coisa que escapa a sua influência direta. Nem que seja o fato de que, nas eleições municipais de 88, seu projeto político perdeu espaço para um governo de base. Isso se perdeu na década seguinte. Também o fato, utilizando-se da afirmação de certos moradores, que existe uma “cidade da Usiminas” e uma “cidade sem Usiminas”. A cidade “sem” é maior em população, tempo e espaço.

O trabalho de confecção do texto terminou antes que o mesmo pudesse digerir um volume de questionamentos que transmitissem certas reflexões de maneira mais sintética e mais direta. Mesmo assim esse trabalho não pode ser apresentado como motivação de uma experiência de militância nos círculos de reflexão das comunidades eclesiais de base da paróquia de Cristo Rei. Ele é fruto de uma experiência particular e motivado por essa. Mas somente seria possível em uma orientação plausível que existem formas variadas de se orientar alguns debates. A forma que me utilizei parece confusa. Pois antes tudo descrevia uma cena ou um problema dizendo que estava faltando algo. Espero ter sido claro pelo menos na identificação das lacunas, das dificuldades e ao fato de que direção queria chegar.

O presente trabalho na verdade é um conjunto de questões que na minha época de adolescência eram discutidas dentro dos salões paroquiais de Cristo Rei. Hoje isso não existe aos mesmos moldes. Com o ingresso na faculdade de história da Universidade Federal de Uberlândia tive essa oportunidade: refletir sobre a história do município que nasci de forma a acrescentar à agenda de reflexões algumas questões que guardo dificuldade em me orientar. Mas que também considero importantes de serem compartilhadas.

## CAPÍTULO I - O CONHECIDO: SELECIONADO E OMITIDO

*Amo o colosso gigante.  
Desperto no seio de Minas  
Erguido em massa possante  
Na grandiosa Usiminas!  
Amo teu nome Ipatinga  
Transportado ao Oriente  
Levado de nossa história  
Ao País do sol nascente  
(Trecho do Hino de Ipatinga) <sup>3</sup>*

O verso foi composto por duas educadoras<sup>4</sup>. Uma foi diretora do colégio estadual mais antigo da cidade e sua parceria fora uma professora de piano, ambas na época eram membros do Rotary Club. O tom sempre grandioso dos Hinos, exaltando os pilares que estabeleceu a união dos comensais, exortando aquilo que melhor constitui o grupo. Curioso que o Hino em questão é de uma cidade e nesse fragmento aparecem duas citações: a uma empresa e a um país, a empresa Usiminas e o país Japão. O que dizer da história de uma cidade que no hino dedicado ao município aparecem simultâneos o louvor a uma empresa e a amizade de país estrangeiro. Isto diz respeito a um processo do capitalismo mundial que, no final da década de cinquenta mudaria para sempre a paisagem, viveres e ambições dos moradores de um povoado perto de uma parada dos trens da Estrada de Ferro Vitória-Minas<sup>5</sup>. Este povoado em questão se tornou a cidade de Ipatinga, conhecida por abrigar uma das mais lucrativas siderúrgicas da América Latina, a Usiminas. A empresa foi fundada em um acordo nipo-brasileiro assinado em 1956. Deixou gravado seu nome na história da cidade. Isto, refletido em monumentos, notícia de jornal, a facilidade em se avistar no perímetro urbano, sua inegável posição econômica, na educação para o trabalho, no hino do município, sua presença no cotidiano de quase todos e para não se esquecer “O Massacre”.

Tendo em vista que das fontes possíveis, a maior parte necessariamente cita as Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais, utilizei então, como partida a possibilidade de se escrever uma

<sup>3</sup> Hino ao município de Ipatinga

<sup>4</sup> Maria Weber de Oliveira e Ana Letro

<sup>5</sup> Em princípio o nome do lugar era “Água Limpa”. Existem pelo menos duas versões sobre o nome de Ipatinga. Essas versões estão inseridas no texto.

História da cidade onde a presença da Usiminas não fosse tão notada. Tal presunção, foi esvaindo pelas poucas possibilidades de viajar a Ipatinga, além de que não sou indicado a tal coisa. O que tento dizer é, em Ipatinga onde se recorre sobre a história da cidade a diversos interesses envolvidos, todos pensados sobre a lógica do capital giram por décadas no interesse da Usiminas. Há sempre a tentativa de pressão por parte dos demais segmentos sociais, esta, encontradas em diversas publicações, via Igrejas, jornais, prefeitura e SINDIPA, onde expressam as divergências e tensões ao longo de décadas. Sendo assim, de um fragmento se faz um todo, ou como na fala do senhor Firmo Lott: ***“é eu vim pra fichar aqui, quando eles falaram comigo que era pra mim fichar, que era uma companhia muito boa, que de uma agulha fazia um avião”***. Essa também era minha impressão, pois qualquer que fosse este recorte ele me conduziria às narrativas de pioneirismo, sendo esta cidade ainda tão jovem em relação às demais da região metropolitana. O que sugere estas narrativas não consegue se desvincular da Usiminas e nem dimensionar as possibilidades de análise de um passado relativamente recente e acometido de um choque social, até então desconhecido na região.

Se o presente é fruto das decisões do passado, não havia para mim ponto a principiar esta escrita senão nesta lógica. Mesmo porque, se quisesse outro caminho falaria do governo Chico Ferramenta em 1989. Logo, soneguei uma discussão de quatro décadas que não domino a terça parte. Os processos decorridos apesar das continuidades e descontinuidades estão como as “Chagas de Cristo”, a exposição pública!

Em virtude do processo de orientação percebi que parte destas pessoas está viva e lúcida. Entretanto, nessa temporalidade, o ano de dois mil e oito, portanto já não cabia a pretensão de escrever sobre “Ipatinga antes da Usiminas”. Entendi então que o ego de certas questões intimida os pensamentos, e que a procura de um ano e meio se resumiu em emprestar minha escrita para que conterrâneos e comensais falassem sobre como este processo atingiu suas vidas, nisso suas falas também me atingiram, o que não posso me isentar, pois pertenço a este processo. Para regular, existe a historiografia.

No decorrer das orientações tive acesso ao livro “Muitas Memórias, Outras Histórias”, este é um conjunto de artigos que sugere uma pausa para reunião e balanço dos debates realizados em torno do Projeto Procad. A luz do que se discuti na introdução escrita a três mãos, estas em questão professoras do Departamento e do Programa de Estudos Pós-graduados em história, PUC São Paulo, Prof. (a) Dr. (a)s Déa Ribeiro Fenelon, Heloísa Faria de Cruz e Maria do Rosário Cunha Peixoto, procuro entender as dimensões deste tipo de trabalho em relação à escrita da História. Principalmente a responsabilidade com a formação, não entendida em sentido de dar forma. Almejamos uma formação conjunta.

Nesse sentido, orientei minha pesquisa refletindo sobre:

*Ao lidar com muitas memórias e tentar avançar na produção de outras histórias, o grande desafio que nos coloca é o de empreender o caminho de volta. É o de questionarmos a natureza e o lugar social de nossa atividade profissional e de nossa escrita<sup>6</sup>*

O que me leva a concluir, diz respeito a que História, ou Histórias gostaria de ver sendo discutida, investigada, revisitada em contato esclarecido das posições políticas dos homens no universo possível de acordos unilaterais e regras de sobrevivência, em que memória e história são campos riquíssimos para questionarmos estas disputas.

Prosseguindo nessa premissa:

*De uma maneira ou de outra, na discussão necessária sobre aceitar esse tipo de categoria, alguns de nós insistíamos que adotá-las não significava negar a contradição, negar o conflito, negar a busca de ver essas diferenças e essas diversidades surgindo como resultado de embate de forças sociais, de campos que se opõem, de campos que se complementam. Achamos então que esse nó ainda esta presente nos nossos trabalhos, embora haja uma linha que acompanha a maioria deles: a busca de vencer estas resistências. É nossa intenção acentuar que essa opção de valorizar os sujeitos históricos (...), aparece como o grande substrato das memórias das quais estamos falando: era isso o que estávamos tentando buscar e, por essa razão, a categoria cultura, melhor dizendo culturas, é aqui tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes e, portanto, associada a diferentes tipos de realidade.<sup>7</sup>*

O que posso dizer é, tal referencial disponibilizou melhor entendimento das questões relativas ao tema. Como as fontes históricas consultadas são fruto de uma seleção, organização e disputa política e intelectual da qual somos vitimados na recepção e com a qual devemos nos orientar com a melhor clareza no processo de continuidade dos debates, o que alguns afirmam como “retransmissão do pensamento”. Possibilitou uma visão que não embasasse na miopia dos classismos de interesses ideológicos distintos, e vislumbasse um universo de recursos e regras de sobrevivência diárias das quais não dispusemos de “laboratórios de análise” para afirmar com certeza. Nas entrevistas utilizadas e demais fontes existem contradições. Ora o momentâneo esquecimento que deixa inoperantes direções, a presença do agora influenciando o ontem e a omissão.

Nesse sentido, tendo o perfil do material obtido, pudemos entender que a melhor posição seria conduzir esforços sobre os anos entre 1950, criação do distrito de Barra Alegre e 1963; com o massacre de Ipatinga aconteceu um redirecionamento na relação da Usiminas com a cidade, esta pensada no plural. Plural é o elenco dos habitantes, nisso suas estratégias

<sup>6</sup> FENELON, Déa et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

<sup>7</sup> FENELON, Déa et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

de sobrevivência. Plural são as relações estabelecidas dentro e fora da Usina. Tensões somadas do vilarejo antigo, da cidade desejada ou deduzida, somada ou dividida, estabelecida ou apagada. Penso no concebido e no mesmo movimento o imponderável. Se o que prevalece é a relação, memória de Ipatinga, a cidade, é direcionada pela importância da chegada da Usiminas, vamos discutir essa chegada, pois somos em certos pontos reféns dessa narrativa. Mas devemos introduzir o debate, não reduzir a temática a este. Dentro do possível, que nos importa é o período sem a siderúrgica, depois de 1950, durante a construção e a véspera do massacre. Se a importância da Usiminas se confunde com a da cidade, se a construção da Usiminas se confunde com a cidade o que me resta a concluir é: vamos refletir sobre a construção da Usina e o que é defendido como modelo de cidade. Parte dessas questões pode conduzir o debate ao imponderável momentâneo, quando feito é por necessidade da pergunta, não da resposta. Como das fontes surgem questões, mesmo que existam questões sem fonte, precisamos do máximo que permita entender Ipatinga, sem Usiminas e com Usiminas.

Esta narrativa carece de diversos movimentos, para diversas fontes e diversas questões. O que sugerimos ao restante dessa redação é apresentar um pouco das características do Vale do Aço no seu contexto que é o Vale do Rio Doce. Com isso narrar um pouco do que foi a construção da Usiminas em Ipatinga e simultaneamente nos questionarmos sobre o que ocorreu sem sua presença. Isso foi a principal dificuldade. Para esse movimento foi necessário utilizar o capítulo para demonstrar também porque ela é tão importante para Ipatinga. Porque ela é seu principal cartão postal desde a década de 60.

Para dar continuidade esta narrativa precisa lhes informar dos fatos e estes são descritos numa cadeia “natural” de relações. Em algumas fontes corremos o risco do erro, entre esses, como se na região do vale do aço existisse a priori uma vocação ao ofício da Siderurgia (recursos energéticos: rio doce e piracicaba/usina de Sá carvalho; de matéria prima: disponibilidade de minerais ferrosos e por fim escoamento: Estrada de Ferro Vitória a Minas; isto para justificar a escolha do lugar para instalação da Usiminas). Tal cadeia “natural de relações” pode ser vislumbrada em epígrafes como:

*Essa exportação só é possível pela Estrada de ferro Vitória a Minas, porque da região do minério vem o rio doce, como se o creador tivesse querido mostrar aos brasileiros o caminho para a exportação daquela enorme riqueza com que ele os favoreceu.*  
(João Teixeira Soares, do relatório da Cia. Estrada de Ferro Victória - Minas, 1912.)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> ARARIPE, D. de Alencar. *História da estrada de ferro Vitória/Minas (1904-1954)*. Rio de Janeiro, março de 1954.

Esta “naturalidade” contida nesta epígrafe, diz respeito ao relatório demonstrando a viabilidade técnico-financeira da EFVM, em período que a procura do mercado mundial pelo minério de ferro vinha crescendo progressivamente, no entanto a própria EFVM não tinha suas dimensões finais, adquiridas em meados da década de 40, com o emcampamento pelo governo e criação da Companhia Vale do Rio Doce. Baseando um corte temporal em virtude da data desta epígrafe, é para esta pessoa impossível. No entanto existem trabalhos recentes sobre a região, no tempo em que ali existiam os índios Botocudos, trabalhos estes de Pós-graduação Meu viés não iria tão longe, cito pelas cronologias possíveis, também por uma apresentação de características regionais. Nas fontes consultadas existem focos narrativos iniciais, estes a dar exemplo de uma publicação de fácil acesso (no caso a Biblioteca Municipal “Zumbi dos Palmares” e outras escolas, centros comunitários) com nome *Vale do Aço 2000-Um século de Vale*. Nele e também no Histórico de Ipatinga (um subsídio da Prefeitura municipal adquirido na Estação Memória) os relatos de povoamento da região onde fica Ipatinga, principiam pela presença desta Nação Indígena:

*Há muitos anos, os indígenas que habitavam as terras de Minas Gerais descobriram um lugar onde as nascentes formavam belas lagoas, os cursos d água nasciam em toda parte e o barulho das cachoeiras se misturavam aos sons dos pássaros, irrompendo o silêncio das matas. Um desses exuberantes lugares, os índios deram o nome de **Ipatinga**, que em Tupi-guarani, significa “pouso de água limpa”. Estes índios eram os Aimorés, que em guerra com os tapajós se refugiaram na densa mata atlântica, e foram se distanciando de tudo e de todos até se tornarem os hostis botocudos, uma grande nação indígena que se subdividia nas tribos dos puris, coroados, macomis, naknuk, zamplans etc., ocupando uma vasta região de matas, às margens dos rios Piracicaba (rio sem peixe ou de peixe pequeno), e Watu (rio largo ou doce).<sup>9</sup>*

O Diário do Aço é responsável por esta publicação, jornal este de grande circulação na cidade. No conjunto das reportagens sua intenção é de contar a História de um século do vale do aço, a este feito se lança no formato reportagem de revista, várias enquetes como: *Expedições seguiram o curso do rio doce-primeiros bandeirantes entraram pelo rio em busca de riquezas e de escravos, A luta e resistência dos botocudos, Ipatinga - a evolução política, Siderurgia - o sonho e a realidade; Usiminas concretiza o sonho desenvolvimentista dos mineiros, Fatos importantes dos Últimos vinte anos-crimes, tragédias, catástrofes, violência e impunidade no vale do aço*. Mais a frente nos aterá outra reportagem desta edição<sup>10</sup>. No entanto o trecho acima, que relata uma das versões do nome Ipatinga, as etnias indígenas como também a paisagem e o nome dos rios tem como título: *O começo de tudo - no princípio, eram as matas fechadas, os ferozes Índios Botocudos e uma guerra cruel*. Nele tem

<sup>9</sup> VALE DO AÇO2000 - *Um século de vale*. Uma publicação do Diário do Aço, Ipatinga/2000. p.6.

<sup>10</sup> HOMICÍDIO Nº1 *Assassinato de João Valentim Pascoal inaugura uma Série de crimes e impunidade no Vale do Aço*. Vale do Aço2000-Um Século de Vale - uma publicação do jornal Diário do Aço. Ipatinga 2000.



o que eu chamei de marco de fundação, isto não entendido como conceito, sim formulação genérica, e não minha, do jornal: “o começo de tudo”. Não temos meios apropriados para dimensionar a presença indígena na região. Esta reportagem assim como outras desta edição, provavelmente foram baseadas em coletâneas sobre História de Minas como a de João C. de Oliveira Torres. Encontramos informações narradas de maneira parecida também em trabalhos como o de Delencarliesse de Alencar Araripe, um engenheiro da EFVM que narra com riqueza de dados os passos da ferrovia, desde a criação da Companhia, também desde a animosidade dos índios com sua implantação. Estas duas obras, que referem à história de minas e especifica a EFVM, podem ser encontradas na biblioteca em Ipatinga. A Estrada de Ferro Vitória a Minas teve em Ipatinga sua primeira estação:

*... a de Pedra Mole, inaugurada em 22 de agosto de 1922. Inaugurada a Estação, o primeiro a fixar pouso foi Waldemar de Almeida Barbosa, (cit) José Fabrício Gomes, desbravador de matas, que se apossou de uma área de terrenos e matas virgens, cuja área abrangia o local onde hoje é Ipatinga, com a intenção de explorar madeira. Pouco tempo depois, a posse foi passada para José Cândido de Meira, tendo este aumentado a atividade de extração de madeira. Posteriormente, Alberto Giovannini formou no local, uma fazenda de gado, tendo construído boa casa e, nos terrenos férteis o cultivo de lavoura, atraindo colonos para este trabalho. Em 1930 o trajeto da estrada de ferro foi alterado. A Estação de Ipatinga (atual Estação Memória) foi construída a partir de 1930 para substituir a de Pedra Mole, que desabou em virtude da instabilidade do terreno. Ao redor da estação Ipatinga, surge o povoado.*

*O engenheiro Pedro Nolasco, um dos responsáveis pela construção da ferrovia, ao inaugurar a estação intermediária nas proximidades do rio doce, deu a ela um nome artificial, unindo os topônimos Ipa, de Ipanema um ribeirão vizinho e tinga de caratinga (Barbosa: 1995:154) por serem ambas as palavras de origem indígena pode até ser viável especular um significado para o topônimo como sendo lagoa clara ou lagoa de águas claras, mas é fato que o nome possui natureza artificial, dada em virtude da estação<sup>11</sup>.*

Bem, devemos ver esse trecho, extraído do dito histórico, pelas paisagens que constrói. Também por uma afirmação “*mas é fato que o nome possui natureza artificial*”. Esse histórico me foi oferecido na Estação Memória. Ele fala inicialmente das datas em que foram construídas as estações férreas, e identifica a data de 1922, porventura, a de instalação da estação de pedra mole com a chegada de Jose Fabrício Gomes, “*desbravador de matas*” e Waldemar Almeida Barbosa, “*o primeiro a fixar pouso*”. Esses senhores então podem a meu ver serem entendidos como pioneiros, e para não se esquecer da importância do “pioneirismo” para a cidade são recorrentes nos textos sobre, e a eles tem um clube na cidade. No entanto, os pioneiros que se dedica um clube não são os mesmos que citamos: são os responsáveis pela construção da Usiminas e “conseqüentemente” a da cidade.

---

<sup>11</sup> Histórico de Ipatinga – subsídio da secretaria de cultura, esporte e lazer. Departamento de cultura. Estação Memória Ipatinga, MG, 2006.

Esta visão, “de quem tava no início”, obscurece as possibilidades de entendimento sobre o que representava a região. Vejamos: primeiramente, cita o nome de quatro homens; os três iniciais estão interessados em extração de madeira e o quarto constituiu uma fazenda. É sabido que três homens não se interessariam em extrair madeira sozinhos nesta mata tão densa, inda a concluir que o texto afirma que um entregou posse para o outro; o quarto também não manteria uma fazenda sozinha, de gado e plantio de lavoura, tanto que só neste último aparece esta citação “*atraindo colonos para este trabalho*”. O fato de que havia pessoas na região é obvio. Quantas? Impossível precisar, não consideravelmente. Para se ter uma idéia, nos atendo ao tempo cronológico dos atores envolvidos na citação, 1930. Esta é uma data tanto quanto aproximada da construção da Fazenda Esperança, cuja sede fotografei e pude realizar entrevista com suas moradoras Tina e Zulmira Barbosa:

**Entrevistador:** *Tia Zulmira, aquele negócio que a gente tava conversando, pode ficar a vontade. É, lembrando, a senhora mora ali perto no Barra Alegre. Tinha quase que casa nenhuma aqui né, quando vocês mudaram para lá? Como é que é que tinha aqui, o povo?*

**Tia Zulmira:** *Do lado de cima ali a pracinha é... Meu tio morava é... Morava ali... então ele tinha um comércio né, falava secos e molhados que falava né... Não é isso... aí tinha aquilo ali e meu tio morava com o pai, que é o pai da Selma e... até ele era irmão do meu pai e a tia era irmã da minha mãe né. Meu pai fez o casamento deles aqui e tudo e eles morava ali e nós morava... nós já morava aqui... isso aí é mais tarde...*

**Entrevistador:** *Nessa casa?*

**Tia Zulmira:** *Nessa casa não... nós morava na outra casa, naquele lugar ali... ali que nasceu os menino... aqui... aqui só nasceu... eu num lembro se é um só...*

**Entrevistador:** *São dezesseis irmãos não é?*

**Tia Zulmira:** *é não, nasceu um punhado aqui, mas aí... não da Neuza pra cá nasceu, a Neuza tava com vinte e dois dias.. Tem sessenta é... Acho que sessenta anos. Ela nasceu em 37... A Neuza ta com setenta ano... quantos anos em?*

Este é o início da entrevista, onde Zulmira Barbosa identifica a data de construção da sede da fazenda com o nascimento da irmã mais nova: *a Neuza tava com vinte e dois dias (...)* Ela nasceu em 37. A entrevistada organiza a sua memória em função de uma relação de família, esta relação se torna um “marco” definidor de seu tempo vivenciado. Houve tal seleção que ocorre a certificação em minúcias: “*a Neuza tava com vinte e dois dias*”. Estes são recursos freqüentes quando lidamos com estas memórias, para atestar o que foi dito o entrevistado faz uso de um “*termo de precisão*”. Veja bem não estou duvidando da capacidade de retenção de acontecimentos e datas que Zulmira Barbosa possa ter inócuo ao seu ser. Porém, a data em questão é 1937. A entrevistada não tinha quinze anos. Seria, em se tratando da história de Ipatinga um relato muito preciso. Digo isso pensando que, no centro da cidade existe uma avenida pelo nome 28 de abril, esta homenageia a data de emancipação política da cidade, porém esta ocorreu no dia vinte e nove. Para que mexer no que todo mundo já se acostumou? A dizer também, há disputa sobre a origem do nome Ipatinga expressa na

oração: “*mas é fato que o nome possui natureza artificial*”, e esta “*natureza artificial*” ofertada por Pedro Nolasco, engenheiro mais famoso da construção da Vitória-Minas. Esta afirmação diverge com a versão de matriz indígena cuja tradução seria “pouso de Água Limpa”. Devido à diversidade de interesses envolvidos na disputa pela memória social da cidade, não me admira que Zulmira Barbosa esteja correta em relação ao dia do nascimento da irmã em virtude da mudança da casa, mesmo porque tem o registro civil e de propriedade que não foi disponibilizado pela irrelevância. Quando lidarmos com o restante das entrevistas e fontes escritas, tal precisão urge ser questionada. Prosseguindo, a distância temporal entre a fazenda de Alberto Giovaninni e a “Fazenda Esperança” é de sete anos. Zulmira afirma que eles já moravam no Barra Alegre (Água Limpa) antes de 1937. Aliás, comecei a preparar o gravador no momento que conversávamos sobre a existência de uma Olaria vizinha a casa que a família morava antes da fazenda, o que me deixou curioso, pois são poucos os registros sobre o que se ocupavam os habitantes dos povoados. Digo no plural por que estas duas fazendas estão um tanto distanciadas na geografia na cidade: a primeira se localizava em área onde hoje é o centro; a Fazenda Esperança onde hoje é o bairro Barra Alegre. Estas constatações vêm reforçar o que disse: existiam mais que pioneiros; não que eram populosas, mas certos atores sociais foram negligenciados, omitidos ou simples e infelizmente desapareceram da memória coletiva institucionalizada. Existem muitos bairros circulando a área onde foi construída a Usina Intendente Câmara, estes crescerem em consonância a Usiminas e suas progressivas expansões, por isso disse: “*a facilidade em se avistar no perímetro urbano*”.

A partir de agora pretendo demonstrar uma característica peculiar de Ipatinga. Sua principal empresa está localizada no centro urbano e administrativo. Na verdade ela é tão grande que 9% da área urbana do município pertencem a suas maquinarias<sup>12</sup>. É a siderúrgica mais lucrativa da América Latina.

Na próxima página mostraremos foto da Praça Três Poderes, em Ipatinga. De cidades que expandiram com o ritmo das empresas siderúrgicas, na região do Vale do Aço e Quadrilátero Ferrífero: Timóteo, a ACESITA (Aços Especiais Itabira S.A.) fica localizada no trevo de acesso à cidade, ou seja, é a primeira imagem avistada por quem chega sentido BH-Vitoria; João Monlevade, a Cia. Belgo-Mineira também de maneira peculiar foi construída na colina, a seus pés o bairro São Jose Operário, com a Igreja Matriz de mesmo nome em posição central, o destaque.

---

<sup>12</sup> USIMINAS. *Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A.* Relatório: Trabalho em Turnos. Chefia Geral da Usina. Agosto de 1984. Ipatinga, MG



(Acervo do Autor)

A posição da Usiminas ao fundo, não só é curiosa, as perguntas não se limitam a sua presença tão próxima a Prefeitura, Câmara dos Vereadores e Fórum. A parte vizinha é a Coqueria. Essa fumaça é o resultado da combustão de carvão mineral para extração de coque. Não é uma área administrativa da empresa, é das áreas, uma de insalubridade máxima no regimento das leis trabalhistas. O prédio localizado à esquerda da foto, abaixo das duas chaminés não pertence à Usina Intendente Câmara, é o Fórum.

Haja vista que uma de suas áreas mais insalubres, a Coqueria, fica a poucos metros da praça três poderes e da Estação Memória, onde se constituiu o vilarejo antigo. Nesse sentido, mesmo em bairros que não se disponibilizam portarias a funcionários da usina ela pode ser avistada. À medida que se distancia do centro da cidade suas chaminés vão sendo progressivamente encobertas pelos morros característicos, as alterosas. Então pelo menos sua visão fica encoberta, mas sua presença hoje não se encobre tão facilmente. O lema escrito no emblema da empresa diz: *Sempre presente e Atuante*.

Essa presença existe desde aproximadamente 1957, quando chegam à cidade os trabalhadores das empreiteiras. Muita coisa surgiu posterior a isso dentre essas coisas o *favelamento precoce*, me utilizando das palavras do ex-prefeito “Chico Ferramenta”, na apresentação da publicação *Homens em Série*.

Preparamos uma seqüência de fotos com o intuito de apresentar o debate sobre as características urbanas da cidade. Isso ajuda pelo menos esclarecer alguns pontos fundamentais sobre a comunicação urbana entre a siderúrgica e a cidade.

A primeira foto, na próxima página mostra o centro nos anos 60. Nesse momento, em ocasião do processo de construção e crescimento da Usiminas, vemos um amontoado de barracos de madeira. Estes barracos são em grande parte de madeira dos caixotes que transportavam os equipamentos da Usiminas.

Esse processo é decorrente da chegada das empreiteiras a região. Parte destes trabalhadores conviveu com os primeiros habitantes que, pela caracterização do conhecido superficialmente, se ocupavam de lavoura e extração de madeira para alimentar os fornos da Belgo-Mineira, em João Monlevade.

Se aquele morro mostrado ao fundo da fotografia, com uma fileira de Eucaliptos a esquerda da foto, for o morro onde hoje está localizado o Colégio Assedipa. Esta faixa escura abaixo do morro é provavelmente uma locomotiva com vários vagões rumo a Estação de Ipatinga, atual Estação Memória Zeza Souto. Abaixo, a esquerda da foto vê uma possa de água, início de um brejo, provavelmente o início da Rua Nova Lima (Rua do Buraco).



*Cartão postal da cidade na década de 60. Ipatinga, MG. (acervo do autor)*

A rua do buraco foi um sinal bem expressivo da presença da Usiminas em Ipatinga. Os trabalhadores da Usiminas chamavam o centro de “cidade livre”. Essa denominação foi construída em grande parte pelos atrativos que a rua do buraco oferecia aos habitantes de Ipatinga durante e após a construção da Usiminas.



Com o processo de urbanização posterior a emancipação política em 1963 o centro deixou de apresentar essa característica dos barracos nas ruas em que se pratica o comércio nas proximidades da praça três poderes. Mas a favela persistiu forte até os anos 90.

Veremos na próxima foto. Uma imagem que mostra bem a forma com que evolução urbana transformou a paisagem do centro.

A imagem seguinte demonstra a cidade na passagem dos anos 80/90. Cresceu e nesse ângulo, de foto aérea, predomina a Usiminas como se forma-se um muro de contenção. A foto prejudica a visão do bairro que está à outra margem da siderúrgica onde vemos apenas mata e um horizonte de montanhas. Pela topografia não vemos o Cariru, entre Usiminas e o Parque Estadual do Rio Doce.

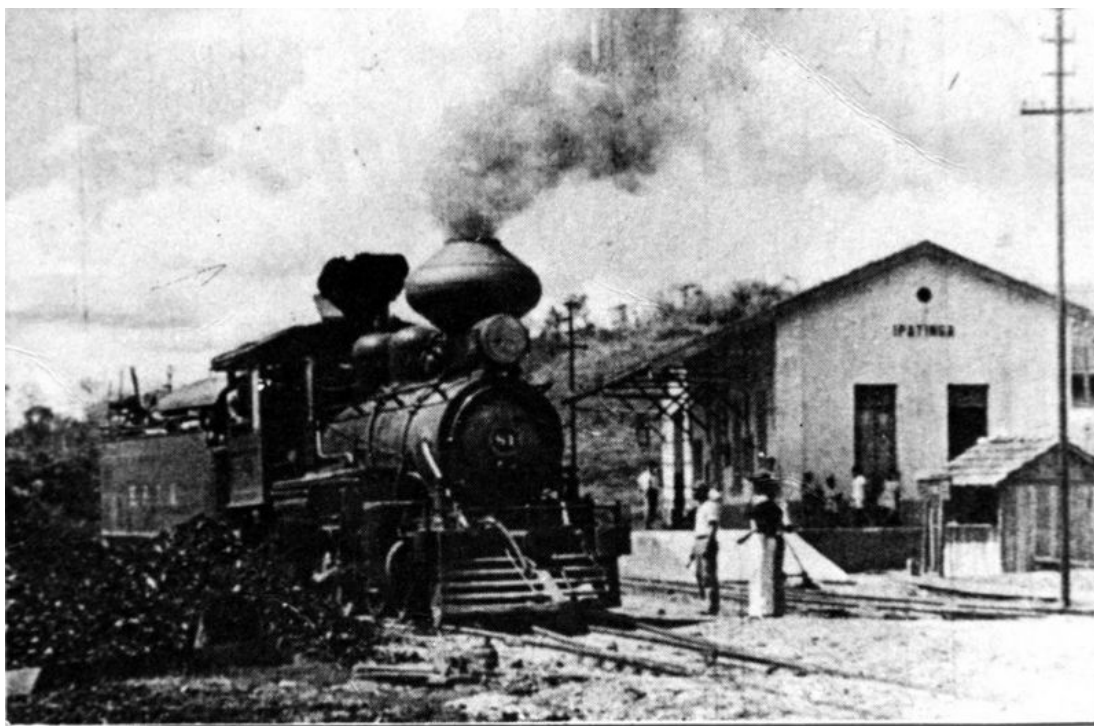


*1980/90 - Centro e Bairro Veneza, Ipatinga, MG. (acervo do autor)*

Nessa imagem, dos anos 80/90, a cidade lembra um subúrbio de regiões industrializadas. O centro, a frente da Usiminas, tem um ar poluído, efeito do tempo na foto. Mas se repararmos o que existe entre o centro e o bairro Veneza, localizado depois da ponte central ao ribeirão Ipanema, esta fina faixa verde quase a unir os lados da foto, temos antes da elevação topográfica, a esquerda da ponte a Rua Nova Lima e a direita a Rua Nossa Senhora das Graças. Por ficarem perto do brejo e exercerem o papel urbano da boêmia, prostituição,

tráfico de drogas, e descaso da prefeitura com as partes íntimas do centro da cidade e, por serem muito parecidas às duas ruas, foram conhecidas única e popularmente como “Rua do Buraco”. Mesmo hoje a prefeitura não conseguiu “remover” por inteiro certas famílias. Estas infelizmente convivem com a mesma realidade de margem de córrego e margem social.

Nessas três primeiras fotos temos uma mínima clareza que a relação de espaço entre a cidade e a siderúrgica ocasionou alguns problemas. Na verdade, anterior a Usiminas existia uma hierarquia diferente daquela que presenciamos hoje. O primeiro distrito da região foi o Barra Alegre em 1950, também o primeiro cartório. O centro foi declarado a região do comércio. Pois dependia do transporte pelo trilho do trem para abastecer vários gêneros alimentícios. Após o início das obras de construção da usina o poder econômico e político se concentrou nas imediações da empresa. Fica tarefa ambiciosa procurar alguma mobilidade social nos tempos da “Maria Fumaça”. Desse tempo temos talvez a foto mais antiga da cidade. Uma foto da “Estação de Ipatinga” que foi segunda estação férrea a ser construída no vilarejo.



*Estação de Ipatinga, atual Estação Memória Zeza Souto - década de 30. (acervo do autor)*

A paisagem de mato, poucas pessoas e estas com roupas dignas, mas modestas, pode reforçar em muito a idéia de “ocupavam-se da extração de madeira para alimentar os auto-fornos da Cia. Belgo-Mineira”. De fato, não podemos forçar a entrada de novos personagens, quase que fantasmas. No entanto, pelo menos nesse dia o local onde hoje é o centro de

Ipatinga, nos pareceu melhor organizado que o existente simultâneo a construção da Usiminas o que pudemos ver no cartão postal da década de 60. Também na próxima foto.



*Margem do ribeirão Ipanema, dec.50/60, Ipatinga, MG. (acervo do autor)*

A poucos metros da construção da usina, a realidade é bem diferente de grandes somas de dinheiro investidas. Barracos improvisados, saneamento precário, impossibilidade de muitas ambições.

A cidade de Ipatinga é uma cidade profundamente dividida. Essa divisão não nasceu com a Usiminas. Entretanto a empresa foi fundamental em muitas divisões. Não somente do espaço físico. Também a hierarquia das relações sociais.

Estas fotos demonstram um pouco do que seria a presença da Usiminas, também a parte que ela negligenciou. Melhor dizendo, que não era sua responsabilidade jurídica direta.

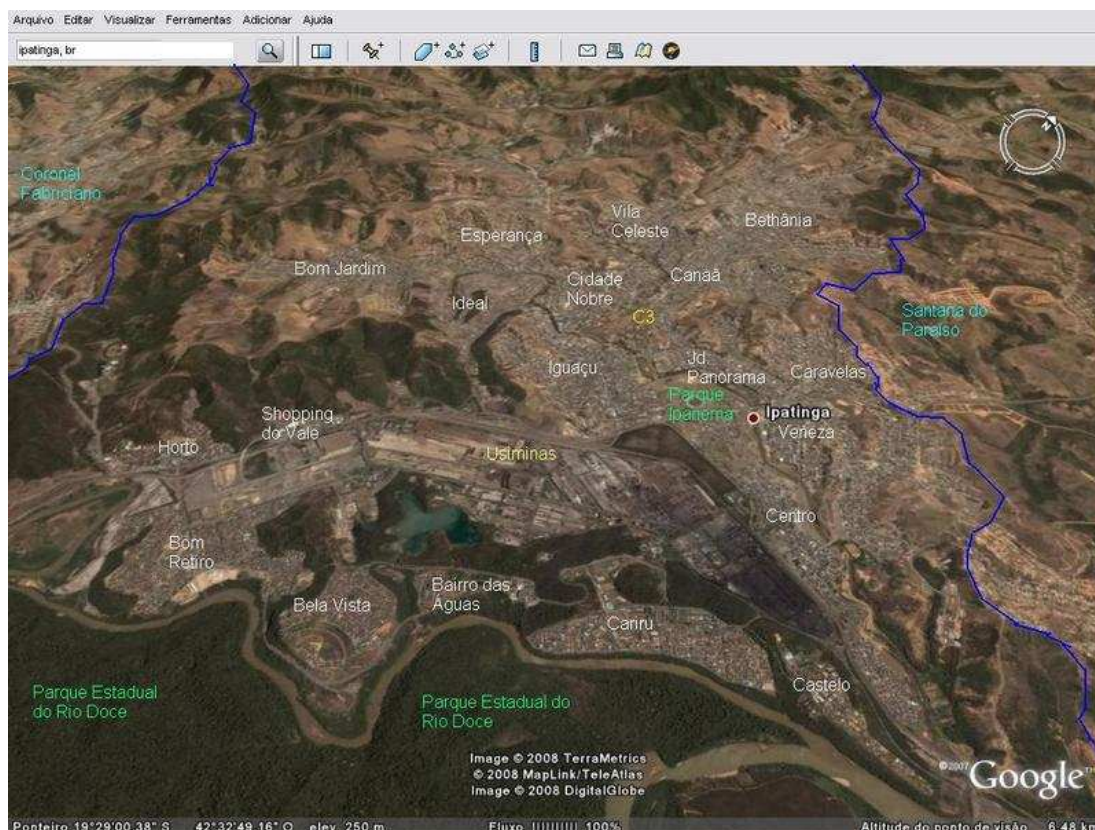
Prosseguindo na idéia do distanciamento da empresa reflitamos sobre este fragmento:

***P: Como era a cidade nessa época?***

***Raimundo Anício:*** Os primeiros bairros que surgiram foram o Bom Jardim e a Vila Celeste. Criaram-se posteriormente os Bairros Iguaçu e Canaã. Como os loteamentos foram vendidos a prestação, facilitou-se a compra dos lotes. Fernando Coura começou a fazer a rede de esgoto na Avenida 28 de abril, mas em oito meses não conseguiu. Entrou Gedeão de Freitas, que fez o calçamento de pedra nas ruas Diamantina e Ponte Nova. Os bairros da Usiminas cresceram completamente separados da cidade. Usiminas era Usiminas, Ipatinga era Ipatinga. Havia certo preconceito. )<sup>13</sup>

<sup>13</sup> HOMENS EM SÉRIE: A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.p.31.





*Ipatinga vista-aérea com Usiminas ao centro, 2008.*<sup>14</sup>

Essa entrevista foi concedida por Raimundo Anício, participou do primeiro volume de *Homens em Série* por ser “*pioneiro e vereador pelo distrito de Ipatinga 1960-64, membro da comissão de criação do distrito e da cidade de Ipatinga, presidente da UDN e ARENA*”. Um dos intuitos desta entrevistas é falar sobre o início da organização política da cidade, descrevendo esta em virtude de sua experiência, o entrevistado responde a Lenira Ruenda:

**P: Senhor Raimundo, fale um pouco sobre a sua vida e sua participação na criação do Distrito de Ipatinga.**

**Raimundo Anício:** (...) Em 1953, vim para cá. O lugar se chamava arraial de Ipatinga e pertencia a Fabriciano. Nesse mesmo ano, 1953, fui convidado por Raimundo Nonato, Jair Gonçalves e Jose Anatólio Barbosa para fazer parte de uma comissão para criação do distrito de Ipatinga. Fui convidado, porque ficaram sabendo da minha relação política: era comerciante. Em Ipatinga, havia mais ou menos 100 casas. Grande parte dos moradores era trabalhadores da Belgo-Mineira e o restante era comerciante.<sup>15</sup>

Coloquei as citações na ordem inversa à cronologia corrente da entrevista. Nela, ele começa falando por onde esteve até chegar a Ipatinga em 1953 e termina comentando os bairros que surgiram após a emancipação da cidade de Ipatinga ocorrida em 29 de Abril de 64. O propósito disto é que, tento distanciar da Usiminas, a primeira citação demonstra um distanciamento causado pela própria empresa. Que existe uma cidade da Usiminas que foi

<sup>14</sup> [http://images.google.com.br/imgres?Imgurl=\(29/10/2008\)](http://images.google.com.br/imgres?Imgurl=(29/10/2008)).

<sup>15</sup> *HOMENS EM SÉRIE: A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens.* - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.p.27.

formada pelos bairros próximos à empresa, onde existiam alojamentos para funcionários e estes alojamentos distribuídos em função de hierarquia do trabalho; e outra cidade que experimentou segundo o Sr.Raimundo o preconceito da Empresa, por estar desvinculada da mesma no espaço urbano, conseqüentemente menos de suas benesses. Os bairros Bom jardim, Vila celeste, Iguaçu e Canaã são considerados lugares onde a presença de funcionários da usina é menor. Ela não devia se responsabilizar com mais empenho a estes.

Na segunda citação, o Sr.Raimundo fala da chegada, diz que o arraial de Ipatinga tinha umas 100 casas, que parte das pessoas trabalhava para Cia. Belgo-Mineira e os demais comerciantes. Na entrevista fica resumida a quantidade de atores sociais envolvidos. Isento o Sr. Raimundo porque ele não tem obrigação do detalhamento. No entanto, quando chegou foi convidado a participar da comissão de criação do distrito por dois conhecidos. Jair Gonçalves, fazendeiro cujas terras surgiram o bairro Iguaçu. Também Jose Anatólio Barbosa, pai de Zulmira Barbosa, residente na região já antes de 1937, onde constituiu fazenda no Barra Alegre. O Bairro Barra Alegre é tido como o lugar mais antigo, anterior ao povoado do centro e também caracterizado na entrevista de Zulmira Barbosa como ordeiro, mesmo bucólico, diferente do narrado ao centro.

Até aqui, podemos observar, mesmo na fala do Sr.Raimundo, que a cidade, ou melhor, o que viria a ser Ipatinga, não era em 1953 apenas o povoado do centro. Havia gente morando por perto. Mesmo numa distancia inacessível como a do Barra Alegre. Estes não intercambiavam relações frutíferas com outras áreas a ponto de que, com a aceleração demográfica e emancipação da cidade, estas áreas passarem a pertencer como distritos a outras cidades. Portanto, não se dispunham assim tão isoladas uma das outras. Também por ser o Barra Alegre o lugar mais antigo da cidade, este é nomeado freqüentemente como Água Limpa, rivalizando com o Arraial do centro, que ocasionalmente recebe este nome, com base no exemplo citado acima “arraial de Ipatinga”. Em alguns relatos dificulta analisar o local exato. Na sua fala pode ter passado despercebido. No segundo capítulo, pretendo avançar mais sobre as dimensões destes dois espaços: o da Usiminas, e o sem sua presença aparentemente espontânea. Insistindo sobre o que era o centro. A isto, uma fala do Sr. José Orozimbo:

*Corria o ano 1930, um cabloco forte e desbravador de matas apossou-se de uma área de terrenos e matas virgens, cuja área abrangia o local onde hoje é a vila de Ipatinga. Chamava-se José Fabrício Gomes (primeira pessoa nascida em Barra Alegre-antigo Água Limpa). Decorridos dois anos o mesmo cabloco cedeu à posse para o senhor José Candido de Meira, que instalou um grande serviço de extração de madeira e pouco tempo depois cedia a posse ao senhor Alberto Giovannini, que constituiu boa casa e*

*iniciou a formação da fazenda de criação de gado e nos terrenos mais férteis o cultivo da lavoura, tendo para isso aliciado alguns colonos para cuidar daquele trabalho, que era penosíssimo, devido aquela zona, na época, ser muito doentia, grassava ali a febre: sezão e maleita.*<sup>16</sup>

Esse foi o recorte selecionado da matéria escrita pelo Sr. José Orozimbo no jornal “O Ipatinga” de julho de 1963. Ele foi utilizado pelo Diário do Aço em 2000 para designar o ambiente que prevalecia no centro. Isso nos anos em que a EFVM mudou seu trajeto de forma a fixar uma estação ferroviária. Essa, conhecida na época como Estação de Ipatinga (atual Estação Memória - Zeza Souto), se localizava nas proximidades dessas fazendas de extração de madeira e posterior agropecuária. Pela lógica utilizada nas narrativas são as fazendas que se deslocaram às proximidades da estrada de ferro. De antemão nota-se que nenhuma das culturas administradas nesses tempos poderia ser considerada de larga escala. Mesmo a extração de madeira que segundo consta servia para alimentar os auto-fornos da Cia. Belgo-Mineira. Mesmo o comércio rudimentar alimentado pela EFVM, plantio ou agropecuária não conseguiu atrair uma quantidade expressiva de pessoas para onde hoje é o centro da cidade. Os relatos que dispomos falam de algo em torno de trezentas pessoas até 1957. Nesse ano começa a movimentação das empreiteiras.

O senhor José Orozimbo é considerado “um dos pioneiros” da cidade. Por diversas ocasiões vereador, duas vezes presidente da câmara, seu nome em homenagem póstuma foi oferecido ao prédio da atual câmara dos vereadores. Terminou sua vida em meio de outros tantos reconhecidos pioneiros. Isto das pessoas selecionadas e entendidas como portadoras da história da cidade. E, exercendo o ofício que o acompanhou boa parte da vida e o manteve até nos anos que era diplomado como vereador, um alfaiate. Ele enfatiza que a região de Ipatinga na década de 30 tinha febre e malária como endêmicas no ambiente. Isso ajuda a criar a representação mental de um ambiente inóspito, com poucos recursos para resguardar o humano, quase uma selva. Na continuação da reportagem, o jornal Diário do Aço conclui:

*No final da década de 50, Ipatinga não era mais que um povoado com cerca de 60 casas e 300 habitantes. Não havia qualquer infra-estrutura. As ruas eram de terra, a luz a motor e a água eram fornecidas em lombo de burro ou carros. Eram endêmicas as doenças como esquistossomose, malária e tuberculose pulmonar, além de freqüentes acidentes com ofídios.*<sup>17</sup>

E assim o jornal fecha a participação de Ipatinga na história do Vale do Aço até o final dos anos 50. O título de sua reportagem: - *As cidades da região nas primeiras décadas: povoados crescem impulsionados pela ferrovia e produção de carvão.* Como disse, em alguns

<sup>16</sup> VALE DO AÇO2000 - *Um século de vale.* Uma publicação do Diário do Aço. Ipatinga/2000. P.22.

<sup>17</sup> VALE DO AÇO2000 - *Um século de vale.* Uma publicação do Diário do Aço. Ipatinga/2000. p.23.

casos a presença de pessoas nos bairros Tribuna, Barra Alegre, Pedra Branca e Ipaneminha são menosprezadas ou até mesmo omitidas dos processos de seleção que ocorrem no âmbito da memória institucionalizada. Eu, mesmo que fosse a contra gosto, não conseguiria concluir outra, senão: em virtude da Usina ter sido construída perto do centro (isso em relação à Barra Alegre que está distante). Venceu a pertinência de se contar a história do local onde nasceu a siderúrgica. Não teve apelo político a construção da história de uma desconexa região onde se constituiu ao longo de décadas diversos povoados. Estes povoados existiram em função de uma comunicação interna entre as localidades do que iria formar o colar metropolitano. Não conseguiremos traçar com clareza essa comunicação. Isto implicaria fazer uma varredura em todas as cidades vizinhas procurando gente mais vivida. E eles teriam que contar quando ouviram falar de Ipatinga pela primeira vez. Não é o caráter do trabalho. Mas ressaltar o viés com que foi contada a história de Ipatinga na década de 50. A parte que faltou contar ou aquela que nem saberemos por onde resgatar. Por isso propomos uma pausa para a digestão desse material.

Nas falas que Zulmira Barbosa concedeu em entrevista notamos a presença de pessoas na década de 30<sup>18</sup> nos seguintes bairros: Barra Alegre, Pedra branca, Ipaneminha, Ipanemão, Tribuna. Não esquecendo, Zulmira falou da existência de uma olaria. Esta olaria funcionava antes da construção da fazenda esperança. Uma olaria não funcionaria sem que as pessoas estivessem construindo. Havia certa demanda por casas antes de 1937. Pelo bairro Barra Alegre existem caminhos de terra que ligam o bairro às cidades de Coronel Fabriciano (Melo Viana) e Santana do Paraíso. O povoado de Água Limpa se comunicava com os demais arraiais (Tribuna, Ipaneminha...) e com as outras cidades da região potencialmente mais dinâmicas. Esta região aparece em algumas poucas citações. Estas citam o senhor Jose Anatólio Barbosa, pai de Zulmira Barbosa, com o postulado de pioneiro. Foi o primeiro vereador dos vilarejos. Estava entre as pessoas que lideraram a criação do distrito de Barra Alegre e emancipação da cidade. Ele é escolhido como o pioneiro do Barra Alegre. A ele se dedica uma rua no bairro vizinho o Vila Formosa. No entanto, não consegui encontrar com detalhes uma vida social narrada sobre o bairro Barra Alegre. O senhor José Anatólio Barbosa é o representante da história do bairro. Felizmente, pude entrevistar sua filha, longe de ter tido uma carreira política como o pai, se dedicou a educar os irmãos e cuidar da casa e suas benfeitorias. Ainda vive assim<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Simultâneo a instalação da Estação de Ipatinga ocorrida em 1933.

<sup>19</sup> Vide anexos 1 e 2.

Não existe material específico sobre a história do Barra Alegre. Fica imprecisa uma discussão sobre isto. Em termos de classificação dos que existiam sabemos ser uma região de difícil acesso. Em tempos imprecisos foi terra de indígenas. E como não é possível mensurar essas presenças somos reféns do que temos. Mas que havia alguém ali, havia. Sobre onde temos mais informações, o centro, nos ateremos agora. O motivo é refletir sobre um incidente que pode ser interpretado com mais mobilidade.

Selecionamos uma reportagem retirada do “*Vale do Aço 2000*”. O título: ***Homicídio N.1, a justiça no alvo-assassinato de João Valentim Pascoal, registrado como primeiro em 1953, abre a série de crimes impunes no vale do aço durante o século:***

*Coincidência ou não, está registrado como homicídio número um, o assassinato do pioneiro de Ipatinga, João Valentim Pascoal, no cartório privativo de processos criminais e execuções fiscais da comarca de Antonio Dias.(...) foi assassinado em Ipatinga em 4 de Janeiro de 1953, pelo cabo da polícia, Josué Monção. Ao morrer, Valentim Pascoal deixou a esposa Maria Policarpo e 7 filhos.*

*O pioneiro estabeleceu-se no lugarejo, com seus primeiros habitantes, onde trabalhava como agricultor em parceria com outros pequenos proprietários rurais. Paralelamente, desenvolvia atividades comerciais e fundou “A soberana”, um dos primeiros estabelecimentos de secos&molhados do vilarejo, na antiga rua do comércio, atual Avenida 28 de abril.<sup>20</sup>*

O homem em questão, João Valentim Pascoal, chegou a Ipatinga em 1949. Vindo de Alvinópolis, além do trabalho de agricultura conjunta o “pioneiro”, fundou um comércio conhecido como secos & molhados. Fez isso num prazo de quatro anos que antecedeu o assassinato.

*(...) Homem de espírito extrovertido e alegre, João Valentim Pascoal conquistou muitas amizades e a condição de um líder espontâneo na comunidade de Ipatinga no início da década de 50. Além de ser um dos responsáveis pelo abastecimento do povoado, João Valentim Pascoal encarregava-se de promover as festas que animavam as noites enluaradas, mantendo acesas tradições folclóricas como o carnaval e a malhação do Judas na sexta feira da Paixão. Estimulava e organizava as competições de futebol da época (...). Um traço marcante do caráter de João V. Pascoal era sua capacidade de indignar-se e reagir contra as injustiças. Esta personalidade é descrita por Ely Valadares, no depoimento como testemunha do assassinato de Valentim Pascoal, como a de uma “**pessoa queridíssima na localidade de Ipatinga, não só pelo comportamento exemplar, coração bondoso; e espírito Justiceiro**”. Sua autoridade também se firmava numa base de solidariedade e companheirismo, o que fazia dele um árbitro das contendas, um confessor leal, um amigo fiel.<sup>21</sup>(grifos meus)*

João Valentim Pascoal tem nesse trecho de jornal características claras sobre a forma que “pioneiro” é representado na região do Vale do Aço. Em quatro anos se estabeleceu no vilarejo como comerciante. Paralelo e anterior a este foi agricultor num regime mutualista. Necessidade de uma região com poucos recursos de expansão. É tido como um dos

<sup>20</sup> Vale do Aço 2000 - *Um século de vale*. Uma publicação do jornal Diário do Aço. Ipatinga/Dezembro de 2000.

<sup>21</sup> Idem.

responsáveis pelo abastecimento do vilarejo, líder comunitário e homem estimado por todos de boa índole. O Senhor Ely Valadares testemunha de acusação no processo crime é quem narra a características. Um pouco mais sobre essa idéia de “Pioneiro”:

*À época de sua morte, Valentim Pascoal cuidava de suas plantações na “reta do Alemão”, onde hoje é o bairro Cariru e nas proximidades da atual Cenibra, onde plantava milho, feijão e algodão. Ao mesmo tempo, trabalhava no comércio, onde A Soberana reinava absoluta, vendendo de um tudo. O pioneirismo comercial de Valentim Pascoal foi um primeiro impulso para o desenvolvimento do lugar e teve papel de destaque no intercâmbio de Ipatinga com outras cidades. Numa época que não existiam rodovias, Valentim Pascoal e outros pioneiros apostavam no futuro e aventuravam-se em caminhões abarrotados até o Rio de Janeiro, vendendo produtos locais e comprando mercadorias para abastecer o povoado.*<sup>22</sup>

Um homem audacioso, empreendedor, inteligente o suficiente para superar as capacidades do ambiente. Arregimenta as pessoas em prol do bem da comunidade. Uma pessoa “querida por todos”. A palavra *todos* é o nosso maior problema. Onde estão? Cadê, o povo? Não menosprezando a importância de João Valentim Pascoal (em tempo: a avenida economicamente mais importante da cidade leva o seu nome). Ele não viveu sozinho. Nas citações acima vemos nítidos dois nomes: a da sua esposa, Maria Policarpo e um membro da comunidade Ely Valadares, sua esposa reside hoje no bairro Jardim Panorama e a testemunha do crime já faleceu. Nem podemos precisar se João Valentim Pascoal chegou a conhecer outros membros “qualificados” dessa história, exemplo: Alberto Giovaninni, José Anatólio Barbosa, José Orozimbo da Silva, José Carvalho dentre outros. Contudo, uma só pessoa carregando a oralidade dos fatos. E esta reportada em forma de notícia de jornal. Pensemos: há como recriar uma paisagem? Através de exercício mental pensar num cotidiano? Levantando os problemas podemos nos deparar com paisagens e cotidianos. Vejamos, as citações falam que João V. Pascoal em certa instância cumpria o papel de animador cultural. Ele organizava “as festas que animavam as noites enluaradas”<sup>23</sup>. Também “mantendo acesas tradições folclóricas como o carnaval e a malhação do Judas na sexta feira da Paixão. Estimulava e organizava as competições de futebol da época”. Concluimos que a comunidade se reunia, brincava, se divertiam, organizavam um cotidiano. Não era somente o caos, a tuberculose, malária e ofídios.

Devemos também pensar: este homem não iria se aventurar numa distância tortuosa, longa, com toda dificuldade de estradas rudimentares, intempéries do tempo e abismos

<sup>22</sup> Vale do Aço 2000 - *Um século de vale*. Uma publicação do jornal Diário do Aço. Ipatinga/Dezembro de 2000.p.142.

<sup>23</sup> “Amo as manhas douradas as manhas cheias de luz/As **noites enluaradas**, / sob a **benção de uma cruz**./As campinas verdejantes/Os ventos a soluçar/O rio soberbo, gigante/Pelas Várzeas a serpenjar” Hino a cidade de Ipatinga; autoria de Maria Weber de Oliveira e Ana Letro.

ameaçadores, passando por Belo Horizonte até o Rio de Janeiro comercializar produtos da região. Seguir de volta ao leste de Minas abastecido com as novidades das capitais sem que isso retorne em lucro. No entendimento da reportagem chegava a impulsionar a região. Lembrando que Valentim Pascoal tem a importância de um abastecedor da região.

As pessoas se organizavam. O assassinato de Valentim Pascoal poderia ser representado como um levante. Organizado contra o abuso do poder público local, suas mazelas, sua corrupção. Aqui representada pelo cabo Josué Monção.

*(...) João Valentim Pascoal foi assassinado no dia 4 de Janeiro de 1952, em Coronel Fabriciano, em frente à casa do prefeito recém-eleito Raimundo Alves de Carvalho. Ele liderava uma comitiva de cerca de 40 pessoas que havia ido à sede do então distrito de Ipatinga pedir providência contra o cabo Josué Monção, um policial violento e corrupto, com extensa ficha criminal, que no mesmo dia havia espancado violenta e barbaramente um mascate que fazia demonstrações no centro do povoado. Com o mascate ferido num caminhão, a comitiva de Ipatinga chega a Coronel Fabriciano, para onde o cabo Monção já havia seguido de trem, junto com o escrivão da polícia, Homero Lima. Depois da agressão e vendo a reação dos populares a seus atos de selvageria, Monção havia dito bravatas e prometido voltar a Ipatinga para se vingar de quem fosse a Fabriciano protestar contra sua covardia, arbitrariedade e abuso de poder.<sup>24</sup>*

Tinha mencionado o problema da inserção de atores sociais. João Valentim Pascoal não foi a Fabriciano sozinho. No último fragmento ele é tido como líder de uma comitiva formada por cerca de 40 pessoas. Entre as pessoas estava Ely Valadares. Pois, o mesmo testemunhou o crime. Essas pessoas não foram somente por reconhecer a liderança de Valentim Pascoal. Podem ter reconhecido no comerciante um interlocutor competente perante o prefeito de Coronel Fabriciano. O melhor indica a apresentar os descontentamentos da comunidade. O que segue é um nítido caso que a parte responsável pela preservação do humano é a que promove a barbárie.

*(...) Depois de conversar com o prefeito recém-eleito Raimundo Alves, com o prefeito interino Lauro Pereira e com o delegado Alípio José da Silva, que prometeu tomar “as devidas providências”, a comitiva toma novamente o caminhão para regressar a Ipatinga, quando Valentim Pascoal é assassinado pelo Cabo Josué Monção. Os autos do processo sobre a morte de João Valentim descrevem o momento do crime: “O caminhão já se punha em movimento quando dele se acercou o cabo Monção acompanhado do escrivão Homero que mandou o carro parar e, ato contínuo, mandou que João Valentim Pascoal descesse do caminhão; que ao atender a ordem do cabo, João Valentim foi agarrado pelo peito da camisa, tendo o cabo declarado que como ele, Valentim, tinha vindo à cidade queixar-se contra ele, cabo, iria dormir no xadrez; que João Valentim respondeu que não tinha vindo queixar-se sozinho, mas que todos os presentes tinham vindo com esse fim, motivo pelo qual não atendia a ordem do cabo por ser injusta e ilegal; que após esta resposta João Valentim,*

---

<sup>24</sup> Vale do Aço 2000 - *Um século de Vale*. Uma publicação do jornal Diário do Aço. Ipatinga. Dezembro de 2000.p.143.



*virando as costas pretendeu entrar no caminhão, ocasião em que sacando de seu revólver deu-lhe um tiro a queima-roupa que o prostrou agonizante.*<sup>25</sup>



*João Valentim Pascoal. (acervo do autor)*

O próprio Valentim Pascoal, em meio a uma situação de sinistro evocou a comunidade, *“não tinha vindo queixar-se sozinho, mas que todos os presentes tinham vindo com o mesmo fito”*. Isso demonstra algo que timidamente seduz. O mártir. Aquele que defende o povo. Pensemos o homem, ele deixou mulher e filhos, estes, não careciam do mártir. Precisavam do pai e marido. No entanto, é um caso de brutalidade extrema, verdadeira tragédia. Uma pessoa pelo simples fato de reclamar do que é lógico (mesmo nos dias atuais pode não parecer tão lógico). Um membro da polícia serve para defender a comunidade, não promover a demonstração de poder através da violência pura e simples. João Valentim Pascoal acaba por perder sua vida. O policial, cabo Josué Monção, destacado como homem violento e de vasta ficha criminal. Um corrupto.

<sup>25</sup> Vale do Aço 2000-*Um século de Vale*. Uma publicação do jornal Diário do Aço. Ipatinga, dezembro de 2000.p.143.



Em entrevista realizada com o senhor Firmo Lott, que chegou a Ipatinga em 1958, perguntei sobre a delegacia. Tinha-se na lembrança quantos policiais existiam em Ipatinga nessa data. Ele não soube precisar. Mas nos relatos disponíveis fala-se de poucos policiais. Nessa ocasião, Josué Monção, cabo e Homero Lima, escrivão. São tidos como únicas autoridades militares desta área. Em verdade os dois eram a única representação do Estado Brasileiro. Pelo menos numa distância de dezessete quilômetros. O que separa o centro de Ipatinga ao centro de Coronel Fabriciano. Mas, fica clara uma idéia. Diferente do que foi dito no histórico de Ipatinga. Em ocasião anterior a instalação da estação ferroviária de Ipatinga, em 1930 ou 33, quando se narra: *“Alberto Giovannini formou no local, uma fazenda de gado, tendo construído boa casa e, nos terrenos férteis, o cultivo de lavoura, atraindo colonos para este trabalho”*<sup>26</sup>.

No momento do assassinato de Valentim Pascoal, ano de 1953, existe uma comunidade mais dinâmica. No documento que selecionamos para essa discussão essa possibilidade é menos passível à refutação. Basta lembrarmos alguns pontos da vida de Valentim Pascoal e o que pudemos deduzir sobre a comunidade nessa reportagem. João Valentim fazia seu plantio na *“reta do alemão”*. Hoje isto seria o bairro Cariru. Também possuía terrenos nas proximidades onde se instalou a CENIBRA<sup>27</sup>. Estas duas localidades vistas através da nossa temporalidade estão afastadas. Isso pensando em difíceis estradas para época. Coisa que todo mundo concorda de imediato (talvez por não tiver clareza). Mesmo assim a Cenibra fica em Belo Oriente e não em Ipatinga. Digo isto porque Valentim Pascoal dispunha de duas lavouras. As duas estão em localidades distintas.

Pensemos no período de 1949/53. Este que corresponde ao intervalo de chegada até a morte de João Valentim Pascoal. O arraial de Ipatinga representava mais do que podemos ver de imediato. João Valentim Pascoal poderia ser o habitante mais ilustre. O que não foi dito na reportagem e também não afirmamos. Porventura isso não invalidaria outros habitantes de também possuir lavouras e outros empreendimentos que carecem de mais trabalhadores na execução. Dentre outros o senhor Jose Anatólio Barbosa. Desde 1937 sua *“Fazenda Esperança”* estava em funcionamento.

Como avaliar poderio econômico? Poder aquisitivo? Lucro? Nem é a questão. A cidade de Ipatinga foi formada originalmente por localidades (povoados, fazendas, chácaras).

---

<sup>26</sup> Histórico de Ipatinga – subsídio da secretaria de cultura, esporte e lazer. Departamento de cultura. Estação Memória Ipatinga, MG, 2006.

<sup>27</sup> Celulose Nipo-Brasileira S.A.

Estas se distanciavam pelo acesso. A este acesso acrescentamos o fator topográfico. Dificultava os habitantes. Dificulta nosso trabalho de construção.

Contudo podemos fazer algumas considerações sobre o centro de Ipatinga no tempo de João Valentim Pascoal. Existia uma comunidade. Esta comunidade pode ser pensada além de cortadores de madeira, ermitões, sujeira, doenças e desordem cotidiana. Não podemos oprimir nossos entrevistados de possuírem tal impressão. Pensar que a desordem pública, malária, dificuldades existiam. É um fato.

Insistimos que na presença de seres humanos existe a cultura. Como na história tecnologia não pode medir qualidade. Temos diversas representações e nenhuma exclui o fato que as pessoas se organizavam antes da Usiminas. Para o trabalho e para o lazer. No pensamento cabível cultura deve ser pensada no plural. A região podia não ser tão isolada apesar de parecer. A presença de o fator natureza ser agressivo não exclui o ser humano de viver dignamente. Nos padrões da época constituir família e viver em comunidade são bens diferentes de hoje.

Tinha um regimento de polícia. Supondo que este tivesse como atribuição somente o controle dos malefícios do álcool. O necessitava em virtude de ser uma sociedade que exprimia relações sociais nem sempre mantidas sobre diálogo. Não existe relação humana sem contradições.

Tais considerações não excluem debates anteriores. Estão dispostas no intuito de apresentar a cidade de Ipatinga e as possibilidades de análise de sua história. Tais construções teóricas reivindicam uma posição política no mundo real. Não me isento do fato. A forma que dispusemos as fontes no texto constrói uma idéia de importância pouco explorada. Ipatinga vem sendo debatida e refletida há anos. Mas formas representam visões de mundo. Expomos nossa visão e leitura do material arrecadado nesses anos, isto no intuito de produzir debates. Dedicamos um grande número de informações. Os debates devem sempre se reorientar.

Nesse trajeto de apresentação da cidade deixamos claro pretender o distanciamento da empresa Usiminas. Obstáculo difícil e de sentido vazio se de antemão já afirmássemos isso ser possível. Pode ser possível. No entanto temos clareza que as fontes englobam a Usiminas em seu foco muito facilmente Nossa prioridade são os humanos, seu tempo vivido é construído em contradições.

Nesse capítulo coube a importância de apresentar a cidade naquilo que se convencionou ser importante. Por isso nos detivemos mais sobre o local onde foi construído a siderúrgica. Na época o vilarejo perto da parada dos trens da Vitória a Minas. No entanto ele não era o único. Ele é valorizado como lugar da fundação da cidade. O é da usina. O centro de

Ipatinga com a chegada da Usiminas criou um ritmo diferente em relação ao do ano de morte de Valentim Pascoal. Falávamos de espaços que foram sendo construídos. No próximo capítulo retomaremos este direcionamento. Desta vez discutindo a parte antiga que foi negligenciada em certas narrativas: o Barra Alegre. Também a parte que surge em resposta direta a construção da Usiminas.

## CAPÍTULO II - AS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS POSSÍVEIS: LEMBRANÇAS PARTICULARES E SIGNIFICADOS CONJUNTOS



28

Nessa imagem temos os bairros de Ipatinga na sua forma atual. Existe uma mancha escura no mapa ressaltando a localização da Usiminas. À direita e abaixo temos uma fileira estreita de bairros que estão separados dos demais. Esta parte diferencia seu desenvolvimento do restante da cidade. São os bairros operários. A parte maior à esquerda e acima teve crescimento demográfico acentuado posterior a emancipação política do município. A cidade assim se encontra dividida. A Usiminas representa um muro que beneficia uma parte menor com sua guarda e proteção, mas negligencia uma maioria. Em hipótese esta maioria conquistou tamanho espaço sem a certeza de sua segurança

<sup>28</sup> Souza, Paulo Roberto de, 1954 - Cultura, Trabalho e Conflitos em Ipatinga nos anos 60 /Paulo Roberto de Souza. – Uberlândia, 2007.

Para refletirmos sobre as divisões do município de Ipatinga temos que ter em mente as forças decorrentes de um projeto econômico como a Usiminas. O que dentre outros afirma Paulo Roberto de Souza, em sua dissertação de mestrado:

*(...), não perdendo de vista as diversas imposições dos agentes controladores, tais como a empresa e os grandes capitalistas, cujas presenças se fizeram notar nas disputas pelo controle do espaço urbano. Faz parte da análise, também a divisão do espaço físico entre a cidade de Ipatinga e a cidade da Usiminas. A cidade da esquerda da linha férrea e a cidade da direita da mesma linha. A cidade dos bairros operários e a cidade dos outros bairros. O comportamento diferenciado dos comerciantes locais, dividindo os moradores em duas classes distintas: os trabalhadores da Usiminas e os outros trabalhadores. Decorre dessa reflexão uma pergunta bastante pertinente: a quem interessava esse tipo de dicotomia?*<sup>29</sup>

Estamos discutindo os espaços que formaram a cidade de Ipatinga. No capítulo anterior me vali da citação do senhor Raimundo Anício que vai de encontro à fala de Paulo Roberto de Souza. Existem “*duas Cidades*”: Uma da Usiminas e outra que cresceu sem sua ajuda direta. Por uma ela se responsabilizava. A outra não devia tanta satisfação.

Iniciei o capítulo com o mapa de Ipatinga. Nele vemos que a Usiminas possui posição de destaque na característica urbana da cidade. Os bairros Horto, Imbaúbas, Bom Retiro, Bela Vista, das Águas, Cariru e Castelo constituem a área nobre da cidade. Estes bairros foram originalmente projetados a abrigar os funcionários que chegavam para a construção da Usina Intendente Câmara. Eles foram divididos em virtude de sua qualificação profissional. O restante da cidade é formado pelas levas tardias de trabalhadores interessados direta ou indiretamente na instalação da siderúrgica. Alguns pouco qualificados ou um tanto desavisados da recepção oferecida pelo local.

Vamos pensar a parte que discutimos no capítulo um como sendo a mais antiga. O centro e o Barra Alegre. Existe um mínimo de cinco bairros que separam o centro do Barra Alegre. Estes são: Novo Cruzeiro, Iguaçu, Cidade Nobre, Vila Celeste e Chácara Madalena. Agora em relação às cidades vizinhas, Cel. Fabriciano e Santana do Paraíso, cerca de apenas dois bairros em cada direção. O entorno do Barra Alegre ainda lembra um ambiente rural.

Entendemos como sendo parte antiga da cidade o centro porque em 1922 foi construída a primeira parada de trens da EFVM neste local. O bairro Barra Alegre é um caso a ser defendido. Primeiro: poucas fontes dão importância a este local. O porquê disto? Bem, *é útil fazer perguntas, mas pode ser perigoso responde-las*<sup>30</sup>. O fato de ressaltar a importância

<sup>29</sup> SOUZA, Paulo Roberto de, 1954 - Cultura, Trabalho e Conflitos em Ipatinga nos anos 60 /Paulo Roberto de Souza. – Uberlândia, 2007.

<sup>30</sup> BLOCH, M. *Apologia da História*, ou o ofício do Historiador. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2002.

da Usiminas para a cidade é evidente. No entanto, reduzindo o problema a isto não entendemos a organização política do espaço anterior à chegada da Usiminas.

A seguir, refletiremos um pouco sobre a organização política anterior e posterior a Usiminas. Vamos interpretar a fala de dois moradores de Ipatinga. Sobre sua chegada ao local e interesses o senhor Raimundo Anício diz:

*(...) Em 1953, vim para cá. O lugarejo chamava-se arraial de Ipatinga e pertencia a Fabriciano. Nesse mesmo ano, 1953, fui convidado por Raimundo Nonato Vieira, Jair Gonçalves e José Anatólio Barbosa para fazer parte de uma comissão para a criação do distrito de Ipatinga. Fui convidado porque souberam da minha relação política: era comerciante. Em Ipatinga, havia mais ou menos 100 casas. Grande parte dos moradores era trabalhadores da Belgo Mineira e o restante era comerciante. Então fomos a Belo Horizonte para discutir a criação do distrito e procuramos o governador do Estado, Bias Fortes. Ele exigiu vários documentos que foram providenciados e com 60 dias foi instalado o distrito. A instalação não foi bem aceita por Fabriciano, mas não houve protesto. (...) Então, a gente ficou na expectativa de que fabriciano conseguisse fazer alguma coisa pelo distrito. Mas, quando a gente reclamava, eles diziam que não havia verba. Nós cobrávamos calçamento, rede de água, esgoto e energia elétrica. Nessa época, eu fornecia luz elétrica a motor. Forneci durante 12 anos, para 60 casas. Tinha muita dificuldade para receber o fornecimento. Muitos não queriam pagar.<sup>31</sup>*

Em 1950 foi criado o distrito de Barra Alegre. Anteriormente chamava-se vila de Água Limpa. A instalação do distrito de Ipatinga em 1953 é posterior. Aconteceu no mesmo ano em que se instala o cartório da comarca em Barra Alegre. Agora, pelo cálculo do senhor Raimundo Anício, quando fala que fornecia luz elétrica gerada por motor a 60% do vilarejo. Não creio que ele incluiu o Barra Alegre nessa conta. Fica difícil imaginar distribuição de energia elétrica compatível a duas regiões afastadas talvez 10 a 15 quilômetros. Pensando que a tecnologia era um motor a diesel. Mesmo assim sua estimativa é significativa.

Ele deixa claro o pouco interesse de Cel. Fabriciano pela região. Lembramos que faltam menos de 6 anos para o início da construção da usina. Seus parceiros no empreendimento da criação do distrito, os dois que são familiares: José Anatólio Barbosa que tinha fazenda no Barra Alegre e Jair Gonçalves com propriedade na região que surgiu o bairro Cidade Nobre.

Se localizarmos estas regiões pelo mapa do início do capítulo vemos que o senhor Raimundo Anício foi convidado em virtude de sua relação política ser de confiança. Sendo comerciante estabelecido nas proximidades do centro seria o parceiro ideal desses dois senhores que estavam afastados. Representando o comércio e a produção agropastoril. Nisso, concluímos em possibilidade mental que, a implantação dos dois distritos surgiu em função de

---

<sup>31</sup> HOMENS EM SÉRIE: *A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.p.31.

uma demanda de interesses coletivos. Estes ultrapassam os limites do arraial localizado onde hoje é o centro da cidade.

A posição do narrador é de quem morava no centro e não na roça. O vilarejo do centro entre 1950/60 constitui o local de comércio. A agricultura é citada como pertencente à região onde surgiram os bairros. São terras de ambas as margens da ferrovia. Mesmo que fosse de forma rudimentar existiam *alguns roçados*. Temos exemplo de João Valentim Pascoal apresentado anteriormente. A extração de madeira nessa época convive com o início da plantação de eucalipto.

Comparemos com o relato do senhor José Carvalho. Sua narrativa nos ajuda a construir imagens sobre um intervalo de seis anos. Entre a formação do distrito em 1953 e a sua chegada em Ipatinga no ano 1959:

**P: O senhor chegou a Ipatinga em que ano?**

*J. Carvalho: Em 1959, de Braúnas, Minas Gerais.*

**P: Como era Ipatinga?**

*J. Carvalho: Quando eu cheguei, Ipatinga praticamente não existia. A Avenida 28 de abril chamava-se rua do comércio e havia ali poucas casas. O resto era mato puro. Não havia água, rede de esgoto, rede pluvial, rede elétrica. Nós compramos um lote na Rua Mariana, de Domingos Anício. A gente construiu com a maior dificuldade porque não havia pedra, tijolos, nada. Em Salto Grande eles estavam terminando as obras da usina hidrelétrica e estavam vendendo casas populares. Compramos uma, desmanchamos e transportamos para cá. Depois abri uma mercearia no lote e comecei a vender suprimentos para empreiteiras recém-instaladas.*

**P: Que comércio existia aqui?**

*J. Carvalho: Na época, Raimundo Anício tinha um bar e uma mercearia. O João Dominguinhas tinha mercearia. Raimundo Nonato Vieira tinha uma farmácia. Os meninos do Zeca Furlanato, Inhô e Nelci tinham uma loja de tecidos. Zé Drumond também tinha uma loja de tecidos. Mas o mercado era muito pequeno, só vendia para pessoas da roça e os carvoeiros. Na medida em que as empreiteiras foram chegando, o mercado começou a acelerar. Só que era uma dificuldade tremenda, porque, quando chovia, o caminhão que trazia a mercadoria atolava na estrada e tínhamos que arrumar um trator para tirá-lo. Para alguém comer carne, era necessário pegar o trem que vinha de Vitória e ir até Fabriciano. Depois esperar o trem voltar. Então a gente ficava o dia todo para comprar um pedaço de carne. Água, tinha um cidadão que tinha uma mina d'água e vendia. Havia o senhor Dolfo que tinha uma carroça. Ele descia a rua Araxá e enchia um tambor de 200 litros. Vendia cada lata de 30 litros por dois cruzeiros. Na época, a gente não tinha a quem recorrer. Procurávamos o prefeito de Cel. Fabriciano que se chamava Raimundo Alves de Carvalho e ele falava que nada podia fazer. Teve uma vez que pedimos um caminhão para facilitar nosso trabalho e ele respondeu para gente se virar sozinho.*

**P: Nessa época, qual a relação que vocês tinham com a Usiminas?**

*R: Nenhuma. Depois que chegaram na cidade João Cláudio Teixeira de Sales e Gil Guatimosim, começaram a conversar um pouco. Mas eles tinham medo de aparecer e se envolver na política local. Então, a gente teve que criar a Sociedade dos Amigos de Ipatinga, mais ou menos em 1960. Reuníamos em uma casa em construção onde hoje é a loja Ribeiro, na Avenida 28 de abril. Levamos o estatuto, registramos e daí veio a idéia de emancipação.*

**P: O prefeito de Fabriciano sabia desse movimento?**

*J. Carvalho: Sabia e nos negou tudo. Eu fui eleito presidente da associação. Depois, quando a gente criou uma comissão composta também pela UDN, comecei a tirar fotografias e a fazer tudo que a lei pedia para a emancipação, isso já em 1962, 1963. Assim, reunimos a documentação necessária e tivemos que pegar alguns*

*documentos na prefeitura. O prefeito nos negou, dizendo que seríamos eternamente feudo da Usiminas.*<sup>32</sup>

Vemos nos dois relatos: ninguém queria se responsabilizar pelo vilarejo. A realidade carente da localidade não foi sanada e se agravou. A prefeitura de Cel. Fabriciano não mudou sua postura em relação ao distrito nesses seis anos que separam as duas memórias. A Usiminas por sua vez passa a conversar, mas não quer se envolver na política do local.

Pensemos o que fala o senhor José Carvalho. Por diversas ocasiões ele remete o desinteresse de Cel. Fabriciano. Ainda o que dizer de “*eternamente feudo da Usiminas*”. Profecia ou constatação. Guardada as devidas proporções é singular desta cidade. A Usiminas, como faria uma empresa em construção, só se responsabilizaria pelos seus. Mesmo assim com ressalvas. Cabia aos próprios moradores estratégias para enfrentar o descaso. Descaso de quem devia se responsabilizar pelas emergentes demandas.

O que vemos nos dois relatos é que a organização surgia em virtude dos interesses dos moradores locais. Eles providenciavam o que lhes cabia nos empreendimentos como documentos, condução, transporte. Mesmo assim esbarrava no conveniente desinteresse dos setores que mais lucrariam com a expansão e melhoramento das condições humanas no local. Mais alguns anos isso demonstraria ser uma bomba relógio<sup>33</sup>. Não devemos esquecer que a região é novamente citada como de difícil acesso e precária.

A parte que cabe a organização política vemos pessoas que não são vizinhos. Nos dois relatos. O da formação do distrito em 1953 e da emancipação em 1964. Existem personagens que participaram como “cabeças” da organização. Estes não moravam todos no centro. Por exemplo, José Anatólio Barbosa morava no Barra Alegre; participou da comissão para criação do distrito, anos mais tarde estava entre os que levaram os documentos e assinaram a emancipação da cidade.

O abastecimento é narrado sempre de maneira improvisada. Fruto de iniciativas particulares nem sempre tão lucrativas. Mesmo o comércio apenas toma um impulso relevante com a chegada das empreiteiras. Falasse que “*vendia para o povo da roça e carvoeiros*”. Então se diferencia o arraial do centro de uma região que seja “roça”. Claro que é uma suposição. Além de que nem é tão significativo.

Entretanto, o senhor José Carvalho chega a Ipatinga em 59. Mesmo com dificuldade constrói casa e uma mercearia com intuito de abastecer as empreiteiras. Como um morador

<sup>32</sup> HOMENS EM SÉRIE: *A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.p.31.

<sup>33</sup> Vide os acontecimentos do dia 7 de outubro de 1963 conhecidos como “o massacre de Ipatinga”.



desta época tinha clareza dos moradores que ficavam afastados do arraial (José Anatólio Barbosa e Jair Gonçalves). É comum se dizer em Ipatinga: “os antigos? Todos se conhecem”. Estes que ficavam afastados já residiam anteriores a usina. Mas não conseguiremos rastrear todos ou um volume que de substância a estatísticas. Sabemos que eles viviam da maneira que costumamos chamar de “*vida simples*”. Por não ter a imediata volúpia do consumo de bens modernos. A região não os fornece. Mesmo gêneros absolutamente necessários como carne, são onerosos ou escassos. Mas tinha gente vivendo ali nas imediações.

Apesar da aparência primeira de forte abandono existe uma organização política que ultrapassa os limites do vilarejo do centro. Começamos a construir uma imagem do que seria o bairro Barra Alegre através das lembranças de Zulmira Barbosa:

**Entrevistador:** Tia Zulmira, aquele negócio que nós estávamos conversando, pode ficar a vontade. È e lembrando, a senhora morava ali perto do Barro Alegre. Tinha quase que casa nenhuma aqui né quando vocês mudaram pra lá. Como é que é que é que tinha aqui o povo?

**Zulmira:** Do lado de cima ali, a pracinha é... meu tio morava né ...morava ali, então ele tinha um comércio né, falava secos e molhados que falava né...não é isso...aí tinha aquilo ali e meu tio morava com o pai, que é o pai da Selma e..até ele era irmão do meu pai e a tia era irmã da minha mãe né. Meu pai fez o casamento deles aqui e tudo e eles moravam ali e nós morava... Nós já morava aqui... Isso aí é mais tarde..

**Entrevistador:** nessa casa

**Zulmira:** nessa casa não... nós morava na outra casa, naquele lugar ali... ali que nasceu os menino...aqui...aqui só nasceu...eu num lembro se é um só...

**Entrevistador:** São dezesseis irmãos não é?

**Zulmira:** é.. Não nasceu um punhado aqui mais aí... não da Neuza pra cá nasceu, a Neuza tava com 22 dias... Tem sessenta e.. Acho que setenta ano. Ela nasceu em 37... a Neuza tá com setenta ano.., quantos ano em?

(.....)

**Entrevistador:** Vocês moravam perto da olaria...

**Zulmira:** na rua... **Morava perto da olaria.**

**Entrevistador:** E tinha mais casa perto lá?

**Zulmira:** aí nós morava ali... depois o pai..num sei, num lembro...o pai comprou isso aqui...comprou isso aqui e ampliou isso aqui...aqui acho que era mata...eu não sei falar...eu não lembro também não...sei que tinha a **pedra branca** também né...a pedra branca já existia...

**Entrevistador:** já existia já ali...

**Zulmira:** Já existia a pedra branca. Nós passava daqui pro **paraíso**, passava ali por **pedra branca** a cavalo, pra casa dos meus avós lá nos Tranquedo por ali... (inaudível)

**Entrevistador:** (inaudível)

**Zulmira:** e nós morava aqui na rua. Depois o pai comprou e. nós morava ali embaixo nasceram os meninos todos até a Neuza... até a Neuza. Da Neuza pra cá nós entramos nessa casa aqui que o pai fez... Ele tinha... 22 dias.

(.....)

**Zulmira:** é... Então nós mudamos pra aqui. È meu trajeto (inaudível)

**Entrevistador:** 71 anos essa casa?

**Zulmira:** é

**Entrevistador:** foi ele quem contruiu ou já tinha a casa.

**Zulmira:** não o pai contruiu aqui... Ele trabalhou muito aí mesmo... Ele trabalhou muito. Ele deixou as coisas pros meninos mais ele trabalhou muito aí mesmo... Trabalhou muito. E ele... Ele era arrimo de casa da mãe dele. Ele trabalhou pra estudar a tia Mariquinha. Ela mora em Belo Horizonte, a mãe desses meninos que é médico hoje, Engenheiro tal. A mais nova deles. Depois ele foi cuidar da vó, da minha

vó.. *Tamém veio morar com ele aqui. E nós viemo pra qui, depois a minha vó quis vim pra cá, foi morar com meu tio lá na rua mais tudo é casa do pai... Tudo era casa do pai. Morava ali e mexia com café... Comprava café no **ipaneminha, ipanemão**, pra essas roda toda e levava café, plantava de madrugada né e criava o café...*

(.....)

**Zulmira:** *lá... Lá no fundo lá tem uma lavoura com duas... Com. tem duas lavoura, aqui de lá tinha outra, lá no **parque das cachoeira** tem uma parte lá é aonde a Célia mora tem... Tinha café e o (tenta sol)*

(.....)

**Entrevistador:** *E o Selim tinha sociedade com ele ou não?*

**Zulmira:** *Sociedade tinha sociedade com o Selim, depois é que o negocio acabou a sociedade... não continuou lá levano café..acho que ele comprou a parte dele, ou era dele só, do pai só...e criava café e levava lá pra **Caratinga** e vendia o café. Toda manhã, toda semana 4 horas da manhã ele tava lá na máquina lá. Levantava 4 horas da manhã, tomava café, tomava dois ovos e hora que o dia amanhecia eles pegava o caminhão mais o meu tio, tinha o chofer com cearense e levava pra **Caratinga**.*

**Entrevistador:** *Todo dia...*

**Zulmira:** *tinha os **turco** lá. Toda semana.*

**Entrevistador:** *toda semana eles ia... Pra Caratinga.*

**Zulmira:** *toda semana eles levava café pra Caratinga..*

**Entrevistador:** *e aí vendia pros turco.*

**Zulmira:** *mais era muito café...*

**Entrevistador:** *eu imagino!*

**Zulmira:** *e era assim e vinha gente de lá... do **ipanema, ipanemão, ipaneminha** né.. trazia...eles passava sábado...eles sábado...eles não, eles ia segunda feira lá pra cima e ficava a semana toda, panhava café, sábado o pai ia lá medir o café trazia aqui pro terreiro, secava aqui no terreiro, (arrotava) aquele café todinho e sábado eles ia pra casa com cargueiro, cama, esteira, antigamente usava esteira né..esteira, cama, tudo e aí pra casa deles. Segunda feira eles voltava de novo... mais era bacana, que coisa bacana. Aí o pai plantava também, fazia farinha de mandioca, vendia... Tinha uma caixa maior que isso aqui ó...*

**Entrevistador:** *e tudo ele plantava aqui?*

**Zulmira:** *fazia de mandioca tinha... tinha a coisa de fazer farinha ali ó*

**Entrevistador:** *moinho?*

**Zulmira:** *ali tinha um forno, aquilo ali é pedaço do forno de pedra, **veio lá de Juiz de Fora**. Ali torrava a farinha de mandioca, fazia polvilho de mandioca... era gostoso*

**Entrevistador:** *eu imagino...*

**Zulmira:** *e o tanto e mulher que tinha a mãe que mexia com a farinha... depois a mãe morreu aí eu ajudei o pai é... descascava mandioca, levava lá...tinha o ralo, o pai que ralava mandioca, tinha gente aqui que trabalhava...aqui era cheio de home trabalhano...*

**Entrevistador:** *todo mundo vinha aqui ajudando.*

**Zulmira:** *não tinha uns... é tinha um monte de homem...ele não tinha dificuldade de gente pra trabalhar não...porque os homem morava com ele, ele dava comida a todo mundo...não sei como...como é que ele dava comida a todo mundo...*

**Entrevistador:** *Como é que ele dava conta né...?*

**Zulmira:** *Com é que ele dava conta de comer...? E lavoura lá em cima sabe como é que ia comida,... no cargueiro...*

**Entrevistador:** *no cargueiro...*

**Zulmira:** *24 homem... eu mais a Tina cozinhamo muito pra leva comida lá no cargueiro.*

**Entrevistador:** *no cargueiro... Ipaneminha, pedra branca...aqui tudo já tinha gente morando?*

**Zulmira:** *não pedra branca... **pedra branca não**, Ipaneminha é...(tenta sol)...**parque das cachoeiras**..ali dividia lá o pai tinha lavoura lá também...nossa era muita lavoura bobo...e assim quando ele não podia ir lá medir eu ia lá medir..a gente gostava, menino gostava e andar né...ia pra lá, recebia o café dos panhador, fazia os monte lá...e deixava os monte lá...ia cargueiro lá e puxava aquilo tudo de cargueiro...era bacana só! A gente viveu bem, era gostoso!*

**Entrevistador:** *quantos filhos que ele criou mesmo?*

*Zulmira: nossa senhora! Era uma vida boa... hoje é essa vida agitada...cheia de...tanta bobeira né...(grifos meus)*

A entrevistada é alguém que conheço desde a infância. Quando fui a sua casa não tinha idéia do momento ideal para ligar o gravador. Fui com intenção prévia da entrevista. Contudo, não informei a entrevistada qual seria o caráter da visita. Não informei a visita. Por ter um carinho especial estava devendo um encontro para conversar. Mas não me orgulho de ter feito só em ocasião que precisava. Por um momento pensei em desistir. Por ter muito respeito pela entrevistada e a conhecendo desde novo, pensei que não se sentiria a vontade diante do gravador. Mas me enganei.

Estávamos conversando o habitual. Relembrando o passado e falando das notícias dos parentes. Isso já era uma preparação. Normalmente em nossas conversas lembrávamos a História de Ipatinga. A entrevista nesse ponto é uma conversa como outras tantas que tivemos. Acontece que desta vez foi direcionada. Ela, Tina, Sr. Anatólio (o filho) e eu. Zulmira Barbosa é irmã de Anatólio Oliveira Barbosa. Ele é o esposo de Dona Bizuca<sup>34</sup>.

Pensei em deixar que seu ritmo falasse quanto e o que quisesse. Só a entrevistada se percebesse que tal conversa seria saborosa para ela. O que ocorreu é que ela falou que morava perto de uma olaria antes de mudar para essa casa. Foi quando perguntei se não importaria uma gravação. Ela demonstrou uma leve surpresa e concordou, parecia querer encontrar essas lembranças. Mas não sabia onde essas a levariam.

O ambiente que descreve não dimensiona a totalidade dos eventos, relações e tramas. Também não estou fazendo um trabalho estatístico. Mas ao falar da trajetória da família ela teceu uma rede de relações e de fato uma trama. Esta trama não total ou segura de interesses. Ao falar da história da família ela lembrou o lugar e de lugares. Bairros de hoje na época já eram habitados. Ela cita a região que hoje é o Parque das Cachoeiras como localidade que abrigava lavouras de seu pai. Também o fato que certos produtos não se encontravam fáceis na região. O forno para fazer farinha veio de Juiz de Fora.<sup>35</sup>

Na região as distâncias eram percorridas a cavalo. No entanto, disponibilizava caminhão para negociar café em Caratinga. Tinha uma “sociedade” com Selim José de Sales<sup>36</sup>. Contudo, já no início da entrevista vemos um tom diferente das demais narrativas.

Nas narrativas anteriores vemos o descrédito pelas capacidades do local. Elas principiam pelo que não tem. Não tem água, não tem esgoto, tem pouco comércio, tem pouca

<sup>34</sup> Dona Bizuca é Maria Weber de Oliveira. Educadora reconhecida na cidade. Entrevistada no primeiro volume de *Homens em série* e co-autora do hino de Ipatinga.

<sup>35</sup> Vide anexo 2.

<sup>36</sup> Selim José de Sales. Nascido em Beirute, Líbano. Reside na região desde a década de 40. Pai de Jamill Selim de Sales, prefeito de Ipatinga em 1983 a 1988.

gente. Aliás, vemos nessas narrativas a tendência de diminuir a importância daquilo que tem a localidade.

Na fala de Zulmira Barbosa a tendência se diferencia. Ela encara a postura de narradora identificando o que tinha. Isso sem comparação com o centro ou não é motivação da sua narrativa. Ela cita sem minha interlocução a presença de pessoas nos bairros Pedra Branca, Ipaneminha, Ipanemão. Mesmo não tendo na lembrança uma imagem que traduza o cotidiano destes bairros ou temporalidade precisa. Ela afirma:

*Sei que tinha o Pedra Branca, o Pedra Branca já existia.*

**Logo depois ela cogita a possibilidade do erro e se contradiz:** *“não pedra branca... pedra branca não, Ipaneminha é... (tenta sol)... **parque das cachoeiras**.. ali dividia lá o pai tinha lavoura lá também... nossa era muita lavoura bobo...e assim quando ele não podia ir lá medir eu ia lá medir..a gente gostava, menino gostava e andar né...ia pra lá, recebia o café dos panhador, fazia os monte lá...e deixava os monte lá...ia cargueiro lá e puxava aquilo tudo de cargueiro...era bacana só! A gente viveu bem, era gostoso!”<sup>37</sup>(grifos meus)*

Mesmo não tendo clareza em sua capacidade de lembrar transmite uma imagem diferente sobre a cidade. O ponto de partida para a entrevistada narrar é o lugar onde viveu. Não vemos até aqui a prioridade do descrédito pelo que existia. É claro que ela não fala do centro ou este tenha importância imediata. Ela começa organizar suas lembranças baseada no cotidiano da fazenda. Qual é a importância da sua narrativa. Não estamos priorizando o exótico ou fazendo o louvor do individual sobreposto ao coletivo. Mas, a entrevistada não tem título de pioneira apesar de pertencer uma família de pioneiros. Na sua narrativa as prioridades são outras. Tanto que a conclusão que faz é favorável há um tempo onde todas as narrativas que me utilizei no texto afirmam uma tendência de descrédito.

**Zulmira:** *nossa senhora! Era uma vida boa... Hoje é essa vida agitada... Cheia de... Tanta bobeira né...”<sup>38</sup>.*

Essa é uma afirmação diferente de relatos como o do senhor José Carvalho.

**“P: Como era Ipatinga?”**

*J.Carvalho: Quando eu cheguei, Ipatinga praticamente não existia”<sup>39</sup>*

Também na fala do Sr.José Orozimbo:

*(...) cedia a posse ao senhor Alberto Giovannini, que constituiu boa casa e iniciou a formação da fazenda de criação de gado e nos terrenos mais férteis o cultivo da*

<sup>37</sup> Entrevista com Zulmira Barbosa. Ipatinga, julho de 2008.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Entrevista de José Carvalho para a publicação – Homens em Série -1991.

*lavou, tendo para isso aliciado alguns colonos para cuidar daquele trabalho, que era penosissimo, devido aquela zona, na época, ser muito doentia. grassava ali a febre: sezão e maleita.*<sup>40</sup>

O tom inicial da narrativa de José Carvalho impõe uma idéia que o lugar é bom hoje. Quando ele chegou, não. Também, no restante da entrevista, não dimensiona a possibilidade de por perto alguém pudesse estar vivendo com um melhor grau de organização. Já na fala do Sr. José Orozimbo a importância da narrativa é atestar as dificuldades. Ter uma ótica diferente não é responsabilidade dele. Também não podemos acrescentar evidências que não existem. O senhor Orozimbo fala com a ótica de quem presenciou um impulso capitalista cotidiano. A construção da usina mudou a paisagem progressivamente até o urbano se consolidar como característica da cidade. Tais afirmações são comuns, constantemente oferecidas até por nós; podem ser alimentadas pela visão que o progresso é que traz o desenvolvimento, trabalho e bem estar cotidiano. Sem que nos perguntemos: A que custo? Vejamos o que é relatado no Histórico de Ipatinga:

*A de Pedra Mole, inaugurada em 22 de agosto de 1922. (...) Em 1930 o trajeto da estrada de ferro foi alterado. A Estação de Ipatinga (atual Estação Memória) foi construída a partir de 1930 para substituir a de Pedra Mole, que desabou em virtude da instabilidade do terreno. Ao redor da estação Ipatinga, surge o povoado.*<sup>41</sup>

Nessa narrativa temos uma visão limitada e sem movimento. Uma seqüência cronológica muito simples. Com a conclusão: “surge o povoado”. Ignora-se o fato do Barra Alegre existir simultâneo a este processo. Como se o centro fosse o único lugar habitado. Bem, no capítulo um as narrativas decidem por visão homogênea. Existia isto ou praticamente não existia. A tendência é minimizar importâncias ou diversidades. O povoado surge em virtude da alteração do trajeto do trilho do trem. Numa relação de causa-efeito.

Na fala de Zulmira não existe a preocupação com o início. Existe a constatação que em 1937 o Barra Alegre existia e não existia sozinho. Zulmira Barbosa se pergunta como o pai dava conta de alimentar e pagar tantos homens. No que entendemos vinte e quatro homens trabalhando numa fazenda não configura um grande latifúndio. Isso comparando com zonas de extensa agricultura e pecuária nesse período. Não é o caso desta parte do Vale do Rio Doce. Mesmo assim não vemos nas outras narrativas citarem alguém empregando essa quantidade de trabalhadores. Em se tratando do Vale do Rio Doce é uma grande fazenda. Pensamos que esta conclusão é cabível.

<sup>40</sup> VALE DO AÇO 2000-um século de vale. Uma publicação Diário do Aço. Ipatinga, dezembro de 2000.p.22.

<sup>41</sup> Histórico de Ipatinga. Secretaria de cultura, esporte e lazer. PMI/Estação Memória Zeza Souto.

Podemos pensar em outros movimentos. A construção da narrativa partindo da idéia que pessoas viviam e pensavam seu ambiente sem ambicionar o projeto econômico que se instalaria nessas vidas e nessas terras. Que essas pessoas tinham ambições é um fato da natureza humana. No entanto poderiam optar por outro projeto. Parece uma utopia. Mas a drástica mudança no comportamento dos habitantes em relação à instalação da empresa, não.

O que pode ser sentido em outro momento da entrevista do Sr.Raimundo Anício. Ele foi o primeiro habitante a ter contato com os responsáveis pela construção da Usina Intendente Câmara. Vamos refletir este fragmento. Lembramos que o senhor Raimundo Anício chegou à região em 1953. O que transforma o seu depoimento particularmente carregado de sentidos. Vejamos:

**P: Como aconteceu a chegada do primeiro emissário da Usiminas?**

**Raimundo Anício:** Ele chamava José Joaquim de Moraes. Chegou e me procurou no bar, a mando de Lauro Pereira, de Fabriciano. Disse que precisava comprar duas ou três barracas e sabia que existiam as casas pré-moldadas da Usina de Salto Grande. Pediu que verificasse isso, por que ele precisava alocar os topógrafos da Usiminas. Eu me lembrei do proprietário do cine São José, Olinto Silva. Conversei com ele e conseguimos fazer negocio de uma casa. Fui com o Moraes até o André Sales, que era agente da estação, e compramos outra. Ele levou as duas casas para perto do horto, beirando a linha férrea e essas duas casas representaram o primeiro sinal da chegada dos topógrafos aqui em Ipatinga. Já existia a estrada de terra para Fabriciano e ônibus uma vez por dia, de propriedade de Antonio Gonçalves e depois de Osvaldo Silveira. Hoje, é a empresa Lider, que fazia a linha para Salto Grande. A primeira linha regular para Fabriciano, foi a de Aníbal Moraes Pereira, que depois vendeu para “Doca” Pires. Esta linha também transportava os operários das empreiteiras da Usiminas.

**P: Na fase da construção, o senhor foi o primeiro contato que a Usiminas fez aqui. Esta relação permaneceu até após a instalação da usina?**

**Raimundo Anício:** Quando chegaram aqui as primeiras empreiteiras para construir a empresa, precisavam de fornecedores de tudo. Fizeram os bandejões e fornecíamos os cereais. Para os operários, nós fornecíamos as mercadorias nas republicas. As empreiteiras nos pagavam mensalmente. Chegava gente de toda parte do Brasil. O pessoal ficava entre Ipatinga e Salto Grande procurando emprego. Os que voltavam e não achavam emprego ficavam espalhados na Praça de Ipatinga. Boa parte do pessoal que chegava ia pra Rua do buraco, que era mato puro. Eles abriam o mato e se instalavam em barracas. Fizeram mais de mil barracas cobertas com sacos de cimento das empreiteiras. Nessa época, só existia a Rua do Buraco e a Rua do Comércio. <sup>42</sup>

A narrativa do Sr.Raimundo Anício é peculiar pelo fato de ser ele o primeiro habitante a estabelecer uma relação direta com os interesses da usina. Aquilo que era boato passa a ser uma realidade no cotidiano. Ele transmite a imagem de um processo instantâneo. Os topógrafos colocaram uma casinha de madeira as margens da *Vitória a Minas*. A distância de

---

<sup>42</sup> HOMENS EM SÉRIE: *A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.p.31.

<sup>42</sup> HOMENS EM SÉRIE: *A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.p.31.

tempo entre a chegada dos topógrafos e a posterior chegada das empreiteiras se perde. Esta imagem repercute. Não estamos questionando no vazio.



*Rua do Comércio atual Avenida 28 de abril nos anos da construção da Usiminas (acervo do autor).*

A foto acima comparada com o cartão postal dos barracos de madeira transmite outra idéia. A de contínua transformação do espaço urbano. Com a chegada das empreiteiras todos os recursos disponíveis pelo ambiente foram sendo progressivamente voltados aos interesses da construção da usina. Quando não tinha recurso uma alternativa era a reciclagem de materiais dispensados pelas empreiteiras. Os sacos de cimento utilizados como revestimento para os barracos dos desalojados da usina. Seu comércio, antes voltado ao “*povo da roça e carvoeiros*”, se organiza para atender os muitos funcionários das empreiteiras.

Na sua fala vemos esse movimento. Enquanto fala da construção da usina destaca o fato de ocorrer paralela a uma ocupação desorganizada do espaço. O que se traduz em contradições sociais.

A empresa quer se instalar em um espaço que não está preparado para contingente tão grande de pessoas. Pensando que é uma construção audaciosa. A mão de obra não poderia ser disponibilizada com qualidade na região. A não ser os baixos postos. Os não especializados.

As pessoas precisam comer, beber, se vestir, tomar banho, ou seja, se alojar. Não existia um comércio dinâmico o suficiente aos interesses locais anteriores a esta ambição.

Quiçá neste momento. Estavam difíceis os suprimentos para quem estava empregado. Como iria viver os que não conseguiram qualquer trabalho? Quem veio somente com a certeza que quer trabalhar, mas não tem a qualificação profissional exigida. Não tem garantias. Estes tiveram que se arrumar as margens do ribeirão Ipanema constituindo um cinturão de pobreza em torno do centro de Ipatinga<sup>43</sup>.

Este *cinturão de pobreza* perdurou forte até o projeto “Novo Centro” da prefeitura de João Magno de Moura em 1994/98. Nesta ocasião houve a desapropriação de parte do contingente de órfãos da siderúrgica. Os desalojados foram alocados em regime de mutirão no final do bairro Veneza. Nem todos os habitantes da rua do buraco concordaram em sair para construção da avenida com área de lazer (o que no final de contas foi o “novo centro”). Alguns destes se mantêm em realidade aproximada do descaso público da época da construção. Hoje não é por causa da construção, mas das contradições sociais que surgiram em virtude de terem terminado de construir. Nos anos seguintes progressivas expansões e mega-expansões continuavam a motivar muitos trabalhadores despreparados ou pouco esclarecidos do universo criado em torno de uma indústria como a Usiminas.

De fato a usina é muito importante para a História da cidade. Se fizermos um referendo provavelmente ela ganharia como o fato mais importante da História de Ipatinga. O impulso transformador do homem a reconstruir a paisagem. Nesse movimento também vem a cultura. Mas não existia cultura em Ipatinga anterior a construção da siderúrgica Usiminas? A foto que registra a rua do comércio nos anos da construção da Usina Intendente Câmara está dentre poucas que aparecem tipos humanos.

Fotos recorrentes sobre a cidade na década de 60 se direcionam a captar o que havia no centro geralmente de tomadas aéreas. Gostaria de mostrar fotos que mostram as pessoas de perto. Ver os rostos. Como a velha foto de meu Tio Claudionor Garcia tirada em 1961 em Ipatinga. Meu avô aparece escorado na porta sem identificação se jovem ou velho. O identificamos por traços do olho, nariz e cabelo. Também seu estojo de ferramentas ao pé do meu tio. Meu avô era carpinteiro. Meu tio Claudionor trabalhava como tropeiro. Os dois estão dentre tantas pessoas que vieram se reunir em Ipatinga nessa década e que foram esquecidos dos postulados teóricos.

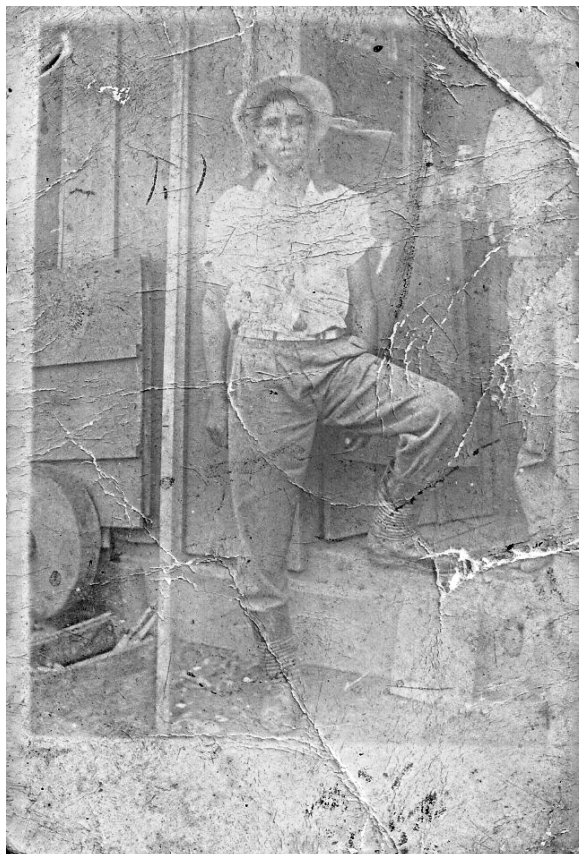
As figuras humanas que estão abaixo não se parecem com metalúrgicos. Nem com alguém que se pretendia tal. Mas outros com a mesma origem foram. Nesse casebre de madeira, por perto era mata fechada, vivia minha família em Ipatinga na década de 60. Uma

---

<sup>43</sup> Vide as fotos numero 2 e 3 contidas no capítulo 1.



moradia assim não era exclusividade da minha família. Nem exclusividade de meu Tio Claudionor a necessidade de perneira para o trabalho. Existiam muitos ofídios. A memória desse tipo de vida é pouco registrada.



Claudionor Garcia (filho, lado de fora) e José Norberto de Freitas (o pai, dentro do barraco). (acervo do autor).

Minha família veio de Marliéria. Esta cidade fica perto de Ipatinga e praticamente dentro do Parque Estadual do Rio Doce. Quando chegaram a Ipatinga as mulheres mais velhas foram lavar roupas para trabalhadores de empreiteiras. Meu Tio visitava a casa de vez em quando trazendo e levando tropas de burro. Meu avô se dedicou à carpintaria. Hoje ninguém da minha família vive assim. Existiram poucos metalúrgicos em meu ambiente familiar. Nenhum deles é parente de primeiro grau.

Minha família morava no Canaã quando ainda estava longe de se chamar Canaã. Era a fazenda do *Selim*. Estão em Ipatinga antes mesmo da emancipação. Minha família não é única com trajetória parecida. O registro de memórias induz a premissa de privilegiados. Urge a necessidade de nos posicionar mos em relação aos critérios de seleção.

Existem muitos atributos que defendem a importância da Usiminas para a cidade. Contidos nos relatos históricos, monumentos, índices de crescimento e medidas do patrimônio

capital dificultam creditarmos importância a um relato que se distingue desse imaginário: *O que seria de Ipatinga sem Usiminas?*

Na entrevista de Zulmira Barbosa não vemos essa importância em citar a usina. Não estava lhe perguntando sobre. Quando feito, Zulmira Barbosa não se demorou em mudar de assunto sem desprezar, apenas indiferente. A memória se diferencia no ponto que as trajetórias de vida dos narradores se distinguem. A Usiminas não está contida no relato de Zulmira porque nunca foi motivação das relações diárias. No entanto os demais habitantes solicitados pelas memórias da construção da cidade estiveram direta ou indiretamente ligados aos interesses da usina. Ela se fazia importante no cotidiano<sup>44</sup>.

Temos em mente que é difícil compreender estas memórias. Quando procurei Zulmira Barbosa tinha a idéia de procurar indícios. Estes deveriam balizar uma História da cidade sem a presença da siderúrgica Usiminas. No entanto, pude sentir, quando realizei as entrevistas que minha ambição dialogou com questão própria. Essa perpassa a vida dos habitantes mesmo inconscientemente. A presença ou ausência da Usiminas.

Através da família do Sr. Anatólio e sua esposa Dona Bizuca pudemos conhecer várias figuras que estão no elenco dos pioneiros<sup>45</sup>. Na verdade este povo recepcionou a empresa e não o contrario. Nas discordâncias se construiu uma cidade onde a educação para o trabalho tinha um divisor de águas: a Usiminas. Todos os jovens nascidos em Ipatinga estão sujeitos mesmo que indiretamente as políticas geradas em torno dela. Acontece que se distanciando da usina a rotina muda. No entanto, a área total da cidade provavelmente não propiciará uma tradição nessas rotinas. A importância da Usiminas não precisa ser superestimada (eis um termo que não caberia). Mas pode ser questionada. Sem atropelos tenho um relato disponível sobre o Barra Alegre. Tento afirmar sua importância. O tem pra mim.

Através do processo de orientação tive acesso ao texto *“A filosofia e os Fatos”* de Alessandro Portelli. Texto cuja impressão ainda é um processo mental em andamento. Possibilitou coragem para enfrentar várias questões metodológicas. Primeiro, tinha dificuldade em enfrentar o tema. Sou da parte que não tem motivo para se orgulhar do

---

44“Sempre presente é atuante”. Lema no logotipo da empresa durante a gestão de Rinaldo Campos Soares, presidente da Usiminas de 1986 a 2008. Em janeiro de 2009 Marco Aurélio Castelo Branco assume a presidência geral da Usiminas.

45 O trabalho não tem a pretensão de ir afundo no termo pioneiro. Essa discussão é rica, mas preferimos utilizar pioneiro pensando somente em lideranças civis. O modo como nos posicionamos em relação a esse termo parece excluir a reflexão de Gianni Langaro In: LANGARO, Gianni Fernando. Para além de Pioneiros e Forasteiros: outras Histórias do oeste do Paraná. Universidade Federal de Uberlândia, dissertação de mestrado, Instituto de História, Uberlândia, 2006.

“colosso gigante, desperto no seio de minas<sup>46</sup>”. Mas sempre tive muito orgulho dos que “ergueram em massa possante”<sup>47</sup>. A eles atribuo minha educação.

O texto de Alessandro Portelli questionou a postura deste trabalho. Parte dos entrevistados foram pessoas importantes em minha vida. Falo de pessoas que conheci pessoalmente ou seus familiares. São rostos familiares. A *baixada*<sup>48</sup> não é tão grande, mesmo com seus inúmeros *baxios*<sup>49</sup>. Como manter uma postura objetiva se o tema traz em si emoções difíceis de administrar. A questão é a objetividade.

O texto do Prof. Portelli fala da vida de Frederick Douglass escravo nascido no estado de Maryland, Estados Unidos. Que se envolvendo no *movimento contra a escravidão, chegando a ser um orador muito solicitado pela eloquência com que narrava suas próprias experiências como escravo*<sup>50</sup>.

O início de narrativa que o Prof. Portelli propõe levanta questões referentes aos fatos e a filosofia que acompanha os procedimentos da comunicação humana. Também de mecanismos sociais que interferem no processo de construção do pensamento. Quando questiona a distinção entre *os fatos* que o escravo Frederick Douglass trazia em suas experiências e a *filosofia* que seus patrocinadores liberais brancos queriam monopolizar<sup>51</sup>. Questiona argumentos que oprimem certas correntes de pensamento acadêmico. Que existe uma cultura erudita e outra popular. Esses argumentos também oprimem nosso pensamento em conversas cotidianas. Afirmam uma concepção de mundo que disputa visibilidade. Rivaliza politicamente e não contempla nossas reflexões individuais.

Ele afirma que Frederick Douglass ao contrario das intenções de seus patrocinadores *insiste em falar por si mesmo, em interpretar e julgar-se a si mesmo e aos demais, entrelaçando continuamente os fatos com a análise de sua subjetividade.*<sup>52</sup>

Frederick Douglass demarcava assim um ponto de resistência. Defendia sua *subjetividade*. Seus patrocinadores liberais brancos se consideravam superiores. Disputavam serem os portadores da *filosofia* apropriada para interpretar os fatos narrados por ele. Eram “cultos”, logo, estariam em condição mais objetiva. Pois não estavam imbuídos dos

---

<sup>46</sup> Trecho do Hino a Ipatinga.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Nome popular para designar a região do Vale do Aço.

<sup>49</sup> Não sei por quê. Toda cidade do colar metropolitano tem uma localidade com o nome *baxio*. Normalmente não é baixo nem plano.

<sup>50</sup> Portelli, Alessandro. *A filosofia e os fatos-Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol.1, 1996, p.59-72.

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Portelli, Alessandro. *A filosofia e os fatos-Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol.1, 1996, p.59-72.

sentimentos de um escravo fugido. No entanto, a narrativa dos tempos de escravo era preciosa para seus fins políticos.

Acontece que, Frederick Douglass, defendendo sua subjetividade, toma conta das narrativas produzindo de certo um desconforto. Sendo ele um *negro* interpretando as atitudes do *branco* não produziria o efeito do branco se posicionar no lugar do negro. Mas dos liberais brancos terem que pensar nas contradições de um lugar social privilegiado. É isso que o outro sente quando faço.

Isso vai de encontro às aspirações contidas no início do capítulo um quando citei o trabalho das Prof<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> Déa Ribeiro Fenelon, Heloísa Faria de Cruz e Maria do Rosário Cunha Peixoto. Minha intenção era valorizar os agentes históricos. Estamos falando do espaço onde as pessoas se inserem ao registrar suas memórias. Mais além, entender as contribuições da Usina Intendente Câmara não em medidas, números de crescimento e lucro. Mas, em patrimônio humano e cultural constantemente ameaçado. Com isso discutir o lugar social dos sujeitos. A demanda social a qual estão condicionados. Que sentidos constroem suas narrativas.

Podemos então aprender um pouco se ouvirmos outros sujeitos. Seleccioná-los entre os que normalmente não são chamados. Vamos entrar no texto de Alessandro Portelli:

*Esta divisão entre os fatos, dos quais era depositário o escravo, e a filosofia, reservada a seus patrocinadores brancos e instruídos, me parece um bom exemplo de má interpretação, que tem sido à base da recuperação das memórias e das fontes orais, na época contemporânea: de um lado, a ilusão do testemunho como tomada de consciência imediata, de primeira mão, autêntica, fiel à experiência histórica; e, de outro, a divisão do trabalho entre o materialismo das fontes e a intelectualidade do Historiador e do sociólogo.<sup>53</sup>*

Escrevendo sobre Ipatinga não existe distanciamento. Talvez essa carente ilusão da objetividade se firmasse se o enredo fosse uma temática sobre a cidade de Uberlândia. Ipatinga é um dilema que vou carregar por toda vida. Pelo trabalho e formação acompanhando a trajetória das pastorais sociais da Igreja Católica de Ipatinga. Somente agora consigo teorizar pessoalmente. Prosseguindo:

*Esta separação se fundamenta em preconceitos de caráter classista, que têm muito a ver com a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual e, no caso do negro Frederick Douglass e de seus patrocinadores liberais brancos, inclusive com preconceitos de caráter racista. No entanto, o eixo sobre qual gira toda questão não é nem mais nem menos que a ambígua utopia da objetividade: por um lado, a objetividade da fonte e, por outro, a objetividade do cientista com seus procedimentos neutros e assépticos.*

---

<sup>53</sup> Portelli, Alessandro. *A filosofia e os fatos-Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol.1, 1996, p.59-72. b

*Não obstante, no espaço intermediário (na terra de ninguém dos fatos e da filosofia, e no duvidoso confim onde ambos se superpõem) se coloca o território inexplorado e exorcizado da subjetividade. O principal paradoxo da História oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (como é o caso de Frederick Douglass), quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir e exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados.<sup>54</sup>*

Nesta “terra de ninguém” situamos nossos questionamentos. Estamos refletindo sobre cidade. Como as pessoas se inserem nela a ponto de selecionarem em suas memórias a parte que projeta sentidos a suas trajetórias.

Relendo as publicações Homens em Série devemos ter em mente o processo de releitura continua da História. Por isso, quando Alessandro Portelli diz que *recordar, contar já é interpretar*. Que a filosofia é construída dentro da narração e está implícita nos fatos. Que ela motiva a expressão *do significado da experiência através dos fatos*. Mexe na estrutura deste trabalho. Mexe na estrutura mental cotidiana. Percebemos que a filosofia é produto da experiência. Estas são questões prioritárias quando lidamos com fontes orais.

Este trabalho propõe uma reflexão. Como estas manifestações repercutiram nas pessoas. A isto não posso isentar o universo que cresci e o que agora estou inserido. Não pretendemos um ataque desenfreado sobre a Usiminas. Por exemplo, glorificar os trabalhadores transformando-os numa mistura disforme. Entre vítimas e heróis. Essa comparação pode ser útil em outro movimento do texto.

A experiência como elemento que fomenta a filosofia. Não existe causa e efeito em modos simplistas. Estamos falando de várias camadas sobrepostas: experiência, filosofia e memória.

Temos clareza disso quanto selecionamos pessoas de diferentes setores sociais a se manifestarem sobre o debate. Dentro da experiência se transmite algumas sutilezas. Vemos isso quando abandonamos hierarquias falsamente eruditas e procuramos uma reflexão que focaliza conjuntos de sentidos. Esses sentidos estão expressos na forma como as pessoas se posicionam frente à realidade.

---

<sup>54</sup> Portelli, Alessandro. *A filosofia e os fatos-Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol.1, 1996, p.59-72

Agora tenho que explicar melhor as publicações Homens em série. A intenção é situar a publicação e seus entrevistados dentro deste enredo. Seu tempo vivido e tempo registrado. Suas experiências e os sentidos que atribuem as mesmas. Com isso procuramos entender um pouco melhor os porquês da História de Ipatinga aproximada da usina e distante do arraial velho. São questões referentes a posicionamentos políticos. Minha posição era de quem cresceu no bairro Canaã de família muito católica. Depois militei nos grupos de reflexão das cebs<sup>55</sup>. Na comunidade do centro da década de 90.

Com a palavra “Chico Ferramenta” prefeito de Ipatinga. Na sua primeira gestão entre os anos de 89/93. Na apresentação do primeiro volume de Homens em série:

*É com imenso prazer que a Prefeitura de Ipatinga entrega à cidade neste 7 de outubro, data tão relevante à memória dos trabalhadores, o primeiro volume de HOMENS EM SÉRIE. Após um ano e meio, os pesquisadores conseguiram reunir depoimentos históricos, fotos, documentos, boletins, mapas e poesias, que deram vigor a este trabalho.*

*Não houve a intenção de se fazer heróis, personalizar a História e, claramente, fugiu-se à tentação de escrever a História oficial do município, que seria baseada nas realizações e autobiografias dos prefeitos.*

*Trata-se de um trabalho científico, onde as forças motrizes da História são identificadas e as inúmeras mãos que construíram Ipatinga aparecem unidas.*

*O lado bom do pioneirismo do aço no Brasil da década de 60 é ressaltado. Mas tudo aquilo que veio junto-a opressão, a miséria, o favelamento precoce da cidade, a revolta- é também descrito e documentado, pois a História tem muitos lados.*

*É a nossa História, a nossa vida, o resgate do nosso passado, para construir um futuro justo e humano.*<sup>56</sup>

O sete de outubro é uma data realmente importante para Ipatinga. Mas não comemorativa. Em 1963 a constante leva de trabalhadores motivados pela construção da usina vivia em péssimas condições de vida em torno do arraial. Inúmeras provações diárias. Uma vida nada invejada. Para se construir o *lado bom do pioneirismo do aço no Brasil* condena-se um contingente constante e inflacionado de trabalhadores a uma condição de *opressão, miséria, favelamento precoce* e na conclusão do prefeito.

A opressão cotidiana que esses habitantes em processo de disputa do espaço sentiram demonstra a facilidade com que capitalistas esquecem demandas sociais. Oxalá! Não são heróis! Não os tornam Heróis! São nossas vítimas e algozes.

<sup>55</sup> Comunidades eclesiais de base: movimento católico que surgiu em São Paulo, capital, com o intuito de pregar valores evangélicos nas comunidades de periferia. Apoiados por Dom Paulo Evaristo, cardeal Arns recebe visibilidade na CNBB e se propaga em várias regiões do País. Adquirindo características locais. No caso da Igreja Católica de Ipatinga: as diferentes práticas religiosas das paróquias Cristo Rei (centro), Cristo Libertador (Canaã- Bethânia ) localizadas em áreas de periferia; e, Sagrado Coração de Jesus (Cariru) e Nossa Senhora da Esperança (Horto) que pertencem a região de classe média e alta.

<sup>56</sup> HOMENS EM SÉRIE: *A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Outubro de 1991.p.31.

A cidade em seu conjunto. No mês em que lembra seu episódio mais macabro<sup>57</sup>. Mês e ano de lançamento da publicação *Homens em Série*<sup>58</sup>. Também o mês e ano do leilão de seu amado *colosso gigante*<sup>59</sup>. Não produziu forças de oposição que impedisse a privatização da Usiminas. A maior parte dos operários estava feliz com a promessa de agora serem acionistas e não somente *peões* da empresa. Assassinaamos novamente os que presenciaram aquela barbárie por não devolvermos a resposta devida pelo que roubaram de suas vidas. Defender o preço que elas custaram. Também eles nos matam quando na nossa indiferença a este enredo bizarro de nossa história desconhecemos o preço que hoje vale a vida nessa cidade. A parte desconhecida do sofrimento de quem não compreende ou não sabe, e a inaceitável de quem sabe e não tem meios apropriados para aliviar a dor, fazer justiça.

As entrevistas condicionadas na publicação *Homens em Série têm por objetivo abordar a evolução de Ipatinga*. Para essa abordagem “*tomou-se como período determinante de pesquisa o início de construção da siderúrgica, em fins dos anos 50, até 1988, quando a política local sofreu uma transformação profunda, fruto de resultado eleitoral*”<sup>60</sup>. O PT vence o processo eleitoral de 1988. Francisco Carlos “Ferramenta” Delfino era um empreiteiro da Sankyu<sup>61</sup>. Ele havia disputado as eleições para presidência do sindicato dos metalúrgicos de Ipatinga em 1985, mas, perdeu para Luiz Carlos Miranda o candidato da usina. O Sindipa esteve voltado a um “*diálogo*” com a empresa, e a um ensurdecer frente às lutas e degradações dos direitos dos trabalhadores da siderúrgica, ao longo de sua história. Quanto a sua postura ao restante da cidade demonstra o caráter dividido de Ipatinga. Cabe lembrar a imagem dos três macacos: cego, surdo e mudo.

A postura de Luiz Carlos Miranda, que ganhou a eleição para presidência do Sindipa mandato 1985/1995 sendo um dos articuladores da campanha pela privatização da Usiminas na cidade, presidiu novamente nos anos entre 2001/2009, demonstra um pouco deste sentimento. Ele se orgulha em dizer: *O trabalhador metalúrgico de Ipatinga é o melhor do Brasil. Ele veste a camisa da Empresa*<sup>62</sup>.

<sup>57</sup> Sete de outubro de 1963. Nessa ocasião aconteceu o incidente conhecido como massacre de Ipatinga.

<sup>58</sup> HOMENS EM SÉRIE: *A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Outubro de 1991.p.31.

<sup>59</sup> A Usiminas foi a leilão público em 24 de outubro de 1991.

<sup>60</sup> HOMENS EM SÉRIE: *A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. - Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Outubro de 1991.p.31.

<sup>61</sup> Sankyu S.A. empreiteira japonesa que iniciou suas atividades no Brasil em 1972 com sua primeira filial em Ipatinga. Uma das responsáveis pela manutenção de equipamentos da Usina Intendente Câmara.

<sup>62</sup> Entrevista com Luiz Carlos Miranda, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga. Revista do Sindipa. Gestão 2001/2005. Ipatinga, MG.

Na disputa popular dentro do Sindipa sempre venceu a voz patronal. Essa voz convencia reproduzindo um discurso defendido como cultura. A cultura em Ipatinga é entendida pelo trabalho. Sem abstrações teóricas. Na bandeira do município estão inscritos os dizeres: Trabalho-Confiança-Progresso. O ambiente que propiciou a eleição de Chico Ferramenta ao seu primeiro mandato serviu como resposta de uma cidade dividida. A política não mudou somente pelo *resultado eleitoral*. A cidade sem a Usiminas mostrava que tinha crescido. A parte que seguiu a direção dos morros não dinamitados a esquerda da linha férrea<sup>63</sup> era maioria eleitoral e minoria dentro da Usiminas.

A organização popular exterior as estruturas da empresa teve repercussão entre a esquerda do Brasil. O Partido dos Trabalhadores se estabelece em Ipatinga. Cresceu e se organizou do descontentamento público. Esta trincheira política surgiu de uma coalizão de forças. Os descontentes ou órfãos da siderúrgica encontraram no PT uma plataforma as suas reivindicações. E o PT encontrou dentro da Igreja Católica a força necessária para desequilibrar a balança política. As comunidades eclesiais de base em Ipatinga chegaram a uma organização que ainda hoje é referencia para a diocese de Itabira - Cel. Fabriciano, sua Igreja irmã da Ilha de Marajó e para a teologia da libertação no Brasil<sup>64</sup>.

No entanto, a pluralidade de disputas dentro da Igreja a torna heterogênea demais para tratar o que conhecemos por teologia da libertação no Brasil e em Ipatinga como uma mesma manifestação. Para entender as memórias dos habitantes registradas nessa publicação, o que significou a eleição de Chico Ferramenta, a participação da Igreja Católica em Ipatinga, a privatização da Usiminas no mês em que a cidade devia se movimentar em torno das questões referentes ao *Massacre de Ipatinga*. É preciso utilizar outro depoimento de Homens em Série. Uma pessoa com quem trabalhei durante anos nos encontros da Paróquia de Cristo Rei. O Padre José Miranda.

***P. Como foi a chegada dos freis franciscanos em Ipatinga?***

***Pe. Miranda:*** *Em fins de 1982 eles vieram à região querendo fazer um trabalho inserido nas comunidades. Os primeiros que vieram foram Eduardo, Jaime e João José. Escolheram o bairro Bethânia como ponto de referencia. Até fins de 1988 eles trabalharam integrados à paróquia. Nós tentamos fazer um trabalho em conjunto, embora fosse difícil, porque eles têm um carisma diferente, com outra visão religiosa. Em 1989 a gente chegou à conclusão que havia uma grande evolução e seria ideal que eles assumissem uma paróquia. Posteriormente, foi criada a Paróquia Cristo Libertador<sup>65</sup>, compreendendo os bairros Bethânia, Canaã e Vila Celeste, que se tornaram setor dos franciscanos. Mas desde 1982 houve um trabalho enorme deles na base, no movimento sindical. Daí, surgiram a Pastoral Operária e a Pastoral de*

<sup>63</sup> Sentido Belo Horizonte em direção a Vitória no Espírito Santo.

<sup>64</sup> Em Janeiro de 2008 se realizou em Ipatinga o 11º Encontro Intereclesial de Ceb's. Principal encontro das comunidades eclesiais de base do Brasil que, ecumênico e de opção preferencial pelos pobres.

<sup>65</sup> Paróquia Cristo Libertador, criada em junho de 1989.



*favelas. Quer dizer, são setores novos influenciados pelos franciscanos. Além disso, outras pastorais foram criadas como da Carcerária e da mulher marginalizada. Eu acho que eles tiveram um papel muito importante aqui. Houve muita contestação.*<sup>66</sup>

Esse ambiente de constantes organizações sociais nos bairros Canaã, Bethânia e Vila Celeste me trazem algumas imagens da infância. Nasci em dezembro de 1981. Minha família era muito católica e residia no Canaã. Ali vivi até janeiro de 1990. Lembro que minha avó me levava a Igreja e sempre tinha uma senhora que reclamava: *a missa ta parecendo comício, agora vem pra Igreja esperando reza e padre falando de política.*

Os bairros Canaã, Vila Celeste e Bethânia é o lugar onde se estabeleceu os padres Franciscanos. Nas palavras de Padre Miranda havia uma dificuldade para trabalhar entre eles e os franciscanos por diferença em função do carisma. Os diocesanos são preparados para trabalhar em uma paróquia. Devem prestar voto de obediência ao bispo (que esta perto, em Cel.Fabriciano) e ao Papa. Já os franciscanos são padres preparados para trabalhar em missões. Vai aonde o superior da congregação determina que eles trabalhem. Quando chegam realizam uma inserção na comunidade de seus valores e práticas religiosas. O *carisma* desta corrente de franciscanos que residiam no Bethânia era de trabalharem em zonas de conflito. Onde houvesse emergentes demandas sociais. Também devem obediência ao Papa. Mas não ao bispo. Somente ao superior da congregação dos franciscanos que se divide em províncias. A sede desta província franciscana era Belo Horizonte.

Padre Miranda manifesta o bom trabalho realizado pelos freis desde 1982. Apesar das diferentes concepções e práticas. Padre Miranda não foi escolhido ao acaso para esta entrevista. Ele está inserido neste contexto de constantes mudanças. Constantes rupturas e choques. Ele foi famoso articulador dos problemas da cidade e da diocese. Nesta entrevista quero externar as avaliações que Padre Miranda desenvolve sobre assuntos da articulação civil em Ipatinga. Demonstrando um pouco do clima vivido as vésperas da privatização. Narra às características particulares da Igreja Católica de Ipatinga inserida num contexto de disputas acirradas e por diversas oportunidades violentas. Onde a Igreja disputa seu espaço. Um terreno fértil em trabalho. Mas poderia ser perigoso em manifestações populares. Onde religiosos em suas relações com a comunidade tomam posturas diferenciadas. Mas no total, se direcionam aos problemas desta ocupação. Ocupação desta cidade ainda com menos de três décadas de vida. Menos de três décadas do Massacre.

Queremos entender o depoimento do que existia no Barra Alegre através de Tia Zulmira. Porque ele se diferencia das posturas a respeito da cidade antes da Usiminas.

---

<sup>66</sup> Padre José Miranda entrevistado por Lenira Ruenda em Ipatinga, 1989. Homens em Série. Ipatinga, outubro de 1991.

Buscamos a clareza que o ambiente onde foram produzidas as memórias de Homens em Série é o contexto em que a esquerda de Ipatinga chega ao poder em função de uma forte organização comunitária. Que podemos contar um pouco da trajetória desta organização em relação à participação popular dentro e fora da Igreja. Dentro e fora da Usiminas. Pois assim, creio eu, ser mais fácil a clareza que a Usiminas não está no discurso de Tia Zulmira porque ela não foi parte fundamental no seu cotidiano. Exista também a questão de entrevista. Essa foi realizada em 2008 e as forças políticas dentro da comunidade de Ipatinga são outras. O período das entrevistas de Homens em Série é um período em que várias outras questões estavam em jogo. A Usiminas estava em jogo e a cidade perdeu.

Vamos entender a postura e o lugar onde Padre Miranda se inseriu neste contexto de relações. Sobre a organização popular que aconteceu na Igreja Católica de Ipatinga Padre Miranda diz:

***P. Houve algum tipo de pressão com a intenção de dissolver esses movimentos?***

***Padre Miranda:*** *O Vale do Aço é uma região tensa por natureza. Pressões individuais, não, mas em geral, sim. A Igreja, por força das circunstâncias, às vezes é um instrumento de contestação. Houve muitos atritos com a prefeitura e com a câmara. Chegou até ao antagonismo, um rompimento com o prefeito. Ele propunha coisas que não concordávamos. Isto estourou em 1982<sup>67</sup>, quando houve uma visita de Dom Mário<sup>68</sup> aqui. Quando ele faz uma visita, gosta de entrar em contato com as forças religiosas e políticas. Então, pediu uma reunião com a Câmara Municipal de Ipatinga. Foi convocada a reunião e estavam presentes os vereadores, prefeito e convidados. O prefeito agrediu ostensivamente o trabalho feito pelos freis franciscanos. A gente mandou uma carta para os convidados e para o prefeito<sup>69</sup>, analisando o discurso. Essa carta foi o motivo do rompimento. A gente cortou totalmente o relacionamento. Depois, participamos do Movimento da Educação, quando o prefeito, em 1985<sup>70</sup>, tentou fechar as Escolas Presidente Vargas e Padre Cícero de Castro. Nos reunimos com os professores, fizemos documentos e conseguimos que não fechassem as escolas. Criou-se um impasse que eu não acho normal em uma região como essa. A missão da Igreja não é ficar desse ou daquele lado, mas, quando acontece, tem que ter uma posição.<sup>71</sup>*

A orientação religiosa de Padre Miranda não lhe permitia uma postura que fosse denominada de esquerda. Nem vou dizer que estes freis franciscanos eram comunistas. Mas a realidade social em Ipatinga fez com que a trajetória de ocupação do espaço social da Igreja Católica reivindicasse posições políticas definidas: *Quando acontece. Tem que ter uma*

<sup>67</sup> Ele erra a data na gravação da entrevista como pode ser visto no cabeçalho da carta de resposta enviada por ele em nome da paróquia e da diocese com o título: *Análise da fala do Sr. Prefeito na reunião do dia 24 de maio de 1984, na sala nobre da Câmara Municipal.*

<sup>68</sup> Dom Mário Teixeira Gurgel, S.s.a.a. (Salvatoriano). Bispo da diocese de Itabira desde 1971. Em 1976 foi eleito Bispo Auxiliar Dom Lélis Lara, C. Ss.R. (redentorista) Com o crescimento da região do vale do aço Dom Lara passou a morar em Cel. Fabriciano. A diocese se dividiu em três regiões pastorais e duas sedes: Itabira e Cel. Fabriciano.

<sup>69</sup> João Lamego Netto. Prefeito de Ipatinga, 1977 a 1982.

<sup>70</sup> Jamil Selim de Salles-PMDB. Prefeito de Ipatinga, 1983 a 1988.

<sup>71</sup> Padre José Miranda entrevistado por Lenira Ruenda em Ipatinga, 1989. Homens em Série. Ipatinga, outubro de 1991.

*posição*. Um impasse que causa estranhamento a Padre Miranda. Esse impasse que Padre Miranda não acha normal é resultado do pouco tempo de vida da cidade. Ele chega a essa conclusão no final da entrevista. São as disputas pela formação de uma elite política e econômica.

A Igreja por vezes foi voz, espaço de reflexão e articulação em torno das necessidades desta cidade em formação. Sua participação sempre foi sentida. Mesmo antes de Padre Miranda e os franciscanos existiram clérigos que se responsabilizaram pelas necessidades materiais das comunidades que formam o Vale do Aço<sup>72</sup>. Todas as forças contidas dentro da Igreja não serão caracterizadas. Queremos analisar o episódio em que a conduta dos freis franciscanos é questionada depois ofendida diante de Dom Mário Gurgel. Nele consideramos notar algumas características deste catolicismo ipatinguense. O padre José Miranda não está no elenco das acusações do prefeito nessa reunião no salão nobre da câmara. O alvo são as associações de bairros nas pessoas dos frades Jaime, Eduardo e João José. Mas ele é quem redige a carta de resposta.

É importante destacar trechos da carta que ocasionou a ruptura da Igreja com a prefeitura de Ipatinga em 1984. O prefeito Jamill Selim de Sales estava se sentindo ameaçado pela organização das associações de bairro encabeçadas pelos franciscanos. Este é um trecho da carta enviada pela Paróquia de Cristo Rei, escrita por Padre Miranda e apoiada por Dom Mário Gurgel:

*Começo a analisar o conteúdo da fala de V.Excia, que foi um monólogo não um diálogo.*

*Estranhou-me a veemente auto defesa em que V.Excia se posicionou.*

*Perdoe-me Excelência, mas ficou a impressão de alguém acuado por inimigos de todos os lados, tentando se defender de unhas e dentes. Gostaria de destacar os seguintes pontos:*

*a)V.Excia tomou uma atitude estranha e inoportuna, acusando três frades nominalmente como inimigos mortais.*

*b)V.Excia justificou seus argumentos, acusando os frades de destruidores da Igreja.*

*c)V.Excia justificou suas acusações se colocando como defensor da Igreja e do patrimônio municipal.*

*d)V.Excia procurava justificar ainda suas acusações, tentando fazer distinção entre os padres e os frades como se uns fossem os santos e os outros os diabos.*

*Diante desses tópicos, que constituem o núcleo da fala de V.Excia passo a uma reflexão sobre cada um.*

*- Quanto ao primeiro tópico ficou clara a ausência do clima de cortesia e diálogo. Pois o que se percebeu foi uma agressividade com o sabor de inquietação.*

*- A justificativa de que os frades são perniciosos à Igreja e destruidores da religião é pueril, Sr.Prefeito. São homens que estão se dedicando a uma área difícil e por sua própria natureza conflitante, porque fica a margem de tudo. São padres que procuram servir sem nenhuma recompensa financeira, tentando viver os valores evangélicos numa realidade onde as pessoas não têm voz nem vez.*

<sup>72</sup> A exemplo de Pe.Cícero de Castro, Pe.Bertollo, Pe.Jean Baptista de Man e Pe. Abdala Jorge.

- *Ser defensor da Igreja, Sr. Prefeito? Isto me faz voltar aos tempos do padroado no Brasil e aos tempos medievais, quando se ouvia muito esse título “defensor ecclesiae”, dado aos imperadores. Esse tempo já se foi e não deixou saudades.*

*Nem eu, nem o bispo, nem V.Excia, ninguém é defensor da Igreja. A Igreja é de Jesus Cristo. Ele é quem a defende. Nós somos simples membros da Igreja, tentando viver o ideal cristão.*

- *Quanto à justificativa de que é dever da autoridade civil defender o patrimônio municipal, ninguém duvida disso. É um dever de todo cidadão. Só que é muito pouco para definir a função de uma autoridade civil e o dever de um cidadão. Parece que o dever supremo é o bem comum de todos e, numa época de crise aguda dos meios essenciais de sobrevivência. (...)*

*(...) (...) com o argumento de que lá está o foco da boca do fumo, de que os moradores que lá tentam sobreviver são aproveitadores que exploram o patrimônio municipal. Fazer da favela o foco da boca de fumo, da maconha, em Ipatinga, é inexato, pois V.Excia sabe, tanto quanto eu, que os casos de drogas mais sérios em nossa região se verificam nos bairros de classe média e alta, por que droga custa dinheiro e dinheiro é fruta rara entre os nossos favelados. (...) <sup>73</sup>*

A carta deixa claro que apesar das *divergências de carisma* os padres desse período se responsabilizavam com os problemas da comunidade. Também sabiam formar coalizão quando preciso. Não queremos citar os que tinham um discurso mais moderado ou partidariamente menos definido.

A retórica da carta demonstra que se trata de posições firmes. A realidade desses bairros pede esta posição. Também que a organização popular é dinâmica. O final desta citação tem uma parte que se quebra do contexto que o texto vinha seguindo. Não tinha o original da carta. A reprodução que disponho não permite ver tudo. Nesse fragmento qualquer que fosse a motivação da resposta coincidiria com a constatação que a marginalidade vivida pelos favelados é fruto do dinheiro que lhes falta. Esse se localiza nos bairros de classe média e alta. Qualquer que seja o uso que ambos iriam fazer ele inverte a lógica.

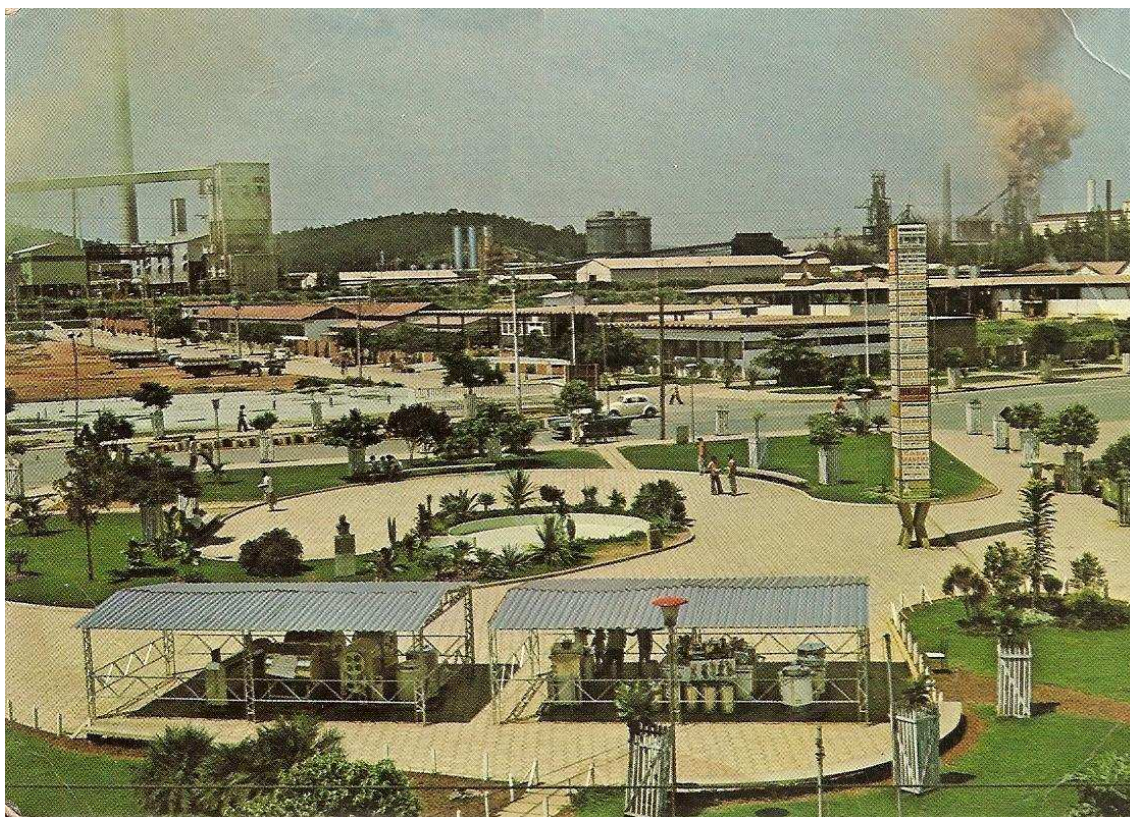
O PT surgiu numa região que, com a construção da Usina Intendente Câmara em fins da década de 50, já necessitava de organização popular efetiva. Nos anos seguintes os problemas sociais foram crescendo ao passo que a cidade se expande. Para podermos compreender o ambiente que o Partido dos Trabalhadores e a Igreja Católica se encontraram, o que culminou com a eleição de Chico Ferramenta, devemos trabalhar com a idéia de como se formaram esses bairros de Ipatinga e a necessidade das associações.

***P. E antes do surgimento do PT? Antes da década de 80, quando a população reivindicava mas não estava organizada, como era?***

***Padre Miranda:*** *Ocorreram em Ipatinga fatos que proporcionaram às comunidades, principalmente do Bethânia e Panorama uma organização. O período de 1976 a 1978 foi marcado por grande crescimento populacional em Ipatinga. A população dos grandes bairros como Bom Jardim, Iguaçu, Veneza, Vila Celeste dobrou. Tínhamos 180 mil habitantes em 1980. Novas comunidades nasceram como o Bethânia, Caçula, Canaã, Cidade Nobre, Veneza II, Vista Alegre, Caravelas e Vila Militar. Até 1980,*

<sup>73</sup> *Análise da fala do Sr. Prefeito na reunião do dia 24 de maio de 1984, na sala nobre da câmara municipal. Homens em série, volume 1, pg. 79. Ipatinga, outubro de 1991.*

*Ipatinga viveu uma euforia onde havia quase 100 empreiteiras<sup>74</sup> na Usiminas. Havia uma massa enorme de operários. A partir daí, começou a crescer. As empreiteiras foram saindo e foi diminuindo o numero de empregos na região.*



*Cartão postal de Ipatinga na década de 70 (acervo do autor).*

*Os problemas foram aumentando. O problema de favelas já existia um pouco antes, mas aumentou no último mandato do Jamill. Eu ia para Mesquita, Belo Oriente, Joanésia, Braunas e encontrava com as pessoas no caminho. Perguntava o que elas estavam fazendo e elas diziam que estavam indo para Ipatinga, por que aqui estavam dando terra. O pessoal fazia o Título de eleitor eles davam um cartão para pegar os lotes. Depois da eleição veio a reação de destruir as favelas. Isso gerou um problema sério. Quer dizer, a própria política usou o instrumento, criou a favela e depois tentou destruí-la. Hoje deve ter aí uns 15 mil favelados que vieram para cá nessa época.*

**P. Que tipo de orientação vocês tinham para organizar as associações de bairro?**

**Padre Miranda:** *Elas surgiram para cobrar do poder público as reivindicações. Isso já era defendido em Vitória e no Rio de Janeiro. Com a entrada de Jamill, sobretudo, ele tentou se acercar desse pessoal. Primeiro ele incentivou a ocupação indevida. Depois fazer dessas áreas reduto eleitoral. Ele enviou estatuto para associações de bairro, que passaram a ser instrumentos da prefeitura nesses locais. Tinha estatuto, eleição, mas eles colocavam ali pessoas mais próximas para serem pontos de referência. Isso dificultou um pouco a organização da população. Eu me lembro que na vinda de Dom Mário, em 1984, aqui, ele foi celebrar no Vale do Sol e a população veio reclamar, estava brava. Tinha ocorrido a eleição da associação e os candidatos estavam preparados, eram pré-fabricados. Eles me pediram para dizer como deveria ser uma associação. Eu disse que a associação é uma entidade da comunidade que tinha de cobrar as reivindicações da população e não uma entidade do prefeito aqui. Os eleitos não gostaram nada da minha falação. Hoje, muitas dessas associações não existem*

<sup>74</sup> O acúmulo de capital que a Usina Intendente Câmara adquiriu, com sua produção na década de 60 permitiu que ela programasse três projetos de expansão na década de 70. Com a recessão econômica da década seguinte ela recuou sua produção e diminuiu os postos de trabalho investindo em tecnologia e automação.



*mais, no lugar, encontram-se aquelas conscientes. No Bethânia havia dois grupos. Um do prefeito Jamill e outro dos movimentos populares.*<sup>75</sup>



*Usiminas e suas constantes expansões na década de 70(acervo do autor).*

Padre Miranda descreve o processo de migração ocorrido na década de 70. Em virtude do acúmulo de capital da primeira década a Usiminas pode realizar uma série de expansões. Ele estipula que em Ipatinga entre os anos de 1976 a 1978 existia cerca de 180 mil habitantes e dentro da Usiminas deveriam estar trabalhando umas 100 empreiteiras. Isso sugere que a massa constante de pessoas que estavam migrando em direção a esses bairros almejava estes postos de trabalho. Estas pessoas tiveram que se alojar onde puderam. Não difere dos acontecimentos dos anos da construção da usina nesse ponto. Mas cidade no final da década de 70 era outra. A administração pública não era mais dos anos de João Valentim Pascoal. Queria se fortalecer em meio a duas correntes: a do prefeito e dos movimentos sociais.

A responsabilidade é outra questão do texto. A Usiminas mais uma vez na sua história é identificada como causa da migração. O clérigo aposta em 15 mil favelados decorridos deste processo. Afirma uma migração ocorrida em forma de favores eleitorais. O prefeito Jamill será então convocado para esclarecimentos. Destacar sua memória. Ele é a situação em

<sup>75</sup> Padre José Miranda entrevistado por Lenira Ruenda em Ipatinga, 1989. Homens em Série. Ipatinga, outubro de 1991.

Ipatinga. A Usiminas até aqui não apareceu no discurso de padre Miranda como força política decisiva na cidade nos anos 80. Mas continua propagar sonhos vazios.



*Pirâmide do Progresso, de Vilma Noëll, localizada no trevo entre o bairro Iguaçu e a Usiminas. Ipatinga. MG. (Domínio Público)*

Devo comentar esse homem. Ele foi prefeito de Ipatinga. Mas sua forma de fazer política poderia ser apropriada, melhor, *a-pró-piada* facilmente como alegoria da política brasileira. Seus costumes em comum. Sobre a forma com que ele chegou à prefeitura de Ipatinga no seu primeiro mandato que houve atritos com a Igreja. Estes geraram uma ruptura total do diálogo. Vejamos:

***P. Depois veio o terceiro mandato?***

***Prefeito Jamill:*** Depois passou nova eleição e João Lamego entrou. Em 1982, disputei novamente, já por força do partido, dos companheiros. A classe política já não concordavam comigo, por que eu sempre fui atirado para fazer os trabalhos. Isso é até na vida pessoal. Me lembro que quando fui fazer o curso de direito, o meu 2º grau foi “camuflado” lá no Rio de Janeiro. Mas era tudo legal. Fiquei lá quinze dias, passei na marmelada, foi tudo direitinho. Fiz vestibular em Teófilo Otoni e em Governador Valadares. Passei nos dois. Já estava no 3º ano, e tinha um grupo de sete pessoas que havia conseguido alguns diplomas “camuflados” em uma escola de São Paulo chamada “Jandira”. Foram até batizados de “grupo da Jandira”. Os professores da faculdade não davam papo para aluno, principalmente o diretor que era um promotor. Me parece que um dos únicos alunos que ele conversava era comigo. Um dia eles foram em minha casa pedindo para eu usar o prestígio de prefeito e conversar, colocar pano quente, porque estavam envolvidos um gerente de banco e um

*policia federal. Eles usaram aquele meio para entrar na escola mas era gente de nível adiantado. Me propus conversar com o promotor. Eu já tinha todas as cartas na mão. Já sabia que os diplomas eram falsos. Sabia que o filho do promotor havia formado com diploma falso também. Então conversei com ele durante cerca de duas horas, e ele me falou que havia dado jeito ainda por minha causa, porque eu estava na mesma situação deles. Falei para ele que não estava pedindo misericórdia para ninguém, porque a situação do grupo e a minha era a mesma do filho dele e que ele, então, fizesse fazer a lei. O promotor fez o processo e mandou tudo para a justiça. Nessa última eleição o processo ainda se achava parado porque não havia interesse em julgá-lo. Eu também não achava nada que poderia impedir minha candidatura, porque estava tudo legal, apesar do processo estar parado. Então João Lamego entrou com um pedido de impugnação do registro de minha candidatura. Aí tive que apressar o processo em Governador Valadares e lá me condenaram junto com outras pessoas a uma prisão domiciliar de quinze dias. Eu não concordei e recorri em Brasília. Lá havia um grupo que já não era mais ARENA e sim ligado a Tancredo Neves que fundou o PP. Tancredo mandou Carlos Cotta<sup>76</sup> me convidar para um encontro em Belo Horizonte e eu fui fundar o PP. Falei com ele sobre o nosso problema. Graças ao prestígio de Tancredo, o processo foi julgado na véspera das eleições e a sentença foi favorável não só a mim, mas a todos os outros envolvidos. Por isso saí candidato de novo.<sup>77</sup>*

Jamil Selim de Sales era um homem que não se comedia em retratar os meandros da política na região. A forma como se confunde juridicamente, direito, burocracia e a mera formalidade fica evidente. No campo do público e do privado. Isso, contido em expressões como “camuflado”, “marmelada”, “foi tudo direitinho”, “grupo da Jandira” e na seqüência de acontecimentos que culminou no seu terceiro mandato. Fica a impressão que seu discurso merecia impreterivelmente de suas expressões faciais enquanto narrava este texto.

Falar de meus conterrâneos deixa-me em posição delicada. A isto insistimos em dedicar sempre que possível o texto na íntegra, uma pergunta e uma resposta. Não nos interessa reproduzir preconceitos mesmo que eles existam em nós. Agora a formalidade é minha. Não informei o motivo principal de reunir tantos nomes conhecidos de Ipatinga. Nesse ponto alguns parecem rivalizar em contradições. Melhor dizer, contrastes e direcionamentos. Pe. Miranda e Jamil Selim, Zulmira Barbosa e Firmo Lott especialmente.

A publicação *Homens em série* foi produzida no primeiro mandato petista. Na apresentação do volume um se lê: “*tratasse de um trabalho científico, onde as forças motrizes da História são identificadas e as inúmeras mãos que construíram Ipatinga aparecem unidas*”. A parte das forças motrizes da História baliza um trabalho de estatuto científico. O fato de ter sido encomendado pela prefeitura remete a observação que consiste verbalmente “*as inúmeras mãos*”. Não este contido ao acaso. Pela intenção da lógica política dos inúmeros acordos e possíveis alianças que a primeira prefeitura de esquerda em uma cidade como esta tem que estabelecer para manter certa autonomia. Ainda se adequar as bandeiras de luta nacionais do PT.

<sup>76</sup> Carlos Cotta era secretário de governo do estado de Minas Gerais nos anos de 1983-1986

<sup>77</sup> Entrevista com Jamil Selim de Sales. *Homens em Série*. Ipatinga, outubro de 1991.



Este trabalho foi produzido numa visão sobre História Oral onde os protagonistas são escolhidos pela trajetória política, participações civis, terem trabalhado na Usiminas ou de alguma forma terem contribuído em uma das inúmeras ocupações do espaço urbano. No entanto exclui uma análise. A história pode ser contada por inúmeros personagens. Cria-se o mito do distanciamento do cientista político. E nesse caso se abster do exercício produzido por Pe. Miranda em sua “*análise da fala do senhor prefeito na reunião do dia 24 de maio de 1984*”. Quando no primeiro parágrafo do texto, ele introduz sua interlocução aos argumentos de Jamill dizendo:

*Sempre que saímos de uma reunião ou de um encontro, cabe-no uma análise uma avaliação. Sobretudo quando se almejava algo sublime como o diálogo e o entendimento. Sinto-me na obrigação de passar a V.excia. Uma análise da fala de V.excia. no encontro da sala da câmara.*<sup>78</sup>

Existe uma finalidade política de tempos severos. A fala de Pe.Miranda expõe uma idéia que já nos foi apresentada. Que não é possível manter-se distante a uma avaliação. A equipe deste projeto manteve certa distância de uma avaliação ou algo que os expunha politicamente. Sem apontamentos que pudessem ser entendidos como “políticos”. Quando esse movimento se torna um conjunto de entrevistas reunidas nós temos um acervo. Um pequeno acervo. Muito rico por sinal. Agora, quando aproximamos estas entrevistas com nosso entendimento e diálogo temos outras paisagens, outras questões e a imprensam que o debate prossegue. A esse efeito a responsabilidade agora é minha e não de Pe. Miranda. Nem tínhamos as mesmas concepções. Mas a figura desse homem, José Miranda, foi referência de vários de minhas ações. Isentar esse fato prejudica nossa reflexão e a defesa que se valida. Seria em certos aspectos o que Portelli afirma em seu artigo sobre as funções do tempo na História Oral:

*Uma estória de vida é algo vivo. Sempre é um trabalho em evolução, no qual narradores examinam a imagem do seu próprio passado enquanto caminham. A dificuldade que entrevistadores (e narradores) muitas vezes encontram em finalizar uma entrevista mostra a compreensão de que a estória que estão contando é aberta, provisória e parcial.*<sup>79</sup>

Isto é uma inquietação importante. Não seria objetivo de minha parte esconder ou omitir o fato que Pe. Miranda foi uma figura que motiva esse trabalho. Não estamos discutindo coleguismos. Mas de certo o compromisso com a realidade social. E esta muitas vezes entra em disputa e rivaliza. Numa entrevista os propósitos rivalizam, entram em conflito

<sup>78</sup> *Análise da fala do Sr.Prefeito na reunião do dia 24 de maio de1984, na sala nobre da câmara municipal.* Homens em série, volume 1,pg.79.Ipatinga,outubro de 1991.

<sup>79</sup> Portelli, A. “*O momento da minha vida*”: funções do tempo na História oral. In: FENELON, Déa et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’Água, 2004.

e muitas vezes não há identificação imediata. O interesse da pesquisa pode modificar a cada nova informação, contato, entrevistas ou conversa corriqueira. O nosso tempo, do texto, dos fatos e do entrevistado rivaliza. Em prioridades, ambições e tendências:

*Enquanto os Históriadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os Históriadores muitas vezes se esforçam por ter uma seqüência linear, cronológica, os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida. Muito depende da abordagem do Históriador. Se a pergunta inicial for “conte-me a História de sua vida”, o começo do relato pode ser diferente do que se a pergunta for: “fale-me de você”. Às vezes, os Históriadores podem estar interessados em falar com uma certa pessoa sobre um determinado evento, período ou tema específico; mas os narradores, freqüente e forçosamente, reintroduzem o tempo os eventos que lhes interessam.*<sup>80</sup>

Quando o entrevistado projeta uma imagem através da narrativa ele também se insere no enredo. Vamos utilizar narrativas que estão carregadas de sentidos. Derivam do entrevistado e somam-se a recepção de quem administra o gravador. Devemos ter a mínima clareza de onde derivam. A escolha da pessoa a ser entrevistada é carregada de intenções. Achamos conveniente entrevistar Zulmira Barbosa por já conhecermos a trajetória de sua família. Ela participou da publicação *Homens em Série* fornecendo fotos e documentos de época. Mas não foi selecionada entre os que seriam os narradores. Nesta publicação vemos pelas respostas que os entrevistados têm certa experiência. Isso pela educação ou participação política na cidade. Pensando no Sr. Raimundo Anício, em Ipatinga na década de 50, ser “comerciante” era uma posição política que destacava. E não estamos falando de um comércio altamente desenvolvido o que já discutimos.

Então nosso objetivo seria buscar uma “intenção popular” nos acontecimentos. Estou baseando este debate em ressonância a entrevista realizada por Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Koury durante conferência realizada com Alessandro Portelli na Universidade Federal de Uberlândia em abril de 2002. Perguntado sobre as disputas pela memória na História, Portelli conclui que *“a história oral é precisamente um método para contestar, para dizer não a essa ideologia hegemônica, pois sempre houve uma intenção popular, uma participação popular nos acontecimentos históricos.”*<sup>81</sup>

Não estamos afirmando que a “intenção popular” está ausente dos volumes de *Homens em Série*. Está presente pela interlocução de suas lideranças. Bem, podemos e devemos procurar outros homens e mulheres, desta ou de outras séries. Assim fazendo, o

<sup>80</sup> Portelli, A. “O momento da minha vida”: funções do tempo na História oral. In: FENELON, Déa et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’Água, 2004.

<sup>81</sup> Entrevista com Alessandro Portelli. In: *História&perspectivas*. Uberlândia, Julho/Dezembro 2001. Janeiro/julho 2002.

objetivo não seria dar volume a estatísticas, sim, darmos volume a novas questões. O trato que essas memórias merecem é um trabalho delicado e inacabado. Com várias questões que incomodam. Isso por que sempre queremos avançar. Continuando com a entrevista com Alessandro Portelli:

**Prof. Paulo Roberto de Almeida:** *Há algo que ainda nos incomoda sempre que revisitamos seus textos, que diz respeito ao seu pensamento sobre a memória como algo fragmentário, mas, em contrapartida, você afirma que o texto é completo. Como poderíamos entender esse “paradoxo”?*

**Prof. Portelli:** *Uma das imagens simbólicas que sempre tenho em mente é o quilt, (uma colcha de retalhos) feito de pedaços, à maneira do trabalho da bricolagem, ou seja, criar algo novo e com sentido a parti de fragmentos de segunda mão. Ao que me parece é isso o que frequentemente, a memória faz: fixa-se em fragmentos, ou melhor, em unidades de memória que não estão necessariamente conectadas em uma narração, em um relato cronológico ou em uma seqüência lógica, contudo se associam cada vez de uma maneira distinta, buscando uma relação entre eles na criação de um sentido que todos esses fragmentos constroem juntos.*

*Não é tanto uma questão lógica quanto uma questão de associações, as vezes puramente estéticas ou simplesmente verbais. Há uma palavra, ou um objeto, que aparecem em duas experiências distintas e então se associam. Tem-se aqui outro método de construção do texto: seguir as conexões das palavras. Assim, a memória apresenta-se ao mesmo tempo fragmentaria, pois não é um construto perfeitamente arquitetônico, mas tem um sentido, ou seja, cada vez constrói um sentido com associações diferentes. O sentido é global, pois qual é o sentido da vida?*<sup>82</sup>.

Buscamos sentidos para o que fazemos. Esses sentidos são buscados utilizando fragmentos de segunda mão como afirma o Prof. Portelli. Que sentido teria lutar contra a memória que se pretende hegemônica e trocá-la por uma que constatamos ser fragmentária. A nosso ver é porque essa demonstraria ser mais democrática. Ela mostra o que se perdeu do discurso oficial. Diz-se que a realidade vivida pelos moradores de Ipatinga na época da construção da Usiminas era péssima. Vemos nos discursos e nas entrevistas de Homens em Série. Também como a que realizei com o Sr. Firmo Lott, em que se lê:

**Entrevistador:** *e a condição de trabalho lá na Usina nessa época, como é que era, o refeitório?*

**Firmo Lott:** *no refeitório... Tinha só um bandeirão ne,tinha um restaurante por fora aqui que era de engenheiro e técnico,peão não podia comer,tinha a asa branca que era ali perto do Bretãs ali ó...asa branca...e outra coisa,aqui dentro tinha comida aqui ó...eles foram por fim eles tavam oferecendo pouca comida,comida pouca né,porque não tinha estes restaurantes da Caipa,num tinha...num existia isso não,depois que puseram,tinha um madeira lá dentro,entendeu,uma comida muito ruim,vou te falar...Depois foi melhorando,foi melhorando,melhorando...ai passou pro Moraes,que a Usiminas fez um restaurante grande lá dentro,fez outro pra fora,tinha outro pra fora né...*<sup>83</sup>

<sup>82</sup> Entrevista com Alessandro Portelli. In: *História&perspectivas. Uberlândia, Julho/Dezembro2001. Janeiro/julho 2002.*

<sup>83</sup> Entrevista com Firmo Lott.

Nesse fragmento notamos parte de como somos divididos. É uma divisão que no caso de Ipatinga é caracterizada em várias falas. A divisão dos bairros da Usiminas em função da hierarquia dentro da empresa. Hierarquia dentro e fora da empresa.

Pensando no preconceito que surge da hierarquia e pode ser uma das principais causas de uma perseguição. Vamos pensar através da pergunta feita a José Deusdedith “Serrinha” Chavez. Sua memória também está contida em Homens em Série. Entre fatos da sua participação política na cidade ele fala do famoso *serviço de informação* da Usiminas.

*(...) Aqui fui admitido pela Usiminas pra trabalhar no gasômetro. Naquela época eles não tinha o serviço de informação que montaram depois. Se tivesse eu não teria sido fichado. Trabalhei só um ano na Usiminas. Depois, em 1964, fui preso e demitido.*

**P:** O senhor foi demitido por causa de questões sindicais?

**José Deusdedith:** Desde a época em que trabalhei na Acesita já me envolvia com luta sindical. Minha situação na Usiminas até que não era ruim. Eu era operador chefe e tinha um salário razoável. Tinha uma situação privilegiada, mas eu comandava uma equipe muito precária, muito diferente da minha. Naquela época, a situação era pior que hoje. Não existia CIPA<sup>84</sup>, nem as mínimas condições de segurança. Morria gente quase todo dia de acidente de trabalho. Dessa forma não tinha jeito da gente ficar alheio à luta.<sup>85</sup>

O senhor José Deusdedith expõem fatos que levam concluir ser perigoso o envolvimento com sindicalismo em Ipatinga na década de 60. Podemos sentir também certo preconceito sobre um tipo de trabalhador. O trabalhador sindicalizado. Esse posteriormente seria catalogado pela Usiminas para não constar do efetivo a ser contratado. Esse é um preconceito diferente da hierarquia dos restaurantes. Mas caracteriza uma divisão. Divisões são sentidas politicamente e a prática coincide na acusação de mérito. Pensar melhor, na década de 80, o prefeito Jamill não demora em estabelecer sua concepção sobre a população pobre. Quando Jamill Selim de Sales destaca a posição política da Igreja Católica nos anos 80 não afirma merecimento dos trabalhos. Ele afirma que não passa de oportunismo. Vemos a divisão e o preconceito na sua fala:

**P.** Os atritos entre o movimento popular e a prefeitura começaram com a chegada dos freis ao Bethânia em 1982?

**Jamill:** Nessa época a prefeitura recebia orientações para organizar as associações de bairros e organizamos setenta. Ainda no primeiro ano do ultimo mandato, convocamos todas as forças vivas de Ipatinga para trabalhar conosco no planejamento da cidade. Quase todas compareceram, com exceção dos padres. Na época, eu não tinha conhecimento de como funcionava uma associação. E a oposição, que era a Igreja Católica, sempre teve poder, por que trabalhava em cima dos desfavorecidos da sorte –

<sup>84</sup> CIPA: Comissão Interna de Prevenção de Acidentes.

<sup>85</sup> José Deusdedith “Serrinha” Chávez. Entrevistado por Lenira Ruenda e Carlindo Marques Homens em Série. Ipatinga /outubro de 1991.

*desempregados- e esses eram mais fáceis de serem liderados. E isso foi crescendo por causa da crise.*<sup>86</sup>

Jamill era situação em 1982 e caracteriza a oposição exclusivamente como sendo a Igreja Católica (pois ainda não existia PT). Segundo ele, a Igreja se aproveita dos “desfavorecidos da sorte”. Eles são “mais fáceis de liderar”. Já discutimos um pouco do que representavam as associações de bairros e o porquê Jamill S. de Sales acha que esses desfavorecidos são fáceis de liderar através da fala de Pe. Miranda<sup>87</sup>. Jamill convida os *desfavorecidos da sorte* a se apossar de terrenos em Ipatinga desde que façam o título eleitoral. Depois que ganhou a eleição mandou a turma do desmancha barraco. Os alojados resistem; então Jamill tenta controlar as associações de bairros. Os *desfavorecidos da sorte* se reúnem dentro da Igreja e posteriormente o PT. Nesse ambiente encontram a agenda de suas reivindicações. Os “desfavorecidos da sorte” estão registrados somente por terceiros.

Temos em mente a idéia de Jamill a respeito da população de excluídos do capital. O preconceito sobre os que viam de fora. Era a maioria sem trabalho e sem conhecimento técnico. O preconceito que existe em nós. Que gera o medo na esposa do senhor Firmo Lott a Dona Maria Aparecida. Quando participando da conversa que gravávamos, ela descrevia as dificuldades que as esposas passavam, lembrou que:

**Entrevistador:** do caminhão?

**Firmo Lott:** é um caminhão...

**Maria Aparecida:** não, não chamava papa-fila.

**Firmo Lott:** papa-fila.

**Maria Aparecida:** era um ônibus grande que eles arranjaram aqui ó...

**Firmo:** cabia 200 pessoas dentro dele...

**Maria Aparecida:** ia daqui na esquina.

**Entrevistador:** nossa!!!

**Firmo Lott:** Tinha as carreta aqui ó...

**Maria Aparecida:** Aqui era uma loucura, mulher num podia andar aqui não, sabe por quê? Andar sim, mas tinha que ficar calada, porque era muita gente é desordenada, peões estranhos de outros... outros estados que vieram trabalhar aqui, pegava a gente aqui a qualquer hora, até com o sol quente...

Dona Maria Aparecida identifica os *peões estranhos de outros estados* com medo e preocupação. Essas pessoas que geram medo aos trabalhadores e suas esposas são frequentemente relacionadas aos que não conseguiram emprego na usina. Estes, segundo boa parte dos relatos se amontoavam no centro<sup>88</sup> e nas imediações da cerca da siderúrgica. Dentre estes estavam os que “*causavam medo*”. E os outros que conviviam com estes? Mesmo os

<sup>86</sup> Entrevista com Jamill Selim de Sales. Homens em Série. Ipatinga, outubro de 1991.

<sup>87</sup> Padre José Miranda entrevistado por Lenira Ruenda em Ipatinga, 1989. Homens em Série. Ipatinga, outubro de 1991.

<sup>88</sup> Nas entrevistas as pessoas relatam que aqueles que não conseguiam emprego, se alojavam em barracos de madeira proveniente dos equipamentos transportados para Usiminas. Na rua do buraco. Alguns chamam o centro de “*cidade livre*”.

homens tidos como violentos não são narrados somente como pertencentes aos desempregados da usina. Como relata o senhor José Deusdedith “Serrinha” Chaves no primeiro Volume de Homens em Série:

**P: Como a Usiminas se relacionava com os trabalhadores?**

**José Deusdedith:** *Ela tinha um corpo de vigilantes formado por maioria de homens violentos. Se o sujeito fosse matador profissional ou ex-policia, era imediatamente fichado pra a vigilância. Era uma perseguição uma perseguição muito grande em cima dos trabalhadores. Davam busca no pessoal de baixo, enquanto os de cima, os chefes eram ignorados, ate mesmo privilegiados. As vezes sumia material de valor na usina e era a chefia que roubava, mas eles prendiam um peão como bode – expiatório.<sup>89</sup>*

Então não era somente entre os desempregados que residiam os *homens violentos*. Também os existia na usina. Na fala do senhor José Deusdedith supõe ser essa a habilidade necessária para o cargo de vigilante nos primeiros anos da Usina Intendente Câmara. Isso é afirmado novamente nos relatos sobre o massacre de Ipatinga. É difícil entender o preconceito mesmo que consigamos localizá-lo. Também entre os de alta e baixa patente. Os que merecem e os que merecem menos. Os que merecem menos quase sempre são reservados atributos de inferioridade: pela qualificação, origem ou situação econômica. Os que merecem menos também são tidos como incapazes. Faz parte das divisões que existem em nós e entre nós.

Quando o prefeito Jamill na década de 80 fala que os pobres são mais fáceis de liderar ele faz um juízo de valor qualitativo. Não é o mesmo juízo de valor que existe entre os intelectuais brancos que patrocinavam o ex-escravo Frederick Douglass. Nesse se distingue uma cultura erudita de uma reflexão subjetiva. No caso das palavras de Jamill Selim de Sales o sentido é que pessoas são fáceis de liderar por serem pobres e faltar o mínimo. Logo, qualquer coisa os convence. Diferente é a reflexão de José Deusdedith. Quando ele fala que “os de cima” dentro da usina eram poupados na hora da “busca”. Seria uma busca por equipamentos que estariam sendo roubados. Os de cima eram mesmo *privilegiados* nessa busca. Enquanto “os de baixo” não. São diferentes os dois preconceitos, mas nos dois está a idéia de ser subjugado. Que existem pensamento e pessoas que não podem ser selecionados, pois, neles não existe mérito.

Existiria então preconceito selecionando uma pessoa como Dona Zulmira Barbosa. Numa publicação que propõe identificar *as forças motrizes da História*<sup>90</sup>. Sendo ela de pouca visibilidade dentre os agentes destas *forças motrizes*. Existiria algum defensor na década de

<sup>89</sup> José Deusdedith “Serrinha” Chávez. Entrevistado por Lenira Ruenda e Carlindo Marques Homens em Série.Ipatinga /outubro de 1991.

<sup>90</sup> Homens em Série. Uma publicação da Prefeitura Municipal de Ipatinga. Ipatinga/outubro de 1991.

80 da memória “antes da USIMINAS”. Pelo que pudemos apurar é pouco provável. Sendo que a maioria dos entrevistados de Homens em Série. Ao relatar sua chegada a Ipatinga transmite a imagem de: “*Quando cheguei Ipatinga praticamente não existia*”, utilizando da fala de José Carvalho<sup>91</sup>. Ele chegou a Ipatinga as vésperas da construção da usina. Tem forte essa imagem. Quando chegou foram poucos anos da “cidade velha” e já se estabelecia a construção da Usina Intendente Câmara. Ele ainda morava no centro e “*as distancias eram percorridas a cavalo*”. O que sugere: quem morava no centro não ia com muita frequência ao Barra Alegre, que é o *lugarejo* mais velho dessa História. Mas o total da rotina de “*sociedades de comércio*” e da produção “*da roça*” é pouco explorado. Mas existia conforme pudemos acompanhar no capítulo um e dois.

Então surgem mais questões. Com olhar diferenciado refletiremos novamente a memória transcrita de Zulmira Barbosa. Quando na conversa que também participava Tina<sup>92</sup> menciona:

*Entrevistador: e tinha muita gente aqui Tina?*

*Tina: Nossa Senhora... tinha muita.*

*Zulmira: cozinha aqui meu filho... era pra 24 home, ia tudo no cargueiro.*

*Tina: Era no cargueiro...*

*Zulmira: com... de tarde cê fazia o acerto... essa mesa aqui era cheia de home comeno, home comeno... fazia canjica né... tudo comeno.*

*Entrevistador: e vocês cozinha pra eles?*

*Zulmira: é no fogão a lenha...*

A imagem transmitida é de trabalho bem organizado. De produção para venda numa escala que não pode ser sentida nas imagens de Homens em série. Mesmo assim é somente um relato e de um tipo de pessoa que não esta dentre o “*grupo selecionado*”. Como dar validade se todos minimamente são subjetivos. Devemos entender as motivações de cada ator social assim como a intencionalidade da pergunta e resposta. Pode não tornar o trabalho objetivo. Mas constrói reflexões que diferem das motivações de Homens em série.

Quanto à prioridade dos entrevistados de Homens em série. Vemos clara a idéia que, para as pessoas consultadas sobre o início da cidade, o fato mais importante é a construção da usina. Padre Miranda, por exemplo, diz que a influência da Usiminas na década de 80 é pouca. No entanto a Usiminas ainda é parâmetro para comparação das forças políticas. Na entrevista de Zulmira Barbosa a distância entre o tempo e o espaço que foi produzida é tão importante quanto à motivação da mesma. A família de Zulmira Barbosa não deu continuação à trajetória política de seu Pai. A fazenda foi repartida entre os filhos e desativada há algumas

<sup>91</sup> José Carvalho. Entrevistado por Lenira Ruenda. Homens em Série. Ipatinga/Outubro de 1991.

<sup>92</sup> Moradora da Fazenda Esperança há 60 anos.

décadas. A sede permanece como parte que cabe de herança. Zulmira e Tina moram na casa pelo menos há sessenta anos. Mas as entrevistadas, ao longo das seis décadas que moram nessa casa, mantiveram um tipo de rotina que difere daquilo encontrado no centro na mesma época. Além de o Barra Alegre manter-se ao longo da História de Ipatinga um bairro pouco populoso. Os problemas decorrentes da marginalidade demoraram a ser sentidos no bairro. Os bairros fronteiriços como Ipaneminha, Pedra Branca, Tribuna constituem a maior parte da zona rural de Ipatinga. A distância entre a usina e estes bairros é grande. O processo de urbanização foi demorado e não havia a demanda que outros bairros necessitavam. Por exemplo: os bairros “*construídos as pressas*” para alojar as primeiras levas de funcionários efetivos da Usina Intendente Câmara e suas famílias.

No conjunto econômico de Ipatinga o Barra Alegre é pouco expressivo. Não é dos bairros mais valorizados pela especulação imobiliária. A publicação *Homens em Série* denota importância em relacionar a Usiminas em suas perguntas. A Usiminas é a questão dos anos em que são produzidas essas memórias como também a trajetória da organização dos movimentos sociais. O PT está no poder pela primeira vez.

Essas são, entre outros fatores, referências das disputas dentre as pessoas consultadas e suas respectivas memórias em *Homens em Série*. A memória registrada de Zulmira Barbosa está distante deste contexto. O Barra Alegre não é um bairro expressivo na trajetória política de Ipatinga apesar de ser o bairro inicial. Não podemos esquecer que ele consta como primeiro distrito. É tão ou mais antigo que o vilarejo perto da EFVM onde hoje é o centro. A participação do Barra Alegre como primeiro distrito arregimentava os vilarejos circunvizinhos desta época ao comércio e a lavoura. Mesmo de maneira rústica, foi apagada. Não cremos que nos anos de confecção da publicação *Homens em Série* teria igual importância ou pertinência mencionar dados a trazer imagem de “*interior rústico apagado*”. Uma idéia que já satisfazia. A de que era *penoso e cheio de ofídios* foi mencionada. Este assunto não mereceria mais comentários. Isso analisando pela ótica do preconceito. Mesmo assim temos apenas um relato.

Para pensar melhor vamos retornar ao texto *A Filosofia e os fatos* de Alessandro Portelli. O autor reflete em parte do texto a necessidade de acúmulo de dados em termos quantitativos e qualitativos. Podendo ser um tanto quanto questionável e subjetiva validade desta única entrevista. Pensemos no que seria objetivo. Em se tratando de analisar uma fonte. Uma memória. Através do registro da fala. O que já discutimos ser em si é uma interpretação.

O Prof. Portelli relata uma passagem da vida de Frederick Douglass onde o ex-escravo interpreta as atitudes de um dos vigilantes. Para Frederick Douglass esse vigilante, o senhor



Hopkins, não demonstrava satisfação em ter que balançar o chicote para impor-se perante os escravos. O Prof. Portelli entende que:

*Para além da subjetividade do senhor Hopkins e através dela, através de sua capacidade de vê-la e interpretá-la, Douglass estabelece sua própria subjetividade, sua capacidade de ver, interpretar, influir na História. A relação entre estas duas subjetividades é, pois o argumento da narração.*<sup>93</sup>

Através dessa reflexão vemos propósitos em se tratar o conteúdo de um trabalho historiográfico. Não criarmos imagens cristalizadas. Mas acompanhar como estas questões repercutem no tempo. Pois o que fazemos em todo trajeto é a interpretação. Não estamos falando da interpretação da interpretação. Mas que o debate sempre vai carecer de novas perguntas. Novas questões. E através da reflexão o debate prossegue. Então a entrevista de Zulmira Barbosa e do senhor Firmo Lott não disputam com desigualdade diante seleção de entrevistados de Homens em série. Não em parâmetros hierárquicos de seleção. Mas em parâmetros de questionamento sobre o que não foi aprofundado. O que resta de um passado pouco valorizado. Pois não precisa de uma cidade pronta para existir cultura. Não precisa de uma siderúrgica para se construir História. Precisa-se de pessoas pensando seu ambiente.

Quando Zulmira Barbosa relata que trabalhavam 24 homens na fazenda de seu pai, mesmo que tivesse enganada sobre o número exato, transmite uma imagem que não consta da publicação Homens em Série. Foi um fato pouco explorado e pouco questionado no trabalho encomendado pela prefeitura. Temos em mente que a História do município de Ipatinga ainda carece de um aprofundamento em várias questões. E pensar sem a ótica que a Usiminas é a coisa mais importante da cidade pode demonstrar múltiplas relações sociais. A região no tempo anterior a construção da Usina Intendente Câmara pode ser mais dinâmica que o relatado na *memória pública* do município. Então o debate prossegue.

Não construímos assim um trabalho fechado. Temos clareza que várias outras pessoas devem ser chamadas. Que o potencial de questões sobre a história de Ipatinga é grande. O município é relativamente jovem. Sua História é marcada pelo aceleração de fatos e o desaparecer quase que instantâneo de uma rotina de relações rurais que variam do extrativismo a agricultura rudimentar. Esta não fomentaria uma migração como a ocorrida no final da década de 50. Mas também não perguntou se o Barra Alegre era potencialmente uma futura sede de município em virtude de ser o primeiro distrito. Que potencialidades o Barra Alegre tinha para ser distrito de Cel. Fabriciano antes do vilarejo do centro. Segundo consta

---

<sup>93</sup>Portelli, Alessandro. *A filosofia é os fatos. -narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol.1, nº2, 1996, p.59-72.

nos relatos o vilarejo do centro se constituiu em torno da Vitória-Minas. Mas não houve denotação de importância a fatos e características que motivaram pessoas a constituir lavouras e até mesmo olaria na região que era conhecida como “Água Limpa”, que hoje é Barra Alegre.

A relevância destes fatos se perdeu com o tempo dentro de uma concepção de história que sempre prioriza o merecimento público. O que seria interessante ser relatado ou não pode nos conduzir a uma visão estreita dos fatos. Visão que não consegue dialogar com o diferente. Quer se cristalizar. O que podemos construir é a idéia que não podemos menosprezar atores sociais. Politicamente é um dos primeiros passos para se esquecer das questões políticas e da memória social. Quando na verdade sempre está em disputa. A questão é política. Pois então, no Brasil, estão todos politicamente contemplados?

## Considerações finais.

Em julho e agosto de 2009 estive novamente em Ipatinga durante as férias. Tinha como objetivo organizar e recolher novas fontes para dar continuidade à pesquisa. Com esse material produzir um projeto de mestrado e concorrer há uma vaga no programa de pós – graduação em história. O propósito ainda está em andamento. Consideramos que não poderia haver acréscimo de novas fontes inseridas sem termos tempo apto para reflexão do material. Mas podemos inserir nessas considerações finais contribuições que alimentaram as questões anteriormente.

Nossa insistência em entender possibilidades de lacunas no processo da construção da memória no Vale do Aço não se deve a uma perseguição insólita. Deve-se ao tempo convivido com parte das pessoas em questão. Nós habitantes de Ipatinga. Mas foi alimentada por um debate teórico anterior. O tempo de aprendizagem em escrever e o que deveríamos escrever não arriscou mais inserções ou questões historiográficas que enriqueceriam mais esse texto. Essa pessoa não tinha condições de ofertar nesse tempo. Mas gostaria de começar essas considerações utilizando primeiro o texto da Professora doutora Heloísa Helena Pacheco Cardoso. Em sua introdução ela afirma:

*Existem diferentes maneiras de se conceber política. A relação entre o governo e as classes sociais não pode ser vista apenas como geradora de privilégios ou de repressão. De cada período histórico, as pessoas guardam memórias diferenciadas. De cada governante, os fatos privilegiados estarão sempre em consonância com o cotidiano dos indivíduos e sua posição social na hierarquia capitalista. Com exceção de Eurico Gaspar Dutra, os governantes que ocuparam a cena política brasileira no chamado período “democrático” (1945 – 1964), continuam servindo de modelo, em algum sentido, para os políticos da fase de “redemocratização”, iniciado nos anos oitenta. Se para estes, e para os empresários, é mais importante recordar os projetos marcantes e os feitos mais evidentes, para os trabalhadores o que importa é o elo de ligação, ou distanciamento, entre as camadas populares e os governantes. Nesse sentido, as imagens de Juscelino, Jânio e Jango aparecem sempre ligadas aos interesses populares, seja pelos frutos da modernização do país, seja pela construção da figura de “homem do povo” ou pela proposta de reforma agrária. Ao nível estadual, as lembranças são mais difusas. Em Minas, Juscelino aparece novamente como o político popular, que se preocupava em desenvolver o Estado, ao mesmo tempo em que valorizava o trabalhador.*

*A construção positiva não obscurece, no entanto, os problemas vividos pelos trabalhadores e suas associações. Inflação, alta no custo de vida, falta de produtos no mercado, endividamento do país também compõem o universo das lembranças de quem viveu os anos 50<sup>94</sup>*

---

<sup>94</sup>CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Conciliação, reforma e resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. Universidade de São Paulo, tese de doutorado, São Paulo, 1998.

Inserimos esse fragmento com o intuito de pensarmos uma questão que havia citado sem a contribuição da professora Heloísa. Procurávamos lacunas por estarmos munidos de uma premissa. Nesse universo de disputas o discurso nem sempre se valida ou corresponde com as práticas. Mesmo os discursos mudam com o tempo. Quando esses discursos são convocados em outra época admitem características renovadas.

A professora Heloísa não estava falando de Ipatinga na década de 50. Sim o Estado, trabalhadores e empresários de Minas Gerais na década de 50. Foi um trabalho que ofereceu suporte no início da pesquisa ainda cursando métodos e técnicas de pesquisa em História. A professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso foi a regente desta disciplina. Peço emprestada a lógica utilizada pela professora. Esse *elo de ligação* ou distanciamento entre as camadas populares e os governantes existe em variadas instâncias. No que podemos apurar em nosso entendimento é fundamental se observarmos a história do município de Ipatinga. Aparado somente pelo material produzido pela Usiminas teria somente a dimensão de empresa que fundou uma cidade. Somando esse material às publicações *Homens em Série* poderíamos afirmar continuamente a idéia que não se tinha muita coisa a relatar sobre o que era a região do Vale do Aço na década de 50. Estou forçando uma afirmação. O que procurávamos era uma reflexão sobre o que existia em Ipatinga anterior a Usiminas. Não podemos assumir conclusões, mas fazemos algumas considerações.

Primeiro, a história de Ipatinga começa a ser narrada com mais preocupação cerca de duas décadas após a emancipação. O jornal *Diário do Aço* publica em abril de 1984 a revista *Ipatinga ano 20*. A grande preocupação dessa revista é narrar os elementos mais importantes que movimentaram a cidade. Nessa revista observamos que existe uma gama maior de informações sobre o que eram as vilas que hoje constituem o município de Ipatinga. A importância da Usiminas é evidenciada. Mas o anterior a ela não é narrado com tão poucas páginas das publicações mais recorrentes. No entanto o problema não é o volume de páginas ou a quantidade de informações. Existe um discurso que se pretende acabado sobre o que era Ipatinga nessa época. Um discurso que aparentemente não pede mais questões.

O pouco que pudemos apurar nas entrevistas realizadas em 2008, como as realizadas em julho / agosto de 2009, pode demonstrar que existem dimensões pouco exploradas sobre essa narrativa. Além do que uma narrativa não exclui a outra. Elas se encontram quando procuramos os sentidos que as pessoas transmitem ao interpretar seu ambiente vivido e não verdades factuais. A ligação entre o progresso trazido pela Usiminas e transformação sofrida pelo ambiente Ipatinga é evidente. Que no início da década de oitenta a revista *Ipatinga ano*

20 narraria o que era necessário sobre a história do município de maneira diferenciada de publicações posteriores, era esperado. Em 84 a Usiminas comemora a cada ano produções recorde fruto de contínuos processos de expansão, mas logo em seguida vem a recessão. Os habitantes de Ipatinga nessa publicação não deixam de elencar a quantidade e qualidade de mudanças ocorridas em apenas duas décadas. A memória do que existia anterior a construção da Usina Intendente Câmara não está tão fragmentada. Faz parte da equipe de produção dessa revista nomes como Arcanjo Evangelista Pascoal. Ele foi vereador de Ipatinga e é um dos sete filhos de João Valentim Pascoal. Mesmo assim em publicação próxima a esta data identificamos uma versão que não relata a presença de outras vilas ou localidades.

*Em 1953, vim para Ipatinga. Cheguei aqui, assim, sem pensar até em fazer negócio, mas um amigo me ofereceu um bar e eu acabei comprando-o no mesmo dia. E, logo depois do negócio feito, então eu me preocupei em comunicar minha família que morava em Jaguaraçu. Fui lá avisei a família e, 16 dias depois eu estava morando aqui, em Ipatinga, já em 15 de junho de 1953. Era um povoado só, sem nenhum conforto. No tempo de chuva, muito barro; no tempo de sol muita poeira.*<sup>95</sup>

O senhor Raimundo Anício foi procurado por diversas ocasiões a registrar seu depoimento sobre Ipatinga. Não refletiremos profundamente sobre os motivos que o discurso do senhor Raimundo omite a presença do Barra Alegre. Mas podemos fazer uma consideração. A ligação entre o senhor Raimundo Anício e a Usiminas após 20 anos é maior que a relação do mesmo com a comunidade do Barra Alegre. A cidade de Ipatinga começa pelo centro. Essa é a lógica que ele entre tantos outros utilizam.

Entender o que foi a região de Ipatinga anterior a presença da Usiminas é um desafio vago de propósitos se não entendemos uma coisa antes. Que iríamos registrar nesse momento foi a forma como os atores sociais pensaram o processo vivido. A entrevista com Tia Zulmira Barbosa foi isso. Registre em nossa conversa os sentidos que ela carrega sobre seu ambiente vivido. Ela não estava descrevendo os fatos ocorridos no Barra Alegre a partir da década de 40. Ela falava de como era diferente quando a fazenda estava em pleno funcionamento. Como esse funcionamento promovia comunicação entre as regiões do Barra Alegre, Pedra Branca, Ipaneminha e vila de Ipatinga. Quanto era dispendioso o trabalho de produtor rural nessa região. Como o ritmo biológico das pessoas era diferente do ritmo biológico produzido por uma cidade siderúrgica. Ela gostava do ritmo antigo. Para um comerciante como o senhor Raimundo Anício essas considerações à época deveriam soar somente como empecilho. Não

---

<sup>95</sup> USIMINAS 25 ANOS. A comunidade. Fascículo 9, Ipatinga-Mg, Outubro de 1987. Depoimento de Raimundo Anício Alves.

esquecendo que nos dois relatos existe presença das questões próprias dos dias em que foram produzidas as entrevistas.

Entendemos que a atmosfera de fatos ocorridos durante a construção da Usina Intendente Câmara é uma trama com gama de fatores enorme. No entanto não podemos perder de mente que existia comunidades na região anterior a qualquer projeto siderúrgico. Excluir ou minimizar essa participação pode empobrecer o debate. Pois essas comunidades não desapareceram. Elas foram incorporadas a esta lógica.

Aproximando nossa reflexão da leitura feita por Paulo Roberto de Souza.

*Para além de um mero estudo sobre a ocupação regional desregrada e da carência de um trabalho estrutural prévio, a análise busca entender o desenvolvimento rápido dessa ocupação, privilegiando os conflitos dela decorrentes, assim como o avanço voraz dos capitalistas sobre a região, transformando – a em uma fonte de produção de mais capital. Para que esse objetivo fosse possível, o primeiro passo a ser tomado por essas pessoas com visão burguesa de vida foi transformar a terra, que até então obedecia a uma função social, em elemento de valor capitalista.<sup>96</sup>*

O elemento de valor capitalista é fundamental em nossas constatações. Esse elemento caracteriza a mudança do foco das relações sociais. A hierarquia administrativa mudou. A forma de se utilizar a terra mudou. O ambiente que anteriormente satisfazia uma função social compartilhada por atores sociais reduzidos passou a conviver com um turbilhão de novos projetos individuais. Com novas expectativas individuais. Com relações sociais nascidas da somatória contínua de novas necessidades.

O que existia não sumiu ou desapareceu mesmo sendo intenção de alguns grupos. Foi incorporado a essa lógica, sendo continuamente redimensionado no novo contexto de mudanças.

*Das mais diversificadas regiões de Minas Gerais, os futuros operários da Usiminas eram recrutados e todos traziam, nas bagagens, a cultura local, a esperança e a dignidade das famílias que viriam posteriormente. Essa cultura esparsa e localizada, que cada um desses audaciosos peregrinos trazia em suas bagagens, juntou-se ao tradicionalismo arraigado, forjando uma cultura própria ao sabor das necessidades que eles enfrentavam nesse campo de disputas, nesse ambiente hostil, porém promissor. O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, e, aos poucos, é incorporado pela cultura emergente<sup>97</sup>. Ao interpretar as palavras de Raymond Williams, é possível ter uma melhor visão dos acontecimentos nesse período de formação da sociedade ipatinguense. A massa de trabalhadores recém-chegados ao arraial adsorveu a cultura remanescente da época*

<sup>96</sup> Souza, Paulo Roberto de, 1954 - Cultura, trabalho e Conflitos em Ipatinga nos anos 60 /Paulo Roberto de Souza. – Uberlândia, 2007.

<sup>97</sup> WILLIAMS, Raymond. Hegemonia. In: *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.p.125

*das carvoarias, incorporando-a aos costumes e cultura trazida por eles das diversas cidades de origem.*<sup>98</sup>

Observando a história de Ipatinga por essa perspectiva temos clareza que, uma nova escrita sobre os acontecimentos vividos entre 1950-64 tem como prerrogativa a somatória de fatores e atores, não devemos cair na armadilha de dicotomias pré-estabelecidas. Uma história plural onde o que existia anterior a Usina Intendente Câmara possa ser dimensionado nesse enredo. Não ser excluído sobre o pretexto de menos importância. Utilizando somente a lógica do capital podemos chegar às mesmas conclusões. Que não se valida uma história onde narramos contextos pouco expressivos ao acúmulo de capital. Estes são ignorados por aqueles que demonstram a força da engrenagem do progresso. No caso de Ipatinga a indústria de transformação ou de base.

Mesmo assim devemos fazer a consideração mais necessária a esse texto. Não uma conclusão. Uma constatação. A história de Ipatinga na década de 50 é carente de documentos e fontes produzidas na época. O que trabalhamos ao longo do texto são trabalhos produzidos posterior a emancipação. Aliás, sendo criterioso, o primeiro relato sistemático sobre Ipatinga é datado de 1963. Um histórico produzido pelo senhor José Orozimbo a compor uma edição do jornal “o Ipatinga”.

O que temos então é a construção de como os atores sociais pensam o processo iniciado no final da década de 50. A forma como esses atores sociais dimensionam, recortam e selecionam suas experiências humanas antes e após a construção da Usina Intendente Câmara.

Pensamos imagens durante o texto. No entanto essas imagens são perigosas se nos apossamos do relatado sem esse critério: não existe forma competente de excluir a Usiminas do debate. Mesmo porque o texto poderia empobrecer sem considerarmos essa dimensão da cidade.

Para continuar a reflexão procuraremos construir um texto onde as dimensões não se percam entre dicotomias e conclusões pré-estabelecidas. A história do município de Ipatinga carece de uma prospecção generosa e criteriosa. Não temos considerações precisas ou narrativas factuais diretas sobre a Ipatinga em 1950. A somatória do trabalho pretendeu uma busca por sentidos sobre o esquecimento de parte de sua história. Espero ter sido claro sobre o que perseguia. A possibilidade de se escrever uma história de Ipatinga sem a presença da Usiminas não existe sobre outro critério. Escrever sobre isso seria procurar a parte que a

---

<sup>98</sup> Souza, Paulo Roberto de, 1954 - Cultura, trabalho e Conflitos em Ipatinga nos anos 60 /Paulo Roberto de Souza. – Uberlândia, 2007.

Usiminas ou poder público não convocou a prestar depoimento. Mesmo isso não excluía do entrevistado o posicionamento em relação à siderúrgica. Devemos procurar espaços que foram criados sem sua participação direta. Mas não se pode esquecer que em certa dimensão toda memória ativa sobre Ipatinga se posiciona em relação à Usiminas.



## RELAÇÃO DE FONTES

### Publicações diversas de instituições:

- Prefeitura Municipal de Ipatinga. *Homens em Série: A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. Vol.1. Ipatinga: Empresa Jornalística Revisão, Outubro de 1991.
- Prefeitura Municipal de Ipatinga. *Homens em Série: A História de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. Vol.2. Ipatinga-Mg: Empresa Jornalística Revisão, Julho de 1992.
- IBGE. *Enciclopédia dos Municípios brasileiros*. Vol. XXIV, Minas Gerais. Publicação comemorativa do 2º aniversário de governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. 31 de Janeiro de 1958.
- *Histórico Parcial da Conferência Cristo Rei*. Ipatinga-Mg, 1 de julho de 1983.
- USIMINAS. Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A. *Relatório: Trabalho em Turnos*. Chefia Geral da Usina. Ipatinga-Mg, Agosto de 1984.
- ARARIPE, D. de Alencar. *História da estrada de ferro Vitória/Minas (1904-1954)*. Rio de Janeiro, março de 1954.
- *Relatório da Directoria da Cia.E.F. de Victoria à Minas*. Apresentado em assembléia geral ordinária – realizada em 10 de Junho de 1904. Rio de Janeiro: Typografia Leuziwger, 1904.
- Departamento de cultura. *Histórico de Ipatinga* – subsídio da secretaria de cultura, esporte e lazer. Ipatinga-Mg: Estação Memória, 2006.
- GUERRA, João Batista. *Vazio Verde - O alvorecer de Ipatinga*. Ipatinga-Mg: Empresa Jornalística Revisão, Janeiro de 1995.

### Memórias:

- ATAÍDE, Ita Drumond. *Nossa Vida Nossa Gente - Uma feliz trajetória*. Ipatinga: VCS Propaganda. 2005.
- FERREIRA, João Batista. *Voltando ao principio, Ipaba e sua história*. 1º. Edição, Ipaba: Impressão jornais dos bairros, 2003.

### Revistas:

- REVISTA DO SINDIPA Sindipa (sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga): 40 anos de História. Maio de 2005. Ipatinga MG. Número especial de aniversário.
- REVISTA DO SINDIPA. Editada e produzida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga. Gestão 2001/2005. Ipatinga, MG.
- USIMINAS JORNAL. nº421, ano XXXIX. Ipatinga/Belo Horizonte, Maio de 2004.
- USIMINAS JORNAL. nº444, ano XL. Ipatinga/Belo Horizonte, Abril de 2006.

- USIMINAS 25 ANOS. A comunidade. Fascículo 9, Ipatinga-Mg, Outubro de 1987. Depoimento de Raimundo Anício Alves.

- IPATINGA ANO 20. Revista especial editada pela Empresa Jornalística Revisão Ltda. Ipatinga. 28 de abril de 1984.

- JORNAL DIÁRIO DO AÇO. Vale do Aço 2000 - Um Século de Vale. Ipatinga-Mg, 2000.

### **Entrevistas:**

-Realizadas em 2008:

Entrevista com Firmo Lott. Julho/2008.

Entrevista com Zulmira Barbosa. Julho/2008.

### **Referências Bibliográficas:**

- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs). *Muitas Memórias, outras histórias*: São Paulo; Olho d'Água, 2000.

- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro, Vol. 1, nº2, p. 52-72, 1996.

- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*. São Paulo, n.14, p. 07-24, fev. 1997.

- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n.14, p. 25-39, fev. 1997

- PORTELLI, Alessandro. “*O momento da minha vida*”: funções do tempo na História oral. In: FENELON, Déa et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

- LANGARO, Gianni Fernando. *Para além de Pioneiros e Forasteiros: outras Histórias do oeste do Paraná*. Universidade Federal de Uberlândia, dissertação de mestrado, Instituto de História, Uberlândia, 2006.

- CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Conciliação, reforma e resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. Universidade de São Paulo, tese de doutorado, São Paulo, 1998.

- DINIZ, Clécio Campolina, *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de mestrado, Belo Horizonte, 1981.

- MEDEIROS, Mônica Xavier de. “*Bom mesmo é ser metalúrgico.*” *Vivências de trabalhadores metalúrgicos de São José dos Campos*. Universidade Federal de Uberlândia, dissertação de mestrado, Instituto de História, Uberlândia, 2006.

- SILVA, Dácia Ibiapina da. *Memórias da Guerrilha do Araguaia: relatos de moradores de Palestina do Pará*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, tese de doutorado, CPDA, Rio de Janeiro, 2002.
- SOUZA, Paulo Roberto de. *1954 – Cultura, trabalho e conflitos em Ipatinga nos anos 60*. Universidade Federal de Uberlândia, dissertação de mestrado, Instituto de História, Uberlândia – MG, 2007.
- YAMAMOTO, Jorge Kazuo. *Avaliação e classificação de reservas minerais*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BRINA, Helvecio Lapentosa. *Estradas de ferro*. Belo Horizonte: Escola de Engenharia da UFMG, 1976-1979.
- Centrais elétricas de Minas Gerais. *Organização espacial em minas Gerais. 1970/80*, Belo Horizonte: CEMIG, 1987.
- TORRES, João C. de Oliveira. *História de Minas Gerais*. vol. V e IV, 2º ed., Belo Horizonte: Difusão Pan Americana do livro, 1961.

## ANEXOS

1



*Antiga sede da “Fazenda Esperança” construída em 1937. Barra Alegre, Ipatinga, MG. (acervo do autor).*

2



*Forno a lenha pertencente a sede da “Fazenda Esperança”. Barra Alegre, Ipatinga, MG. (acervo do autor)*